

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA

CARMEYLLA BATISTA VIEIRA

**A TERTÚLIA FILOSÓFICA NO ENSINO DE
FILOSOFIA:** Uma experiência prática de ensino no Instituto Estadual de Educação, Ciência
e Tecnologia do Maranhão – IEMA Pleno Bacabeira

CARMEYLLA BATISTA VIEIRA

**A TERTÚLIA FILOSÓFICA NO ENSINO DE
FILOSOFIA: Uma experiência prática de ensino no Instituto Estadual de Educação, Ciência e
Tecnologia do Maranhão – IEMA Pleno Bacabeira.**

Dissertação apresentada como requisito à obtenção do grau de Mestre em Filosofia, no Curso de Pós Graduação do Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA.

Orientador: Prof.º Dr. Helder Machado Passos.

São Luís
2023

CARMEYLLA BATISTA VIEIRA

**A TERTÚLIA FILOSÓFICA NO ENSINO DE
FILOSOFIA:** Uma experiência prática de ensino no Instituto Estadual de Educação, Ciência
e Tecnologia do Maranhão – IEMA Pleno Bacabeira

Dissertação apresentada como requisito à obtenção do grau de
Mestre em Filosofia, no Curso de Pós Graduação do Mestrado
Profissional em Filosofia da Universidade Federal do
Maranhão – UFMA.

Orientador: Prof.º Dr. Helder Machado Passos.

Aprovado em / /

Banca Avaliadora:

Prof.º Dr. Helder Machado Passos (orientador)
(PROFILO/UFMA)

Pref.ª Dr.ª . Ana Cristina Champoudry Nascimento da Silva (arguidor)
(Titular – Departamento de Educação II)

Prof.º Dr. Plínio Santos Fontenelle (arguidor)
(Titular –membro interno do PROF-FILO))

Prof.º Dr.º Almir Ferreira da Silva Junior (Suplente)
(Membro interno do PROF-FILO)

Prof.ª Dr.º. Ângelo Rodrigo Bianchini . (Suplente)
(Membro externo – Departamento de Educação II)

São Luís
2023

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada

BATISTA VIEIRA, CARMEMYLLA.

A TERTÚLIA FILOSÓFICA NO ENSINO DE FILOSOFIA: : Uma
experiência prática de ensino no Instituto Estadual de Educação,
Ciência e Tecnologia do Maranhão IEMA Pleno Bacabeira /
CARMEMYLLA BATISTA VIEIRA. - 2023.
157 f.

Orientador(a): HELDER MACHADO PASSOS.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Rede -
Mestrado Profissional em Filosofia/cch, Universidade Federal do
Maranhão, SÃO LUÍS, 2023.

1. Ensino de Filosofia. 2. Leitura. 3. Tertúlias
filosóficas. I. MACHADO PASSOS, HELDER. II. Título.

Dedico a minha família que é a minha base e a força que me move todos os dias, em especial aos meus filhos, que são minha motivação maior .

AGRADECIMENTOS

São tantas as pessoas que colaboraram na minha formação pessoal, humana, acadêmica e profissional que chegou o momento de agradecer a algumas delas pela importância que tiveram na minha vida e na elaboração deste trabalho. Agradeço principalmente a Deus, por seu amor incondicional e por me dar forças para prosseguir quando eu pensei que não resistiria a tantas dificuldades.

À minha mãe Carmelita, meu exemplo de força e perseverança, por apoiar os meus estudos desde as primeiras letras, incentivando-me e lutando para que eu chegasse até este momento. Ao meu pai Raimundo e irmãs Larissa e Sthefane pelo carinho, incentivo e torcida a cada vitória. Ao meu filho João Manuel que eu amo tanto, por seu exemplo de alegria e por sua doce inspiração na minha trajetória, me dando força e entusiasmo todos os dias nessa linda jornada que é a vida. A minha linda filha que está por vir, sinônimo de renovação e esperança. Ao meu esposo Adson pelo amor e parceria, família é o nosso bem mais precioso e pelo qual vale à pena todos os sacrifícios.

Agradeço imensamente ao meu professor orientador, Helder Machado Passos por sua partilha, paciência e por abraçar essa pesquisa comigo. Aos professores do mestrado profissional em Filosofia PROF – FILO UFMA, pelos riquíssimos ensinamentos a cada aula. Aos estudantes do Iema Pleno Bacabeira que aceitaram prontamente serem sujeitos desta pesquisa, pelas vivências compartilhadas e por tantas aprendizagens que me proporcionaram. Aos meus amigos que ao longo desse mestrado me apoiaram diante das minhas angústias e inseguranças

“Teus verdadeiros educadores, aqueles que te formarão, te revelarão o que são verdadeiramente o sentido original e a substância fundamental da tua essência, algo que resiste absolutamente a qualquer educação e a qualquer formação [...]: teus educadores não podem ser outra coisa senão teus libertadores.”

Friedrich Nietzsche

RESUMO

O presente estudo tem como título: **A TERTÚLIA FILOSÓFICA NO ENSINO DE FILOSOFIA**: Uma experiência prática de ensino no Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IEMA Pleno Bacabeira. Essa pesquisa tem como motivação inicial uma inquietação que surge da minha prática docente com estudantes do ensino médio da rede pública. Apresentando como objetivo geral analisar a prática da leitura filosófica no ensino médio especificamente nas turmas de primeiro ano do Instituto Estadual De Educação, Ciência e Tecnologia Do Maranhão – Iema no município de Bacabeira- MA e como os objetivos específicos , construir uma prática de leitura filosófica nos alunos do ensino médio levando em consideração seu próprio universo de leitura; Estimular a leitura filosófica de obras clássicas da Filosofia; Promover um ensino de filosofia que ofereça espaço de protagonismo para alunos e alunas; Apresentar a tertúlia filosófica como uma metodologia de incentivo à leitura filosófica na disciplina de Filosofia. Promover situações pedagógicas para o desenvolvimento das habilidades cognitivas necessárias aos alunos para solucionarem os problemas concretos que vivenciam. A leitura filosófica é um dos pontos centrais de discussão quando nos referimos ao ensino de filosofia. A leitura filosófica é um dos pontos centrais de discussão quando nos referimos ao ensino de filosofia. A leitura tem sido considerada, na educação humanística, como principal ferramenta para a conservação da tradição (memória da humanidade) e de grande relevância para a formação dos indivíduos. Analisar e discutir sobre a leitura filosófica como um problema na contemporaneidade faz-se necessária. Principalmente porque a educação do século XXI é marcada pelas incertezas das rápidas transformações. Nessa perspectiva, observa-se a escola e a economia de modo articulado, voltados para o sentido utilitarista. De um lado a forte concorrência de um espaço globalizado e do outro, a função de qualificação do conhecimento na produção de bens e serviços. A cultura é fomentada, mediante a prescrição exata dos limites que asseguram contrariedade apenas dentro dos padrões previsíveis, no caso da cultura de massa e dos interesses do mercado de trabalho. Junta-se a essa problemática o desejo de desenvolver com os estudantes e com os demais profissionais da educação uma metodologia de leitura para o ensino de filosofia que incentive os estudantes e permita que os mesmos alcancem a autonomia. A metodologia das tertúlias filosóficas oferece subsídio para construção de um saber escolar filosófico fundamentado em representações inclusivas e que podem contribuir com a resolução de problemas. Para corroborar teoricamente com a pesquisa utiliza-se o pensamento nietzschiano. Nessa concepção o filósofo Nietzsche observa a importância pedagógica da hermenêutica no desenvolvimento da educação humanística em detrimento de uma educação técnica.

Palavras - chave: Ensino de Filosofia, Leitura, Tertúlias filosóficas.

ABSTRACT

The present study has the title: PHILOSOPHICAL TERTULIA IN THE TEACHING OF PHILOSOPHY: A practical teaching experience at the State Institute of Education, Science and Technology of Maranhão – IEMA Pleno Bacabeira. and as the specific objectives, build a philosophical reading practice in high school students taking into account their own reading universe; Encourage philosophical reading of classic works of Philosophy; Promote philosophy teaching that offers space for male and female students to take center stage; Present the philosophical gathering as a methodology to encourage philosophical reading in the discipline of Philosophy. Promote pedagogical situations to develop the cognitive skills necessary for students to solve the concrete problems they experience. This research is initially motivated by a concern that arises from my teaching practice with public high school students. Philosophical reading is one of the central points of discussion when we refer to the teaching of philosophy. Reading has been considered, in humanistic education, as the main tool for the conservation of tradition (memory of humanity) and of great relevance for the formation of individuals. Analyzing and discussing philosophical reading as a contemporary problem is necessary. Mainly because 21st century education is marked by the uncertainties of rapid transformations. From this perspective, school and economy are seen in an articulated way, focused on a utilitarian sense. On the one hand, the strong competition of a globalized space and on the other, the function of qualifying knowledge in the production of goods and services. Culture is fostered through the exact prescription of limits that ensure contradiction only within predictable patterns, in the case of mass culture and the interests of the labor market. Added to this problem is the desire to develop with students and other education professionals a reading methodology for teaching philosophy that encourages students and allows them to achieve autonomy. The methodology of philosophical gatherings offers support for the construction of philosophical school knowledge based on inclusive representations that can contribute to problem solving. To theoretically corroborate the research, Nietzschean thinking is used. In this conception, the philosopher Nietzsche observes the pedagogical importance of hermeneutics in the development of humanistic education to the detriment of technical education.

Keywords: Teaching Philosophy, Reading, Philosophical gatherings

LISTA DE FIGURAS

FIGURA - 1	29
FIGURA - 2	30
FIGURA - 3	90
FIGURA - 4	91
FIGURA - 5	101
FIGURA - 6	102
FIGURA - 7	107
FIGURA - 8	105
FIGURA - 9	106
FIGURA - 10	107

LISTA DE TABELAS E QUADROS

QUADRO - 1	86
TABELA - 1	27
TABELA - 2	78
TABELA - 3	80
TABELA - 4	94
TABELA - 5	109
TABELA - 6	110
TABELA - 7	110
TABELA - 8	110
TABELA - 9	111
TABELA - 10	112

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO - 1	88
GRÁFICO - 2	88
GRÁFICO - 3	89
GRÁFICO - 4	89
GRÁFICO - 5	90
GRÁFICO - 6	90
GRÁFICO - 7	91
GRÁFICO - 8	91
GRÁFICO - 9	92
GRÁFICO - 10	107
GRÁFICO - 11	107
GRÁFICO - 12	108
GRÁFICO - 13	108
GRÁFICO - 14	109
GRÁFICO - 15	109
GRÁFICO - 16	111
GRÁFICO - 17	112
GRÁFICO - 18	112
GRÁFICO - 19	113
GRÁFICO - 20	113

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	COMO EDUCAR NO SÉCULO XXI? DESAFIOS E POSSIBILIDADES.....	15
2.1	A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o ensino de Filosofia no novo ensino médio.....	25
2.2	A leitura como método de experiência filosófica.....	38
3	NIETZSCHE E A ARTE DE ENSINAR A LER EM DIREÇÃO AO DESCONHECIDO.....	44
3.1	O leitor capaz de dançar.....	56
3.2	A escola e o desafio de se tornar o que se é.....	63
3.3	O protagonismo estudantil como vontade de potência.....	69
4	APRESENTANDO A TERTÚLIA FILOSÓFICA: LENDO OS CLÁSSICOS E COMPARTILHANDO PALAVRAS.....	74
4.1	Método da pesquisa.....	82
4.2	A escola e o perfil dos alunos.....	84
4.3	Relatando as experiências: Filosofia e sala de aula a aplicação prática da tertúlia filosófica.....	93
4.3.1	A análise de dados: um diálogo com os alunos do Ensino médio.....	105
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	115
	REFERÊNCIAS	118
	APÊNDICES	
	APÊNDICE A - Roteiro da atividade – O julgamento de Sócrates	125
	APÊNDICE B - Roteiro do questionário socioeconômico e étnico -cultural	126
	APÊNDICE C - Roteiro do questionário e entrevista	128
	APÊNDICE D – Roteiro de PODCAST	131
	ANEXO	
	ANEXO A - Modelo de solicitação de autorização para pesquisa.	139
	ANEXO B - Modelo do termo de esclarecimento e consentimento livre e esclarecido (para o estudante menor de idade)	141
	ANEXO C - Modelo do termo de autorização de uso de imagem aluno(a) menor de idade	144

1 INTRODUÇÃO

A educação, precisamente o ensino médio, têm sofrido grandes modificações, dentre elas podemos destacar a influência, das relações sociais mediadas pela tecnologia, desta maneira a escola possui por necessidade se sobrepor aos desafios diários, nesse contexto, o panorama educacional é um desdobramento sintomático da realidade em que se insere e, portanto, reflexo dos problemas vividos pela sociedade.

Essa dissertação procura contribuir para o corpo de conhecimento filosófico, estimulando o pensamento crítico e promovendo uma compreensão mais profunda das questões essenciais que permeiam o campo da leitura. Essa pesquisa apresenta como objetivo geral analisar a prática da leitura filosófica no ensino médio especificamente nas turmas de primeiro ano do Instituto Estadual De Educação, Ciência e Tecnologia Do Maranhão – Iema no município de Bacabeira- MA, visto que o campo da leitura é uma área que necessita ser investigada.

Desta maneira os objetivos específicos dessa dissertação de mestrado é, construir uma prática de leitura filosófica nos alunos do ensino médio levando em consideração seu próprio universo de leitura; Estimular a leitura filosófica de obras clássicas da Filosofia; Promover um ensino de filosofia que ofereça espaço de protagonismo para alunos e alunas; Apresentar a tertúlia filosófica como uma metodologia de incentivo à leitura filosófica na disciplina de Filosofia. Promover situações pedagógicas para o desenvolvimento das habilidades cognitivas necessárias aos estudantes para solucionarem os problemas concretos que vivenciam.

A educação no século XXI está passando por uma transformação significativa, impulsionada pela rápida evolução da tecnologia, mudanças na sociedade e novas demandas no mercado de trabalho. Neste contexto, a educação do século XXI busca preparar os estudantes não apenas com conhecimentos acadêmicos, mas também com habilidades essenciais para enfrentar os desafios de um mundo cada vez mais complexo e interconectado.

A era digital trouxe consigo uma revolução na forma como aprendemos e ensinamos, com a tecnologia desempenhando um papel central. Acesso à internet, dispositivos móveis, plataformas de ensino online e recursos digitais estão se tornando cada vez mais comuns nas salas de aula, permitindo que os estudantes explorem uma variedade de fontes de informação e desenvolvam habilidades digitais desde cedo.

Além disso, a educação do século XXI enfatiza a importância das habilidades e competências socioemocionais como: a empatia, a colaboração, a comunicação eficaz e o pensamento crítico. Essas competências são vistas como essenciais para que os estudantes se tornem cidadãos bem preparados para enfrentar os desafios do mundo real e para se adaptarem a uma economia que está em constante evolução.

Embora a tecnologia tenha o potencial de melhorar a educação de diversas maneiras, ela também apresenta obstáculos. O acesso desigual a tecnologia, as disparidades socioeconômicas podem ser exacerbadas pela tecnologia, o aprendizado online pode ser solitário, a falta de interação social pode afetar negativamente o desenvolvimento social e emocional dos estudantes, a internet também oferece inúmeras distrações, como redes sociais, jogos e vídeos online, que podem dificultar a concentração dos estudantes e prejudicar seu desempenho acadêmico.

Desta forma a escola precisa se sobrepôr aos problemas já vivenciados diariamente (falta de estrutura nas escolas, evasão escolar, baixo rendimento dos estudantes etc...) e buscar soluções para esse novo cenário. Estruturalmente essa dissertação intitulada: **A TERTÚLIA FILOSÓFICA NO ENSINO DE FILOSOFIA**: Uma experiência prática de ensino no Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IEMA Pleno Bacabeira, possui quatro capítulos.

O primeiro é a introdução deste trabalho. O segundo capítulo dessa dissertação é uma jornada intelectual que busca explorar e aprofundar questões fundamentais acerca das problemáticas no do século XXI. Refletiremos sobre a educação e as grandes questões educacionais vivenciadas, principalmente a relação escola e economia, especificamente no período da industrialização aos dias atuais.

Iremos apresentar como os fatos históricos e sociais que aconteceram na sociedade industrial do século XIX foram base para uma educação com o perfil tecnicista e de caráter utilitário, ainda existente nos dias atuais, pois o grande objetivo da escola nesse período era formar mão de obra qualificada. Essas características foram herdadas e hoje apesar dos grandes avanços educacionais, somos reflexos dessa sociedade mercantil¹.

Pretendemos explicitar nesta dissertação de mestrado, a luz do pensamento de Nietzsche, como a formação dos estudantes tem sofrido com as influências da sociedade

¹ Uma "sociedade mercantil" refere-se a uma forma específica de organização empresarial na qual duas ou mais pessoas (ou entidades) se unem para conduzir uma atividade comercial com o objetivo de obter lucro. Essas sociedades geralmente envolvem a colaboração de diferentes indivíduos ou entidades para combinar recursos, conhecimento e esforços na busca de interesses comerciais comuns

capitalista e da escola com caráter utilitarista, administrada pelos interesses da classe dominante e como isso tem, conseqüentemente, dificultado a práxis de uma educação para a autonomia e a construção de pensamentos críticos e criativos, sendo considerada para o filósofo Nietzsche uma “educação de rebanho”².

Desta maneira é possível traçar um paralelo entre o desenvolvimento da sociedade industrial movida pelo capitalismo com o neoliberalismo atual, pois o preenchimento do tempo do indivíduo, que antes era servo dos “senhores”, hoje tornou-se servo de si mesmo e de todas as metas de sucesso imposta pela sociedade, principalmente com toda a parafernália tecnológica a ponto do descanso do ser humano ser uma própria extensão do trabalho e como isso afetou todas as dimensões da vida do sujeito, inclusive sua formação cada dia mais técnica. A escola, como instituição por excelência formadora, tem mostrado dificuldades quanto ao seu caráter emancipatório, visto que por muitas vezes a escola tem oferecido uma formação massificada³.

No tópico 2.1 faremos uma breve análise da reformulação que o cenário educacional brasileiro está passando, denominado Novo Ensino Médio. O Novo Ensino Médio é uma reforma educacional implementada no Brasil com o objetivo de modernizar e tornar o ensino médio mais flexível e relevante para os estudantes. Essa reforma foi sancionada pela Lei nº 13.415/2017, conhecida como Lei do Ensino Médio, e trouxe várias mudanças significativas para a estrutura e o currículo dessa etapa da educação básica.

Dentre as principais características do Novo Ensino Médio podemos destacar, a flexibilização do currículo, ênfase na formação técnica e profissional, ampliação da carga horária, maior interdisciplinaridade, avaliação mais flexível pois as avaliações vão além das provas tradicionais ao verificarem também as habilidades e competências dos educandos. Uma principal característica do Novo Ensino Médio é o foco nos projetos de vida dos estudantes para que os mesmos apresentem mais segurança no momento de escolherem os itinerários formativos.

Em meio a mudança do currículo escolar, proposta pela Base Nacional Comum Curricular, a disciplina de Filosofia passa novamente por reformulações. A diminuição da

² O termo "educação de rebanho" é frequentemente usado para criticar sistemas educacionais ou práticas de ensino que tratam os alunos de forma uniforme, como se fossem um grupo homogêneo, desconsiderando suas necessidades individuais, interesses e habilidades. É uma metáfora que sugere que os alunos são vistos como membros de um rebanho, todos seguindo o mesmo caminho, sem considerar suas diferenças.

³ A expressão "formação massificada" refere-se geralmente a um modelo de educação ou treinamento que visa atingir um grande número de pessoas de uma só vez. É comumente associada a métodos de ensino ou programas de treinamento que buscam alcançar uma audiência ampla, em vez de se concentrar em grupos pequenos ou indivíduos.

carga horária e em alguns casos até a ausência da mesma. A disciplina de Filosofia historicamente enfrenta vários confrontos a respeito da sua presença no currículo escolar.

Nesse tópico refletiremos sobre a reformulação educacional do currículo escolar com ênfase na educação técnica e profissional, e sobre o espaço que a educação humanística, voltada para formação do pensamento crítico e reflexivo ocupa.

No tópico 2.2 exploraremos o campo da leitura, neste contexto, essa pesquisa se propõe a investigar e analisar temas de relevância filosófica, acerca da leitura no âmbito escolar, como ferramenta de autonomia e criatividade dos estudantes, buscando expandir o nosso entendimento sobre questões que têm intrigado filósofos ao longo da história.

Essa dissertação procura contribuir para o corpo de conhecimento filosófico, estimulando o pensamento crítico e promovendo uma compreensão mais profunda das questões essenciais que permeiam o campo da leitura. Essa pesquisa apresenta como objetivo geral analisar a prática da leitura filosófica no ensino médio especificamente nas turmas de primeiro ano do Instituto Estadual De Educação, Ciência e Tecnologia Do Maranhão – Iema no município de Bacabeira- MA, visto que o campo da leitura é área que necessita ser investigada.

A leitura, apesar de muitas vezes ser vista como um ato comum e rotineiro em nossas vidas, pode ser abordada como um problema filosófico fascinante e complexo. A filosofia, ao longo de sua história, tem se debruçado sobre diversas questões relacionadas à leitura, considera-se a leitura não apenas como um meio de adquirir conhecimento, mas também como um ato hermenêutico, no qual o leitor interage ativamente com o texto, trazendo suas próprias experiências e perspectivas para a interpretação.

A falta de leitura nas escolas pode ter consequências profundas na formação dos estudantes, afetando não apenas seu desenvolvimento intelectual, mas também sua capacidade de compreender o mundo e de se tornarem cidadãos críticos e participativos. A promoção da leitura ativa e significativa nas escolas é, portanto, uma preocupação central para melhorar a qualidade da educação e o enriquecimento cultural dos estudantes.

O capítulo três é um convite para nos deleitarmos sobre a filosofia nietzschiana acerca da educação O filósofo Friedrich Nietzsche utilizou de um exame crítico e reflexivo para analisar a escola, que na sua visão possuía um caráter tecnicista. Nietzsche estava preocupado com a uniformização da sociedade e da cultura, e ele argumentava que a busca pela uniformidade e a conformidade com normas rígidas eram prejudiciais ao desenvolvimento humano. A escola tecnicista, ao se concentrar na padronização do ensino e na produção de resultados mensuráveis, poderia ser vista como contribuindo para essa uniformização, o que

Nietzsche via como uma problemática. Costa Dias faz uma reflexão acerca dessa educação padronizada:

A educação a serviço do estado não é mais que um instrumento de manutenção do status quo, a formar cidadãos dóceis para o mercado. Essa é a educação propalada no tempo de Nietzsche. Não estamos também capturados por essa lógica? Nietzsche define tal realidade, como um “processo de mediocrização universal”, alimentado por uma “pobreza de espírito pedagógico”. (Costa Dias, 2016, p.170).

Nietzsche valorizava a individualidade e a criatividade, foco da escola tecnicista na eficiência e na aplicação de técnicas padronizadas pode limitar a capacidade dos alunos de desenvolverem suas individualidades e expressarem sua criatividade. Nietzsche introduziu o conceito de "vontade de poder", que se refere ao impulso fundamental que motiva os seres humanos a buscar poder, autonomia e auto expressão. A abordagem tecnicista, ao reduzir a educação a um conjunto de técnicas e métodos, pode não satisfazer adequadamente essa vontade de poder individual.

A visão de Nietzsche sobre a escola com caráter utilitarista é uma crítica, uma vez que o filósofo estava preocupado com a uniformização, a repressão da individualidade, a falta de consideração de questões morais e éticas, e a necessidade de satisfazer a "vontade de poder" individual. Segundo Hardt (2021, p. 112) “Nietzsche defende a educação como cultivo de si, em que seria possível ver a si mesmo como uma obra de arte, a ser sempre melhorada e burilada ao longo da vida”.

No capítulo quatro apresentaremos a metodologia das tertúlias filosóficas como instrumento de afirmação da autonomia e vontade de poder dos estudantes. As tertúlias filosóficas oferecem uma oportunidade valiosa para o aprofundamento do pensamento crítico, a exploração de questões fundamentais e a promoção do diálogo entre pessoas com diferentes pontos de vista. As Tertúlias filosóficas é um espaço onde os estudantes se reúnem para discutir temas relacionados à filosofia através da leitura de clássicos da Filosofia.

Elas têm suas raízes nas tradições intelectuais e culturais da Europa, especialmente em países como França e Espanha. No Brasil ela pode ser uma metodologia utilizada nas escolas como forma para promover, o debate aberto entre os estudantes, explorar temas diversos, ser acessível, pois todos podem participar, possuem também liderança flexível, e promove a interação dialógica, pois o diálogo e a troca de ideias são fundamentais nas tertúlias filosóficas. Os participantes são incentivados a fazer perguntas, desafiar ideias e explorar diferentes perspectivas. E conduz a exploração crítica, através da análise crítica e dos questionamentos.

Desta maneira os objetivos específicos da dissertação de mestrado é, construir uma prática de leitura filosófica nos alunos do ensino médio levando em consideração seu próprio universo de leitura; Estimular a leitura filosófica de obras clássicas da Filosofia; Promover um ensino de filosofia que ofereça espaço de protagonismo para alunos e alunas; Apresentar a tertúlia filosófica como uma metodologia de incentivo à leitura filosófica na disciplina de Filosofia. Promover situações pedagógicas para o desenvolvimento das habilidades cognitivas necessárias aos alunos para solucionarem os problemas concretos que vivenciam.

2 COMO EDUCAR NO SÉCULO XXI? DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Os professores do século XXI cada vez mais são direcionados a trabalhar os saberes sistematizados pelas humanidades e a partir da realidade local, devem selecionar saberes e fazeres que sejam significativos para seus estudantes. O papel de educar as gerações mais jovens se apresenta como uma necessidade que acompanha os grupos humanos ao longo dos tempos. A educação é uma das principais atividades que acontecem na sociedade, pois é um elo entre o passado e o futuro possuindo um caráter intergeracional.

Atuar na formação de novos sujeitos é desafiador, pois se educa de acordo com o mundo vivido ou, pelo menos, com a expectativa do mundo a ser vivenciado. No texto *Eclipse da razão* (1976), Horkheimer define o indivíduo como entidade histórica, compreendendo não só sua existência espaço - temporal e seus caracteres sensoriais como um membro da espécie humana, mas, sobretudo, a consciência da própria individualidade: a autoconsciência que lhe permite o reconhecimento da própria identidade.

Nessa perspectiva, ser professor de uma geração de estudantes nativos digitais⁴, que possuem como uma das características o perfil de imediatismo e narcisismo das mídias sociais, requer do professor estratégias para conectar o jovem e a escola. Pode-se afirmar que o contexto global do século XXI vem trazendo novos desafios e possibilidades aos profissionais da educação.

O advento da internet trouxe fortes impactos em diversas áreas de atuação profissional. Uma delas é a da educação. A Internet gerou novas formas de pensamento, produção, divulgação e armazenamento de conhecimentos e informações, as quais têm provocado profundas mudanças nos processos pedagógicos tradicionais.

Vive-se atualmente numa sociedade midiaticizada, na qual não há nada que não esteja profundamente relacionado com a mídia nem esteja intrinsecamente por ela influenciado, desde a economia até a religião, passando-se pela política e pela educação. A mídia atua como propagadora dos acontecimentos mundiais, sendo indispensável no exercício da informação,

⁴ O conceito de nativos digitais foi cunhado pelo educador e pesquisador Marc Prensky (2001) para descrever a geração de jovens nascidos a partir da disponibilidade de informações rápidas e acessíveis na grande rede de computadores

mantendo os indivíduos que se utilizam de seus meios informados sobre o que acontece ao seu redor e facilitando a convivência e comunicação nos ambientes que frequentam.

À medida em que o saber e a informação dominam cada vez mais todos os setores da atividade humana, a aprendizagem torna-se a chave do progresso. Isso se aplica não somente à economia que repousa essencialmente sobre o “fator humano” no que se refere ao conhecimento, às qualificações, à capacidade de adaptação e ao espírito empreendedor, mas também ao funcionamento das sociedades democráticas que necessitam de cidadãos bem informados e perspicazes.

A escola tem o papel de aprender a destacar o interesse pedagógico desse novo ambiente e ajudar estudantes a terem discernimento diante da massa de informações que recebem todos os dias. A expansão de conhecimento conduz os seres humanos, inevitavelmente a níveis de especialização sempre mais elevados, nesta perspectiva as pessoas necessitam está sempre em um processo de aperfeiçoamento.

Nessa realidade, o foco na aprendizagem tem se consolidado como base em teorias e diretrizes educacionais em todo o mundo. Trata-se de conceber a educação tendo como pressuposto o estudante como um sujeito ativo na construção do conhecimento. Nesse processo inclui-se a prática da leitura como fator essencial. Em um sentido muito mais amplo que a leitura mecânica, ou seja, que vai além da decodificação de um texto.

Nesse contexto, amplia-se o objetivo do estudante na escola, que por muito tempo foi reduzido a recepção de conhecimento. Como observa Bernard Charlot, sobre a educação na década de 50:

Até a década de 50 do século XX, a escola primária cumpre funções de alfabetização, transmissão de conhecimentos elementares, e como diziam no século XIX, “moralização do povo pela educação”. Poucas crianças seguem estudando além desse nível primário. Aliás, no Brasil, uma grande parte da população nem é alfabetizada, por não entrar na escola primária ou nela permanecer pouco tempo. Quanto aos jovens das classes populares, saem da escola para trabalhar na roça, numa loja etc., sejam eles bem sucedidos ou fracassados. Para as crianças do povo, a escola não abre perspectivas profissionais e não promete ascensão social, com exceção de uma pequena minoria que, muitas vezes, passa a ensinar na escola primária. Os jovens oriundos da classe média continuam estudando além da escola primária, mas, na maioria das vezes, esses estudos os levam às posições sociais a que já eram destinados. (Charlot, 2013, p.16).

Compreende-se que nesse momento a escola não apresentava um papel importante na distribuição das posições sociais e no futuro dos jovens. Entretanto na educação contemporânea, a função da escola vai além de transmitir conhecimento, devendo desenvolver também habilidades, competências atitudes, e valores que podem mudar a vida do estudante.

Essa é uma necessidade que o estudante do século XXI deve possuir. Saber aplicar o aprendizado na resolução de desafios cada vez mais complexos da vida cotidiana, da prática da cidadania e da atuação em um mundo do trabalho em rápida transformação. Assim, a aprendizagem torna-se um elemento essencial durante toda a vida do indivíduo, seja para uma melhor adaptação à vida profissional seja por representar uma atividade autônoma.

Pode-se afirmar que a escola contemporânea deve ter um sistema de ensino amplo e flexível que possibilite a autonomia do estudante. A grande questão é como educar esse jovem e torná-lo autônomo diante de toda complexidade dessa era em que vivemos? Essas são algumas inquietações vividas principalmente pelos docentes.

O educar no século XXI é marcado pelas incertezas das rápidas transformações, surgindo grandes impasses. Deste ponto de vista, mostra-se necessário analisar algumas épocas diferentes e a sua relação com a educação, como tentativa de compreensão das problemáticas atuais. Essa análise não ocorrerá de modo linear na escrita do texto, pois o foco não será nas datas e sim nos acontecimentos que foram relevantes no processo educacional.

O século XX testemunhou inúmeros fenômenos políticos, sociais, culturais e tecnológicos, que implicaram em transformações como a modernização, a democratização, a industrialização e urbanização da sociedade que causaram profundas mudanças no nosso *modus vivendi*.⁵ Essas mudanças foram cenários para as (re)adaptações contínuas na escola.

No início do século XXI e início de um novo milênio, a sociedade continua atravessando um período de questionamentos e de dúvidas, no qual as visões claras se tornaram raras. As tensões em nossa sociedade são experimentadas particularmente pelos jovens, pois essa juventude é uma criação de nossa sociedade industrial⁶ e pós industrial. Um exemplo que marca essa era de incertezas é um fenômeno observado por Simhadri (1988) no qual ele afirma: “o que entendemos por juventude não existia nas sociedades tradicionais, nas quais o fim da infância marcava a entrada na idade adulta” (Simhadri, 1988, p.35). O período da adolescência se estende cada vez mais, e a necessidade de preparar-se para as responsabilidades profissionais e pessoais é uma realidade. Desta forma a reforma educacional ocorre pelas transformações das demandas sociais e pode-se dizer pelo impacto dessas mudanças na juventude.

⁵ Maneira de viver; modo de se portar na vida, de conviver, de sobreviver: a modernidade marca grandes transformações no *modus vivendi* do homem.

⁶ A sociedade industrial se refere às sociedades que possuem uma estrutura social moderna. Essas sociedades nasceram com a Revolução Industrial, após a industrialização do Ocidente, que terminou no século XX. As sociedades industriais, portanto, são sociedades baseadas em uma estrutura social moderna.

Através da análise feita por Delors (2005), podemos observar alguns fatos e informações que foram importantes para a construção da educação contemporânea e do perfil do jovem em nossa sociedade.

As instituições internacionais que tem por objetivo promover ações com vistas ao desenvolvimento educacional, econômico e o bem-estar social, como a Organização das Nações Unidas para a Educação (ONU), a Ciência e a Cultura (UNESCO), o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), o Banco Mundial e a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) acompanham as mudanças na educação e buscam periodicamente alternativas em grande escala mundial.

Um exemplo dessa prática foi durante a Conferência Mundial sobre a Educação, realizada em Jomtien na Tailândia em 1990 (Delors, 2005, p.33), onde fez-se um balanço de prioridades para educação. O tópico que retrata a preocupação com o avanço da educação, exposto na conferência foi revisto posteriormente em 1993, em Paris pela OCDE, expondo a preocupação constante com o futuro da educação.

Um fato importante e que impactou diretamente em nossos dias, foi o relatório feito pela Comissão Internacional da UNESCO sobre a educação para o século XXI. Observou-se como grande problemática a frequência dos alunos nas escolas. Dentre as explicações, apontou que essa problemática poderia ter sido ocasionado tanto pelas modalidades da educação, assim como ao seu contexto sociopolítico. A partir dessa problemática algumas das mudanças que aconteceram na educação tinham como princípio aumentar a frequência dos alunos nas escolas.

Foram executadas estratégias com o objetivo de aumentar a participação dos jovens na educação. Em alguns países foi observado o êxito nas ações. Esse fenômeno foi visto principalmente nos países industrializados como na República da Coreia (Coreia do Sul), Na Malásia, Na França, Canadá e entre outros. No Japão, por exemplo, os índices de frequência escolar passaram de 42,5% em 1950 para 95,95% em 1993.

Na África, durante a Conferência de Addis – Abeba tinha-se como objetivo alcançar o índice de 70% para a escolarização do ensino fundamental, mas na realidade as cifras chegaram apenas a 38%. Em Bangladesh apenas 15% das meninas foram matriculadas. Problemática também observada em outros países. Na Conferência de Jomtien alguns estudiosos analisaram que os resultados não eram decorrentes apenas de problemas educacionais. Tais problemas eram reveladores de uma gama muito maior de graves motivos.

Nos 37 países mais pobres do mundo, os gastos com saúde por habitante tiveram uma redução de 50%, a partir de 1980, e os gastos com educação por aluno diminuíram 25%. Nesse contexto, muitos esforços de desenvolvimento social foram interrompidos, deixando centenas de milhões de pessoas em uma situação de pobreza absoluta. Ficaram privadas de uma nutrição adequada que lhes desse força para aprender ou para trabalhar, vulneráveis a doenças que não se consegue combater, incapazes de ler ou escrever, e com isso lhes é negado o acesso justamente às competências que lhes permitiriam melhorar decisivamente a qualidade de suas vidas. (Jomtien, 1990 apud Delors, 2005, p.37).

Essas informações podem expressar que para existir o êxito educacional das nações deve-se pensar em todos os âmbitos, incluindo a saúde, alimentação, qualidade de vida. Pois em um mundo interdependente, as capacidades das quais as pessoas são privada não afetam apenas a sociedade em que vivem, mas o mundo como o todo. Embora muitos países tenham feito grandes progressos, são bem mais numerosos os países que não conseguiram esse objetivo educacional.

Com todas as disparidades mencionadas acima, tanto no âmbito cultural, social e econômico entre os países industrializados e não industrializados, alguns foram fatores decisivos para ocasionar mudanças no campo educacional. O grande estímulo das nações industrializadas na busca pela participação dos jovens na educação, e o desejo de formar uma educação mais competente, ou seja, “uma força de trabalho produtiva” foi crucial para a inserção dos jovens na escola. Pois, o desemprego fornece um argumento poderoso a favor do ingresso dos estudantes nas escolas: a busca pela capacitação profissional.

O discurso de um novo modelo escolar que prepara o estudante para o mercado de trabalho, desperta no jovem o desejo para alcançar a tão sonhada estabilidade econômica, formando um novo ideal pedagógico. Como observa Laval⁷:

O novo modelo escolar e educacional que tende a se impor se baseia, em primeiro lugar, em uma sujeição mais direta da escola à razão econômica. Está ligado a um economicismo aparentemente simplista, cujo principal axioma é que as instituições em geral e a escola em particular só têm sentido como base no serviço que devem prestar às empresas e à economia. O “homem flexível” e o “trabalhador autônomo” são as referências do novo ideal pedagógico. (Laval, 2019, p. 29).

Nota-se a articulação utilitarista entre escola e economia. A forte concorrência, a busca constante por qualificação sendo a competitividade um axioma dominante dos sistemas educacionais. Observando por esse viés constata-se que a educação do século XXI apresenta pontos que precisam ser refletidos. Ao analisarmos os fatos por outro âmbito e nos

⁷ Christian Laval (nascido em 1953) é um pesquisador francês da história da filosofia e da sociologia na Universidade Paris Nanterre. Seus trabalhos centram-se em três grandes temas: a história do utilitarismo, a história da sociologia clássica e a evolução dos sistemas de ensino.

desprendermos dos discursos dominantes, podemos perceber lacunas que afetam diretamente a educação pública e com isso a maior parte da população.

O caráter fundamental da nova ordem educacional está ligado à perda progressiva de autonomia da escola, acompanhada de uma valorização da empresa, que é elevada a um ideal normativo. Nessa “parceria” generalizada, a própria empresa se torna “qualificadora” e “envolvida no aprendizado” e acaba se confundindo com a instituição escolar em “estruturas de aprendizagem flexíveis. (LAVAL, 2019, p. 30).

Observa-se através das pesquisas e reflexões feita por Laval (2019) que a escola está perdendo espaço e adquirindo caráter empresarial. A escola está perdendo sua autonomia e modificando sua natureza de desenvolver pensamentos críticos e criativos em detrimento dos fins econômicos. Nessa perspectiva é interessante pensar a escola segundo a premissa de Charlot (1987) *que* distinguiu três períodos históricos acerca da escola:

No primeiro período a principal função da escola era integrar o indivíduo moral, política e linguisticamente à Nação. O segundo período pode ser compreendido em que o imperativo industrial nacional ditou as finalidades da instituição e o terceiro e atual período, em que a sociedade de mercado determina mais diretamente as transformações da escola.

Porém essas mudanças não aconteceram de modo linear. Desde o século XVI, a educação firmou com uma concepção utilitarista, a sociedade passou a ter uma visão menos religiosa e mais técnica e científica. No século XVII, o saber passou a ser visto como uma ferramenta para “resolver problemas”, como afirmaria Francis Bacon, “Saber é poder”.

Em meados do século XIX encontramos no pensamento de Spencer um dos principais teóricos utilitaristas da educação, *argumentos* a favor de uma educação para a “vida completa”: “O que é mais negligenciado em nossas escolas é justamente aquilo de que mais necessitamos na vida” (Spencer, 1974 apud Laval, 2019, p.13). Ele se referia às profissões e negócios. Desta forma observamos que o neoliberalismo⁸ atual não veio transformar a escola de uma hora para outra, a mutação presente é a atualização dessa fase e das tendências que estamos vivendo.

Nosso atual cenário é estruturado, em grande medida, pelas tendências esboçadas ao longo das últimas décadas. Tais tendências não necessariamente apresentam aspectos positivos. Dentre elas destacam-se o progresso da ciência, a abertura das fronteiras econômicas e financeiras promovida pelo neoliberalismo e o progresso científico e tecnológico. Com a evolução da economia e o progresso da ciência ocorreu fatores como a diminuição da

⁸ Neoliberalismo é um novo conceito do liberalismo clássico. Sua principal característica é a defesa de maior autonomia dos cidadãos nos setores político e econômico e, logo, pouca intervenção estatal.

mortalidade infantil e o aumento das taxas do crescimento populacional, ocasionando assim, o aumento do desemprego.

Um outro fator ocasionado pelo “progresso” foi a interdependência das evoluções culturais e políticas, reforçadas pelos novos meios de comunicação que padronizam as comunicações. No âmbito educacional o olhar volta-se para as escolas. A educação é vista como uma chave de prosperidade econômica futura, como instrumento privilegiado da luta contra o desemprego e importante fator para o progresso científico e tecnológico.

No triângulo educação, emprego e economia destaca-se as tecnologias de informação. A superabundância de informações nas sociedades modernas, nas quais as mídias são onipresentes surgem novos problemas nas escolas, que já não é mais a principal fonte de informação. Parafraseando as palavras de Lê Thành Khôi (1973), a escola não é mais a única fonte de saber, hoje deve-se “aprender a aprender” para que os estudantes sejam capazes de ordenar e fazer a triagem de informação confusa, lacunar e tendenciosa da cultura comercializada de massa.

Vivemos em uma sociedade em rápida transformação social e cultural, sentindo a presença crescente do universo tecnológico, das mediações tecnológicas, dos mais variados dispositivos tecnocientíficos, completamente governada pelo princípio capitalista do lucro. A racionalidade técnica, uma vez dominada toda a sociedade, tem adentrado efetivamente no contexto educacional, sobretudo com a potencialidade deformadora dos produtos da indústria de massa. Para Lê Thành Khôi (1973) é impossível pensar em escola sem utilizar categorias econômicas.

Hoje em dia o ensino, que em várias etapas se tornou uma verdadeira indústria de massa, só pode ser descrito sistematicamente com a ajuda de categorias econômicas. Essa interpretação de ensino distingue três funções na educação moderna: formação de mão de obra qualificada; mudança cultural que suplanta o que é herdado; e formação de cidadãos responsáveis. (Khôi, 1973, p.110).

Para o autor essas transformações marcam o fim do humanismo clássico e a livre atividade humana. A adequação do ensino à modernidade tem como objetivo evitar o desperdício e a perda de tempo. As reformas educacionais são baseadas no “espírito do capitalismo” através das competições econômicas. Podemos dar como exemplo a descentralização da gestão escolar e a formação de professores que são focadas na melhoria da produtividade.

Nesse contexto observa-se que os desafios enfrentados para a formação consistente do homem continuam. Porém, ela apenas se modificou para uma nova submissão do indivíduo.

Que não se apresenta mais com as fantasias do mito, mas a insensatez da ciência moderna e do capitalismo. Fazendo com que a instrumentalização do saber recaia diretamente na formação do indivíduo que passa a seguir aquilo que lhe é dado, perdendo sua autonomia. Em uma sociedade cada vez mais marcada pela instabilidade das posições, o sistema educacional deve preparar os estudantes para esse cenário de incertezas. Com a nova estrutura da educação, pautada na pedagogia não diretiva⁹, que acontece de maneira flexível, e com o uso das novas tecnologias e o amplo cardápio de disciplinas oferecidos aos estudantes dá-se a eles a impressão de poder e de autonomia.

No entanto, a autonomia, nesse contexto da sociedade administrada tem, contraditoriamente a significação de heteronomia,¹⁰ pois para se tornar autônomo, nesses termos, o indivíduo anula sua individualidade em favor do coletivo onde, por sua vez, prepondera as ideias de autonomia ligadas aos princípios econômicos.

Como atividade propriamente social, a educação sofre os mesmos efeitos dessa instrumentalização e, para tanto, perpetua uma educação para a adaptação, ao invés de oferecer uma formação para o enfrentamento desse cenário. O predomínio das tecnologias e das mídias pode, nos conduzir a efeitos indesejáveis nos levando a “desumanização”. A questão não é rejeitar o progresso científico, mas ao contrário, zelar para que ele se incorpore de forma harmônica no tecido social e cultural e nos valores essenciais do ser humano.

No prefácio da obra de István Mészáros¹¹, “A educação para além do capital” faz-se uma crítica à natureza da educação nos dias de hoje.

O objetivo central dos que lutam contra a sociedade mercantil, a alienação e a intolerância é a emancipação humana. A educação, que poderia ser uma alavanca essencial para a mudança, tornou-se instrumento daqueles estigmas da sociedade capitalista “fornecer os conhecimentos e o pessoal necessário à maquinaria produtiva em expansão do sistema capitalista, mas também gerar e transmitir um quadro de valores que legitima os interesses dominantes”. Em outras palavras, tornou-se uma peça do processo de acumulação de capital e de estabelecimento de um consenso que torna possível a reprodução do injusto sistema de classes. Em lugar de instrumento de emancipação humana, agora é mecanismo de perpetuação e reprodução de sistema. (Mészáros, 2008, p.15).

5A Pedagogia não diretiva proposta por Carl Rogers, por visar justamente o não controle no sentido do sujeito colocar um poder pessoal sobre o conhecimento

¹⁰ Heteronomia é um conceito criado por Kant para denominar a sujeição do indivíduo à vontade de terceiros ou de uma coletividade. Se opõe assim ao conceito de autonomia onde o ente possui arbítrio e pode expressar sua vontade livremente

¹¹ István Mészáros (Budapeste, 19 de dezembro de 1930 - 01 de Outubro de 2017) foi um filósofo húngaro e está entre os mais importantes intelectuais marxistas da atualidade. Professor emérito da Universidade de Sussex, na Inglaterra, onde ensinou filosofia por quinze anos, anteriormente foi também professor de Filosofia e Ciências Sociais na Universidade de York, durante quatro anos.

Nessa perspectiva, nota-se através das palavras de Mészáros que a natureza da educação na sociedade atual está vinculada ao destino do trabalho. Nos dias atuais ainda é possível detectar nas nossas escolas a herança taylorista, consequência da massificação do ensino (Machado, 2019 apud Serrano, 2022 p.659), materializada em ambientes que lembram a fábricas, embasadas numa educação modelada de acordo com os interesses da industrialização e estruturada à sua imagem.

Essa educação continua a apostar numa forma de linha de produção e a propagar um ensino mecanicista igual para todos, alicerçado na memorização e repetição de conhecimentos, numa perspectiva de currículo acabado, estático, universal, linear e compartimentado (Morgado e Silva, 2018 apud Serrano, 2022, p.659).

Este tipo de educação escolar mecanicista não responde às exigências do mundo atual, por não investir no desenvolvimento das competências e habilidades esperadas num cidadão do século XXI, pois devem ser adequadas a um futuro desafiante e imprevisível. Essa postura educacional é um tipo de educação que amarra e aprisiona não somente nosso corpo que fica ainda hoje mecanizado a um só tipo de trabalho e aprisiona principalmente a nossa alma pois nos impede de sermos livres em detrimento de um status social, um trabalho “importante” esquecendo a amplitude da vida.

A liberdade nos é tirada de um modo tão velado, seja ela por doenças ou por excesso de trabalho, que achamos que todas as nossas atitudes são tomadas através da livre escolha, como aponta *Byung Chul Han*¹² na obra *Psicopolítica o neoliberalismo e as novas formas de poder*:

Doenças psíquicas, como depressão ou *burnout*¹³ são expressões de uma profunda crise de liberdade: são sintomas patológicos de que hoje elas se transformam muitas vezes em coerção. O sujeito do desempenho, que se julga livre, é na realidade um servo: é um servo absoluto na medida em que, sem um senhor, explora voluntariamente a si mesmo. (Han, 2018, p.10).

Nessa perspectiva compreende-se que o trabalho não liberta o servo, ao contrário, ele continua a ser servo do trabalho. Assim o capital explora a liberdade do indivíduo para se reproduzir. Desta forma, na contemporaneidade segundo *Byung Chul Han*, podemos não mais

¹² Byung-Chul Han é um filósofo sul-coreano que se dedicou a analisar as estruturas da sociedade do século XXI para entender como o modelo de produção da última fase do capitalismo tem interferido diretamente na vida psicológica das pessoas.

Veja mais sobre "Byung-Chul Han" em: <https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/byung-chul-han.htm>

¹³ Síndrome de Burnout ou Síndrome do Esgotamento Profissional é um distúrbio emocional com sintomas de exaustão extrema, estresse e esgotamento físico resultante de situações de trabalho desgastante, que demandam muita competitividade ou responsabilidade. A principal causa da doença é justamente o excesso de trabalho.

está vivendo o modelo tecnicista baseado na sociedade industrial. Porém enfrentamos, as velhas questões impostas pelo capitalismo que apenas se mutacionou para o neoliberalismo.

O neoliberalismo, como mutação do capitalismo, torna o trabalhador um empreendedor. Não é a revolução comunista, e sim o neoliberalismo que elimina a exploração alheia da classe trabalhadora. Hoje cada um é trabalhador que explora a si mesmo para sua própria empresa. Cada um é senhor e servo em uma única pessoa. A luta de classe também se transforma em uma luta consigo mesmo. (Han, 2018, p.14).

No sistema neoliberal já não existe a distinção entre proletariado e burguesia. Transformando a exploração imposta pelos outros em autoexploração, pois nos coloca a ilusão que tudo podemos conseguir. Nos cobramos por ter sempre um grande desempenho, e quando fracassamos não culpamos a um sistema, porém a nós mesmos. Segundo Byung Chul Han (2018, p.11) “No regime neoliberal de autoexploração, a agressão é dirigida contra nós mesmos. Ela não transforma os explorados em revolucionários, mas sim em depressivos”.

Estamos vivenciando uma crise educacional e podemos afirmar que a educação precisa de mudanças. Necessitamos que, o sistema de ensino, a escola e o professor se reinventem; “Temos de reinventar a Escola se quisermos que ela cumpra um papel relevante nas sociedades do século XXI”. (Nóvoa, 2006, p. 133).

A educação do século XXI precisa realmente quebrar paradigmas abrindo-se para possibilidades que vão além da formação para a vida econômica do discente. O professor precisa ter “destrezas pedagógicas que lhe permitem ensinar a reconhecer estereótipos e a respeitar outros pontos de vista” (Rego, 2013 *apud* Morgado, 2016 p. 63). A escola deve ser palco para o diálogo, para a alteridade e para a construção de saberes.

Diz-nos Nóvoa (2004) *apud* Serrano (2022, p.660) que o “ideal-tipo de aluno desapareceu completamente e temos diante de nós uma diversidade “explosiva”, constituída por alunos de todas as origens”. Vivemos uma era marcada pela diversidade, seja ela cultural, de gênero, religiosa entre outras. Esta diversidade está na heterogeneidade que temos no “palco” Escola que constitui fonte de maior riqueza. Entretanto esse cenário também é marcado por desafios.

A escola deve ser o local de receptividade desse discente. No espaço escolar, o discente precisa ser amparado e sentir-se protegido da “ignorância” que o cerca. Replicando para a sua comunidade atitudes antipreconceituosas, antirracistas, anti homofóbicas. Um espaço para que haja o respeito e a valorização da sua individualidade. O professor do século XXI precisa ter abertura e flexibilidade. Nesse ponto nos referimos ao ato de transformar a homogeneidade, a padronização e a uniformidade em diversidade, equidade, diferenciação e inclusão

A aprendizagem para o século XXI deve estar para além do currículo escolar, ela precisa fazer sentido para o estudante para que possa responder aos inúmeros desafios pessoais e profissionais que lhe são colocados. É crucial que a Escola sofra uma transformação profunda na sua essência, sobretudo no nível do trabalho docente. Os professores deverão ser profissionais reflexivos, autónomos e detentores de um espírito colaborativo e aberto à mudança e à inovação profissional”. (Alves, 2019, p.355).

Porém essas transformações deveriam ser seguidas de um amparo que direcione os professores, já que os mesmos são cobrados, porém não existe um apoio efetivo para essa inovação. Recentes reformas educacionais, sobretudo a reforma do Novo Ensino Médio, estão colocando o professor em um local de grande vulnerabilidade, pois espera-se que o mesmo seja o grande “mestre” do estudante do século XXI, porém o mesmo não está sendo orientado de modo legítimo para essa missão.

As reformas educacionais demonstram um redirecionamento do professor e dos estudantes para um espaço de incertezas. No tópico a seguir apresentaremos a reforma educacional em vigência, denominado Novo Ensino Médio e refletiremos sobre o lugar da Filosofia nesse contexto.

2.1 A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o ensino de Filosofia no novo ensino médio.

As discussões constantes neste tópico visam, principalmente analisar alguns pontos importantes da Base Nacional Comum Curricular para compreender as reformulações para o Novo Ensino Médio para assim refletir sobre a situação do ensino de Filosofia na atualidade. Levaremos em consideração, diretrizes, documentações especificamente, a BNCC além da reflexão de pensadores da educação.

A Reforma Curricular para o Ensino Médio (que foi denominado como Novo Ensino Médio) é um dos assuntos mais debatidos e questionados no campo educacional na atualidade. Entre a sua implementação ou sua revogação, encontram-se inúmeros pontos que são questionados por professores e estudiosos de todo país. O Ministério da Educação (MEC), em março de 2023, abriu consulta pública, por noventa dias, com o objetivo de “abrir o diálogo com a sociedade civil, a comunidade escolar e demais agentes para a coleta de subsídios para a tomada de decisão do Ministério da Educação acerca dos atos normativos que regulamentam o Novo Ensino Médio”.

Essa iniciativa vai ao encontro da mobilização de entidades profissionais, sindicais e instituições acadêmicas em todo o país que estão discutindo e propondo a alteração do novo ensino médio. Várias questões são envolvidas para se chegar nesse contexto, por isso é importante conhecer o que é a reforma do ensino médio e suas implicações.

O “Novo Ensino Médio”, tem como pretensão dialogar com as exigências de uma nova sociedade, gerado no âmbito das transformações tecnológicas, econômicas, das novas formas de produção do conhecimento; da globalização, não só das econômicas, como também do conhecimento.

Este novo modelo além de exigir um discente com competências e habilidades diferenciadas pressupõe, ainda um professor globalmente eficiente, com aptidões pedagógicas que lhe permitem ensinar a reconhecer estereótipos e a respeitar outros pontos de vista. É o denominado docente cosmopolita que ensina para a inclusão e integração num mundo globalizado, digital, que recusa a fragmentação do currículo e desenvolve nos seus alunos as competências essenciais para um cidadão do século XXI”. (Rego, 2013 apud Morgado, 2016, p. 63).

O movimento de transformações na educação carrega consigo competências a serem adquiridas não somente pelos estudantes, mas também pelos professores. Novas formas de organização do tempo e do espaço escolar, assim como a compreensão a respeito do papel da escola, centrada “na vida”, preocupada com a cidadania, com a inclusão escolar, sobretudo quando as contradições e desigualdades são aguçadas no abismo que separa os diferentes segmentos da sociedade.

Como afirma Domingos Fernandes (2020 *apud* Serrano, 2022, p. 663) o professor do século XXI que está apto para as exigências do Novo Ensino Médio é "um profissional que abre as portas e as janelas das salas de aula para que os alunos possam ver e estudar o mundo que os rodeia. Para que possam compreender aquilo que constitui a sua mais profunda razão de existir. O currículo, nestes termos, constrói-se e reconstrói-se, inventa-se e reinventa-se, vive-se! Confunde-se com a própria vida e só assim pode fazer real sentido."

O currículo escolar é a trajetória que o aluno irá percorrer durante sua jornada na escola, norteando o trabalho dos professores. Embora seja construído a partir da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) definida pelo Ministério da Educação, o currículo não é algo estático, ao contrário: ele é flexível a cada realidade, e é isso que o torna mais eficaz. Além das teorias que serão abordadas, ele também deve ensinar os aspectos humanos e sociais, como os comportamentos e valores que serão passados em cada aula, bem como acompanhar as transformações do mundo e se ajustar a elas.

Esse novo arranjo da educação brasileira faz parte da reforma do Ensino Médio aprovada pela lei 13.415 em fevereiro de 2017, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e estabeleceu uma mudança na estrutura do ensino médio, definindo uma nova organização curricular, mais flexível, que contemple uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e que promova a oferta de possibilidades de escolhas aos estudantes sobre os itinerários formativos, com foco nas áreas de conhecimento e na formação técnica e profissional. “Nesse contexto, os itinerários formativos, previstos em lei, devem ser reconhecidos como estratégicos para a flexibilização da organização curricular do Ensino Médio, possibilitando opções de escolha aos estudantes” (Brasil, 2018, p.471).

A Base Nacional Comum Curricular é o documento normativo da Educação Básica que dá suporte para a reforma do Novo ensino médio. Apresentando a seguinte definição:

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica. (Brasil, 2018, p.8).

A BNCC propõe que haja um alinhamento do currículo escolar entre as redes de ensino, afim de superar a fragmentação das políticas educacionais em nosso país.

Referência nacional para a formulação dos currículos dos sistemas e das redes escolares dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios e das propostas pedagógicas das instituições escolares, a BNCC integra a política nacional da Educação Básica e vai contribuir para o alinhamento de outras políticas e ações, em âmbito federal, estadual e municipal, referentes à formação de professores, à avaliação, à elaboração de conteúdos educacionais e aos critérios para a oferta de infraestrutura adequada para o pleno desenvolvimento da educação. Nesse sentido, espera-se que a BNCC ajude a superar a fragmentação das políticas educacionais, enseje o fortalecimento do regime de colaboração entre as três esferas de governo e seja balizadora da qualidade da educação (Brasil, 2018, p.8).

Ao longo da Educação Básica, as aprendizagens essenciais definidas na BNCC devem concorrer para assegurar aos estudantes o desenvolvimento de dez competências gerais. Na BNCC, a competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e sócio emocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho.

A BNCC tem por objetivo alcançar o efetivo desenvolvimento de dez competências fundamentais para a educação do discente. O foco no desenvolvimento de competências tem orientado a maioria dos Estados e Municípios brasileiros e diferentes países na construção de seus currículos. É esse também o enfoque adotado nas avaliações internacionais da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) que coordena o Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa, na sigla em inglês), e da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco, na sigla em inglês), que instituiu o Laboratório Latino-americano de Avaliação da Qualidade da Educação para a América Latina (LLECE, na sigla em espanhol).

As dez competências expressas na BNCC encontram-se na tabela a seguir:

Tabela 1- As dez competências da BNCC

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional

e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

Fonte: Ministério da Educação. (MEC)

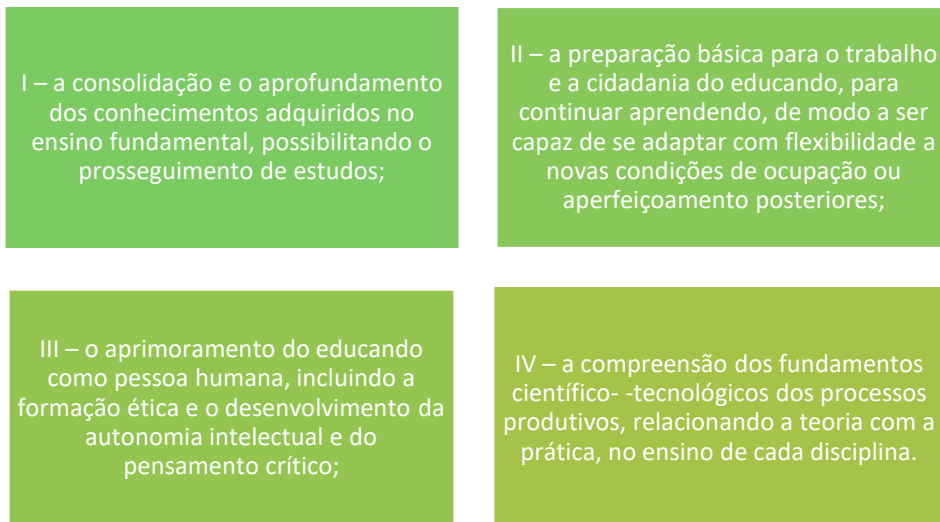
Nesse processo, a BNCC tem por objetivo, nortear as aprendizagens essenciais que todos os estudantes devem desenvolver e expressar, portanto, a igualdade educacional sobre a qual as singularidades devem ser consideradas e atendidas. Um outro fator significativo dentro da BNCC que influenciou diretamente na reformulação do Ensino Médio foi a modificação do currículo escolar. Já que na visão do documento a maneira anterior que se encontrava o ensino, não supria as necessidades do jovem do século XXI.

Como aponta a BNCC (2018) entre os fatores que explicam esse cenário, destacam-se o desempenho insuficiente dos alunos nos anos finais do Ensino Fundamental, a organização curricular do Ensino Médio vigente, com excesso de componentes curriculares, e uma abordagem pedagógica distante das culturas juvenis e do mundo do trabalho.

Para responder a essa necessidade, a BNCC mostra como imprescindível considerar a dinâmica social contemporânea, marcada pelas rápidas transformações decorrentes do desenvolvimento tecnológico. Levando em consideração as populações jovens que são mais atingidas por essas mudanças e, portanto, o que se demanda de sua formação para o enfrentamento dos novos desafios sociais, econômicos e ambientais, acelerados pelas mudanças tecnológicas do mundo contemporâneo.

Desta forma a BNCC considera como imprescindível reinterpretar, à luz das diversas realidades do Brasil, as finalidades do Ensino Médio estabelecidas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB, Art. 35)⁵³ expressas na figura a seguir:

Figura 1- Lei de Diretrizes e Bases da Educação para o Ensino Médio



Fonte: Ministério da Educação

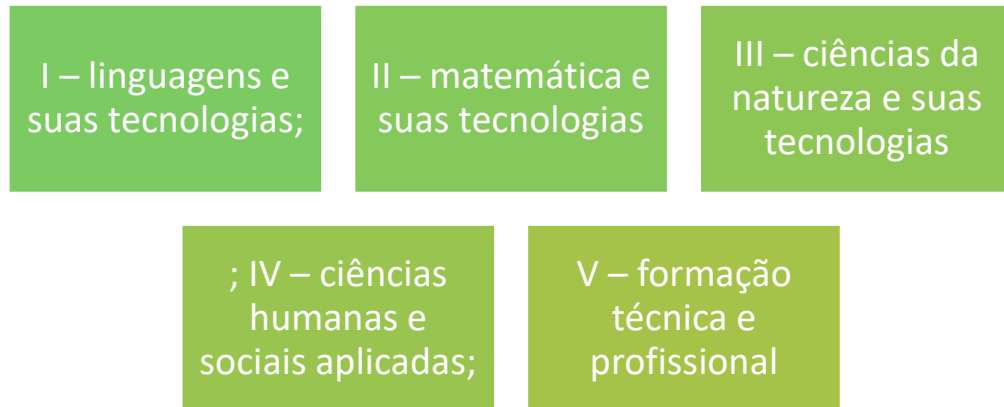
Deste modo por meio desses itens acima mencionados, a escola deve garantir aos discentes o prosseguimento dos estudos a todos aqueles que escolherem e promover a educação integral dos estudantes. Além de ofertar aos jovens a preparação básica para o trabalho. A escola deve criar um espaço de diálogo, não violência, respeito, combatendo as discriminações.

Em meio a um contexto de diversidade social e escolar, mostra-se como necessário a flexibilização do currículo escolar, como já previsto nas recomendações definidas pelo Conselho Nacional de Educação, no Parecer CNE/CP nº 11/2009, pois promover a construção de currículos flexíveis, que permitam itinerários formativos diversificados aos alunos e que melhor respondam à heterogeneidade e pluralidade de suas condições, interesses e aspirações é colocado como essencial na BNCC, além de promover a inclusão dos componentes centrais obrigatórios previstos na legislação e nas normas educacionais, e componentes flexíveis e variáveis de enriquecimento curricular.

Todas essas modificações resultaram na estrutura que hoje se denomina Novo Ensino Médio. Na direção de substituir o modelo único de currículo do Ensino Médio por um modelo diversificado e flexível, a Lei nº 13.415/201755 alterou a LDB, estabelecendo, no Art. 36, que: O currículo do ensino médio será composto pela Base Nacional Comum Curricular e por itinerários formativos, que deverão ser organizados por meio da oferta de diferentes arranjos

curriculares, conforme a relevância para o contexto local e a possibilidade dos sistemas de ensino, a saber:

Figura 2 – Estrutura do Novo Ensino Médio



Fonte: Ministério da Educação

Com o contexto da BNCC e com as premissas do Novo Ensino Médio a educação foi dividida por áreas de conhecimento, promovendo o interesse na formação integral do aluno (inserção da disciplina projeto de vida e tutoria), e na preparação para a formação técnica e profissional e promoção do protagonismo juvenil, através da oferta de variados itinerários formativos (disciplinas eletivas) e ampliação da carga horária das aulas.

A partir do que foi exposto sobre a BNCC e o processo da inserção do Novo Ensino Médio, surgem vários questionamentos. Será que todos discentes conseguem alcançar todas as competências mencionadas acima? Não serão essas competências metas utópicas e bem pretenciosas? Levando em consideração a realidade de um país como o Brasil, tendo em vista seu histórico social, cultural e econômico, será que existe a estrutura adequada para que a Educação de base, a mesma responsável por promover as dez competências anteriormente mencionadas consegue somar-se ainda tarefa da responsabilidade sobre a formação técnico e profissional dos discentes?

Com tantos questionamentos, é válido mencionar que a reformulação do ensino médio não aconteceu de modo tranquilo, pois temos vivenciado tempos de instabilidade política em nosso país e, em meio a vários acontecimentos no cenário político e econômico, ações que alteram significativamente a realidade, têm sido tomadas de maneira rápida e sem ampla discussão com os diversos segmentos sociais.

A implementação do Novo Ensino Médio veio para modificar a década de ouro (2008 a 2016) vivida pelos brasileiros acerca do ensino da Filosofia no ensino médio.

O ano de 2006 é um marco no ensino de Filosofia no nível médio. Culminando em uma série de estudos e preparativos, no dia 7 de agosto, o Conselho Nacional de Educação aprovou o parecer CNE/CEB 38/2006 sobre a inclusão obrigatória das disciplinas Filosofia e Sociologia no currículo Do Ensino Médio. Com esse parecer ficou determinado que, no caso de escolas que adotam a organização curricular estruturada por disciplinas, “deverão ser incluídas as de Filosofia e Sociologia”; o documento deu o prazo de um ano para as medidas necessárias para a inclusão dessas disciplinas. O parecer do CNE marca o início da discussão de propostas de trabalho, metodologias, explicitação de conteúdo, estratégias curriculares (Rocha, 2008, p.25).

O parecer do CNE indicou a inclusão das disciplinas de Filosofia e Sociologia no currículo do ensino médio, encerrando um período em que os conteúdos dessas disciplinas se mesclavam sem maiores problemas. É válido informar que é recente no Brasil os princípios e procedimentos necessários para configuração da Filosofia enquanto disciplina do currículo do Ensino Médio. O prefácio do livro *Ensino de Filosofia e Currículo* de Ronai Rocha explica bem essa situação.

Pode-se dizer que até os inícios da década de 1980 quase nada existia de específico sobre o assunto, a não ser alguns textos propositivos, voltados para a valorização da Filosofia enquanto requisito indispensável à formação dos alunos, pensados contudo sob o prisma da Filosofia dos cursos de Filosofia na universidade, de modo que nenhum deles, assim como a maioria daqueles produzidos em quantidade desde 1980, propõe algo que especifique o funcionamento desejado, e o possível, da disciplina no Brasil (Rocha, 2008, p.9).

Observamos que historicamente a presença da Filosofia como disciplina escolar sempre foi claudicante. Após a década iluminada para o ensino de Filosofia que se estende de 2008 a 2016 nos encontramos novamente em uma situação de incertezas. Como fica o ensino de filosofia nesse cenário do novo ensino médio? Mais uma vez o lugar da Filosofia é colocado em pauta. Esse fato não nos causa espanto já que a filosofia em sua essência sempre foi motivo de questionamentos.

Pensar no ensino de Filosofia e o seu papel na educação é muito desafiador, pois a Filosofia em si já apresenta uma natureza instigante. A pergunta “o que é a filosofia?” Se coloca necessária principalmente para aqueles que se propõem a pensar na sua articulação com a educação. Esse questionamento que vem desde a Grécia antiga, e que ainda hoje é considerada uma pergunta instigante a cada momento ganha novas nuances acerca desse debate, principalmente levando em consideração o lugar da filosofia no Novo Ensino Médio.

A presença da Filosofia no currículo escolar após a reforma do Novo Ensino Médio novamente foi questionada, novamente nos deparamos com a mesma problemática. Como ensinar Filosofia, com a diminuição da carga horária? Como conseguir explanar os conteúdos

relevantes em uma luta desenfreada contra o tempo? Como promover os debates filosóficos tão esperados em sala, quando o poder de fala é banido por uma reforma que tem dado muito o que discutir entre apoiadores e opositores?

Conseguiremos nós, professores de Filosofia promover e alcançar as habilidades e competências expressas na BNCC? A Filosofia marcada pela tradição milenar teria significado em um currículo que enfatiza principalmente a profissionalização (através dos itinerários formativos) baseada em saberes imediatos? Qual estrutura as escolas e professores possuem para a implantação do Novo Ensino Médio? Seria o Novo Ensino Médio um retrocesso?

Desde a Grécia antiga até nos dias atuais a Filosofia é uma disciplina que desperta constantemente questionamentos. Não somente sobre a sua presença no currículo escolar, mas principalmente por sua natureza. Segundo Heidegger, o questionamento “o que é a filosofia?” é necessariamente uma questão filosófica, cuja “resposta somente pode ser uma resposta filosofante, uma resposta que enquanto resposta filósofa por ela mesma” (Heidegger. p.31).

Normalmente em nosso cotidiano emitimos opiniões, expressamos nossas crenças, debatemos nossos ideais de forma “corriqueira e natural”. A filosofia, entretanto, aparece no espanto, na admiração das “coisas” mais cotidianas possíveis e nos faz repensar o mundo e a sociedade. Não aceitando, desse modo, todas as respostas já prontas e prestabelecidas.

O filósofo não é o detentor da sabedoria, não é proprietário do saber, mas o deseja, o procura, para com ela estar, sentir-se bem, participando dessa convivência, dessa proximidade prazerosa e inquietante ao mesmo tempo. A sabedoria é o objeto de um desejo que se busca a todo momento. Dessa forma o sentido da filosofia não está em trazer respostas, mas perguntar, questionar, cultivar a maiêutica¹⁴, aguçar ainda mais o insaciável desejo de saber.

Essa atitude de sempre está buscando respostas muitas vezes é desqualificada pela sociedade, marcada pelo imediatismo. Principalmente pelas escolas que possuem como objetivo maior formar os alunos para o mercado de trabalho, focando na sua instrumentalização. Em meio a reforma do ensino médio surge novamente a problemática: Para que serve a Filosofia? Já que com a modificação do currículo escolar voltado para a profissionalização, a filosofia encontra-se novamente deslocada.

Neste sentido, a filosofia é vista apenas como uma disciplina abstrata, perda de tempo e que não leva a resultados imediatos. O que não é percebido por muitos é que ao cultivar a dúvida e a crítica, analisando os conceitos, indo até a raiz o filósofo não se afasta da realidade,

¹⁴ Método *socrático* que consiste na multiplicação de perguntas, induzindo o interlocutor na descoberta de suas próprias verdades e na conceituação geral de um objeto.

ele apenas amplia as formas de ver, de agir e julgar afastando-se das interpretações imediatas e superficiais.

Na modernidade, a filosofia passa a integrar os sistemas educativos, adquirindo uma dimensão estatal, desta forma os professores não transmitiam uma filosofia, mas ensinavam a partir de conteúdos que pertenciam a um programa oficial. Segundo Cerletti (2019, p.14) “o sentido de “ensinar filosofia”, estaria, pois, redefinido pelo sentido institucional que se outorga a esse ensino”. E essa é uma grande problemática já que vivemos em uma sociedade que tem por objetivo formar profissionais deixando de lado outros fatores essenciais.

Existe um diálogo interdisciplinar com teóricos da educação, que contribui para a discussão sobre como a educação pode preparar os estudantes não apenas para o sucesso acadêmico, mas também para uma participação cívica ativa e uma compreensão mais profunda das complexidades da vida humana, Morin fortifica o questionamento sobre as aprendizagens formais do currículo acadêmico e da escola obrigatória e a relevância na vida diária e profissional dos estudantes.

Desta maneira, os conteúdos devem ser transmitidos pelo currículo escolar necessitam fazer sentido na vida do discente. Fornecendo aos estudantes meios para aprimorar suas capacidades pessoais, para enfrentar um mundo complexo que muda o tempo todo e prepará-los para serem cidadãos informados, ativos e comprometidos. Morin (2015) afirma que:

la educación produce ciudadanos. Los ciudadanos producen democracia. Y la democracia favorece y permite una educación que forme ciudadanos. Pero, por desgracia, en todas las escuelas no prevalecen estos aprendizajes. ¿Quién decide lo que enseñar?; ¿Realmente se piensa en las capacidades que los alumnos van a necesitar a lo largo de su vida? y ¿Qué aspectos deberían aprenderse en la escuela para formar buenos ciudadanos? (Morin, p. 04, 2015)

A educação para a cidadania é uma tarefa que deve ser ensinada principalmente pelas humanidades. Porém, a sociedade corre grande risco já que no lugar de cidadãos reflexivos, críticos e preocupados com os demais, “produziremos” uma geração de máquinas utilitárias. Fato esse decorrente do desaparecimento progressivo das humanidades, do currículo escolar, frente a um conhecimento mais técnico que responde a lógica de mercado.

Segundo Giroux, a escola mais humana apresenta as seguintes características:

En esa escuela más “humana,” los valores cívicos a enseñar son la libertad, la igualdad, la solidaridad, el respeto activo y el diálogo, a los que se podrían añadir la participación, la justicia, la tolerancia y la responsabilidad; junto con las capacidades de escuchar, dialogar y participar y las aptitudes para reflexionar, reconocer al otro, interesarse por su vida, imaginar, emitir juicios críticos, pensar en el bien común (Giroux, 2019, p.5).

No texto da Base Comum Curricular percebe-se a preocupação com a formação mais humana do educando. É mencionado que, “(...) é também finalidade do Ensino Médio o aprimoramento do educando como pessoa humana, considerando sua formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”.

Contraditoriamente, observamos que ao mesmo tempo que os documentos oficiais, defendem uma educação mais “humana”, na prática observamos o descaso com as disciplinas desta área de ensino, especificamente com a Filosofia. Já que após a implantação do Novo Ensino Médio e com a redução e por vezes a exclusão da carga horária, os professores apenas conseguem trabalhar mais efetivamente a disciplina de Filosofia nos horários das disciplinas eletivas¹⁵.

O ensino de Filosofia tem como uma das funções de ampliar os significados de vida dos estudantes, fazendo com que o que foi apresentado em aula se transforme não somente em conhecimento cognitivo mas também que amplie a sua visão de mundo, auxiliando na formação do cidadão de bem para o mundo.

Segundo Charlot (1996), a relação entre o aprender e ensinar significa propiciar um encontro com o saber, mas não um saber que está primeiramente somente no professor ou nos conteúdos, mas sobretudo na cultura no meio, no entorno do estudante, na comunidade local. O ensino tem que propiciar um saber com todos e para todos. Desta forma a filosofia não pode estar presa às paredes da sala de aula mas perceber que o conhecimento pode acontecer em vários campos.

Filosofia e filosofar se encontram unidos, então, no mesmo movimento, tanto o da prática filosófica como o do ensino de filosofia. Portanto ensinar filosofia e ensinar a filosofar conformam uma mesma tarefa de desdobramento filosófico, em que professores e alunos compõem um espaço comum de pensamento. É em virtude disso que avaliamos que todo ensino de filosofia deveria ser, em sentido estrito, um ensino filosófico (Cerletti, p.19. 2009).

Para Cerletti, filosofia e filosofar devem andar juntos. No espaço da sala de aula deve acontecer debates filosóficos, reflexões, aprendizado de conteúdo filosófico, porém todo esse conhecimento deve ultrapassar o ambiente escolar e ganhar significado, a partir das problemáticas do estudante para que o mesmo veja sentido e vivenciado. Estabelecendo uma relação entre o que aprendeu em sala de aula e o seu meio social.

¹⁵ No ensino médio as disciplinas eletivas são compostas por dois ou mais componentes curriculares de áreas diferenciadas, onde o aluno faz a escolha de qual eletiva ele irá participar. A carga horária da eletiva são duas horas aula por semana.

Ghedin e Charlot compartilham o pensamento sobre a aprendizagem significativa que ultrapassa os “muros da escola”. Para Ghedin (2008) “Deve-se, pois, existir uma abertura para as indagações do cotidiano, não para que a Filosofia se torne corriqueira, mas para que, agindo assim, desempenhe seu papel de crítica da realidade sócio histórica produzida pelo próprio ser humano”. O ensino de filosofia não pode ser visto somente pela perspectiva do ensinar, mas pelo ponto de vista do aprender, o conhecimento deve ir além, tendo como funções, ser mais que ensinado, tem que ser apreendido.

A aula de Filosofia deve ser um espaço de criação de debate, onde o professor seja orientador e tutor do processo educacional e não concebido apenas como um arquivo transmissor de dados, compreendido como tarefa primordial repassar informações aos alunos. Assim, compete ao docente investigar o meio que envolve a realidade escolar, para a partir desse momento instigar os estudantes sobre diferentes assuntos para que a inquietação se transforme em aprendizado.

O reconhecimento e a valorização da diferença implica, por parte do professor, a aceitação consciente e deliberada do seu papel enquanto gestor de sala de aula, na certeza de que poderá criar as condições pedagógicas para que todos os alunos aprendam. Como nos diz Moraes (1996), “em vez de atender a uma massa amorfa de alunos, despersonalizados, é preciso focalizar o indivíduo” (Moraes, 1996, p.15).

O aluno deve ser visto como ser único e particular e não ser reconhecido somente como um número da frequência escolar. Nem mais um índice em meio a tantas estatísticas. Essa é a grande aposta da BNCC. É a esta diversidade que a contextualização curricular deve dar resposta, conferindo sentido e funcionalidade ao ensino-aprendizagem ao potencializar uma ligação mais estreita entre o conhecimento escolar, os contextos locais e os conhecimentos e experiências dos alunos (Morgado; Silva, 2018 apud Serrano, 2022, 360).

Neste cenário, o professor deve observar cada aluno como um ser complexo (singular, único e integral), dotado de razão e emoção, de múltiplas inteligências e diferentes estilos de aprendizagem, mas também um ser social, um ser coletivo, que não pode ser dissociado do seu contexto, nem das suas experiências e vivências enquanto ser histórico (Comi, 2015 apud Serrano, 2022, p. 361).

Para Cerletti (2009) o ensino de filosofia deve ser eficiente e eficaz, ou seja: não deve ser apenas transmissão de conteúdo, mas esse conteúdo deve ser significativo para o estudante, para que o mesmo consiga a partir do conteúdo aprendido em sala resolver problemas da sua realidade, afim de que a filosofia não fique somente no campo teórico mas que seja desenvolvida na prática, ou seja, a partir das angústias do seu cotidiano.

Sobre essa questão, existe o debate grandioso entre dois filósofos Kant e Hegel (Ramos, 2007, p.198) que instigam sobre: Aprender a filosofar ou aprender a filosofia? Esta é uma questão que se põe de forma incontornável sobre as possibilidades do ensino da filosofia. Para o filósofo Kant temos que aprender a filosofar, já Hegel nos estimula a aprender a filosofia.

A tese que sustentamos é a de é preciso imbuir o aluno de uma perspectiva filosófica crítica, possível apenas quando se aprende a filosofar; mas, é necessário também apresentar o lado sistemático que se traduz pela apreensão de conteúdos escolásticos firmados nos diversos sistemas filosóficos da história da filosofia, momento em que se aprende os conteúdos da filosofia de um determinado filósofo ou de um sistema. Kant e Hegel retratam essa dupla perspectiva. A produção filosófica destes pensadores traduz a possibilidade seja de uma filosofia crítica que nos incita a aprender a filosofar (Kant), seja de um saber sistemático que nos estimula a aprender a filosofia (Hegel) (Ramos, 2007, p. 02).

Para Charlot (1996), o conhecimento deve fazer sentido na vida do estudante. Ele utiliza a expressão *Savoir et Rapport au Savoir*, que significa relação *ao saber*. O autor nos conduz ao conhecimento que deve fazer sentido na prática. Essa relação é centralizada a partir do sujeito, como parte constitutiva dele. Sendo assim, representa uma relação, indissociavelmente, singular e social (Charlot, 2000), podendo ser entendida como uma disposição íntima constituída num quadro de gramática social (Beillerot, 1989).

Essa relação com o saber pode ser um conteúdo, a escola, a cultura, bairro, o país e assim por diante, significa que a atitude filosófica vai acontecer em sala de aula efetivamente se o professor for capaz de permitir aos estudantes estabelecer uma relação com seu entorno e não ficar preso somente a um conteúdo, autor, teoria da filosofia, mas ao contrário abrir uma pluralidade de filosofias e uma pluralidade de conteúdo.

O ensino de filosofia somente terá sentido no currículo se o estudante for capaz de estabelecer uma relação com o entorno em que ele está, possibilitando que o conteúdo aprendido seja eficiente e eficaz, sendo eficiente ele irá cumprir todos os requisitos e se tornando eficaz terá um impacto no meio, na cultura, modificando conceitos, repassando questões, não ficando apenas no dito mais propagando maneiras de pensar e agir sobre as problemáticas que são do seu cotidiano como a violência, preconceito, racismo, desigualdade social, o problema da fome e tantos outros que são comuns na realidade do estudante.

A Filosofia tem o poder da transformação. Esse poder é construído em cada aula, em cada debate, em cada conversa no corredor, em cada livro lido, em cada filme ou série comentada e refletida. Esse espaço, pode ser disponibilizado por vários discentes e disciplinas. Porém é com a disciplina de Filosofia que o aluno sente que neste lugar existe um terreno fértil para brotar suas ideias. Livres de julgamentos, com espaço para questionar e ter experiências.

Discutir sobre sobre esses impasses não é uma tarefa fácil, porém necessária. Visto que na atualidade despertar no aluno o desejo pela leitura e pelo filosofar em meio a tantas demandas como a tecnologia e o próprio NEM (Novo Ensino Médio) é desafiador. Tornar o ensino de filosofia eficiente e eficaz dando significatividade para as teorias tirando-as do papel e as contextualizando com outras formas de aprendizagem que sejam atrantes para os estudantes pode ser o caminho para o saber filosófico e o filosofar.

2.2 A leitura como método de experiência filosófica

O ensino de filosofia na educação básica, tem como função ultrapassar a dimensão do currículo escolar e do livro didático, pois, caminha na direção de uma disciplina de estudo, que vai além do sentido de absorver conteúdo, mas de comprometimento e corresponsabilidade com os problemas sociais e políticos que precisam ser tomados como meios de problematizar a realidade. Isso não significa que a Filosofia tenha uma saída para todos os problemas cruciais a sociedade, esse é um esforço que se deve fazer em conjunto. Porém a Filosofia tem a tarefa de promover a autonomia para que os estudantes possam construir uma humanidade mais justa e igualitária.

O ensino para autonomia exige que se adotem metodologias que favoreçam um olhar de transição dos temas e problemas para a construção de um processo de argumentação e análise, para atitudes que desenvolvam interesse, criatividade e produção no ensino aprendizagem. Refletir sobre o ensino de filosofia, e sobre qual método é eficaz para a efetivação desse conhecimento, torna-se totalmente necessário.

Ghedin observa que:

Sendo verdade que cada ciência possui seu corpo específico de conhecimento e se elabora de determinada maneira, como uma metodologia apropriada, então é justificável que essa ciência e esse conhecimento possuam uma maneira apropriada de serem transmitidos e produzidos em graus variados pela escola. Tendo a Filosofia um modo próprio de produzir-se e de fazer-se, há que dispor também de um modo de ser apropriada e construídas pelos que a ela desejam ter acesso. Essa tarefa de pensar os pressupostos epistemológicos e metodológicos de seu ensino é um compromisso que nós, como professores da disciplina, não podemos deixar de lado. (Ghedin, 2008, p. 142)

Segundo Ghedin, entende-se que a Filosofia é uma ciência que possui um tipo específico de conhecimento e precisa de metodologias específicas para produzir essa prática. Portanto, o ensino de Filosofia como uma problemática deve ser refletida e enfrentada pelos

professores. Sendo a sala de aula um espaço de conhecimento, é válido pensar sobre os impasses encontrados nesse meio.

Isso porque, além do conteúdo filosófico e do método de produção do conhecimento, o professor enfrenta ainda outros obstáculos. A falta de interesse dos alunos, sala de aulas com grande número de estudantes, condições estruturais escassas entre outros fatores vivenciados no cotidiano escolar. Proporcionar um método de ensino eficaz para que os alunos, apesar de todos os obstáculos enfrentados diariamente, tenham a experiência da reflexão filosófica, é essencial.

Nessa concepção, os conteúdos filosóficos não podem ser abordados de forma isolada, nem se pode pensar na metodologia de modo singular. Ambos devem ser pensados de modo que se considere a situação concreta do educando a partir de sua realidade social, política, cultural que o condiciona ideologicamente. Ghedin (2008, p.139) diz que, “Quando penso em método, ligado à Filosofia, reputo-o como algo que dá sentido à própria trajetória, mais do que como algo que indique o caminho a ser seguido”.

Não obstante, e de acordo com pensadores como Ghedin (2008), pode-se afirmar que a leitura filosófica é uma metodologia de grande êxito no ensino da filosofia. Ao propor leitura e a escrita como mediações fundadoras da possibilidade do exercício da Filosofia, gera-se formas de expressão e de organização da atividade cognitiva mediante a produção textual.

Desta maneira para que a leitura e a escrita atinjam o seu objetivo no ensino de Filosofia, é necessário que sejam desenvolvidas como um desafio cognitivo aos estudantes e não como uma atividade mecânica. Nessa perspectiva, é interessante considerar o conhecimento prévio dos estudantes antes do contato com o texto filosófico, todavia, um aluno que já tenha a experiência leitora estará em uma posição à frente dos demais.

Essa situação de privilégio entre os estudantes, pode ser ocasionada, pela defasagem cultural, social e política e na dicotomia entre a escola pública e escola privada. O professor tem a difícil tarefa de proporcionar independente das condições da escola o acesso as diferentes cultura e conhecimento. Vale ressaltar que, a leitura é um processo cognitivo e concomitante uma atividade social e cultural.

Segundo Pérez e García, a leitura é um instrumento de comunicação entre pessoas e cultura.

Quando a escola ensina a ler e escrever, não possibilita apenas a aprendizagem do conteúdo educativos das diversas áreas do currículo. Ao ler e escrever também aprende-se a usar a linguagem em sua qualidade de ferramenta de comunicação entre as pessoas e as culturas (Pérez e García, 2001, p. 23).

Os referidos autores postulam que o desenvolvimento da leitura é um instrumento valioso de comunicação e cultura. A prática da leitura dos estudantes, como afirma Girox (1997) terá êxito a partir da construção cotidiana do estudante. O aprendizado acontece na medida em que o aluno lê e escreve, desta forma ele aprende a ler lendo e a escrever escrevendo, mais não de modo mecânico. Para desenvolver a reflexão nos estudantes e a leitura crítica é necessário trabalhar as habilidades da leitura e escrita, pois essas habilidades somente serão adquiridas com o desenvolvimento de ações, como observa Giroux.

Não aprendemos a escrever lendo livros que sirvam de modelo nem copiando muitos textos, mas em um processo dialético, interdisciplinar e epistemológico, com capacidade de gerar conhecimento crítico. A escrita e a leitura têm forte marca da prática o que permite defender a ideia de que aprendemos a escrever à medida que escrevemos. Ou seja, quando escrevemos, aprendemos a escrever e, quando aprendemos a escrever, escrevemos (Giroux, 1997, p.96).

O autor advoga que a leitura funciona como um meio estruturado para gerar conhecimento e construir um pensamento lógico, esse processo não pode ser considerado como algo instrumental. Em uma concepção tecnicista da escola, que exige formas de conhecimento com uma aplicação prática e mecânica, a filosofia se apresenta como uma possibilidade para libertar os estudantes da padronização.

Pode - se afirmar que o desenvolvimento da leitura e da escrita são ferramentas essenciais no processo do filosofar, dando suporte para que o estudante aprenda de modo autônomo. Nesse processo do texto filosófico se apresenta como uma ferramenta de suporte para ampliar a visão pragmática dos estudantes que foi imposta pelo sistema profissionalizante da educação. Desta forma desenvolver nos discentes a leitura e compreensão do texto filosófico é promover a ampliação da sua visão de mundo.

Vê-se como imprescindível nos debates que envolvem os círculos acadêmicos e entre os profissionais do ensino da Filosofia a inserção do uso do texto filosófico nas aulas de Filosofia do Ensino Médio, pois pensar um ensino que não utilize com os discentes o texto filosófico é excluir uma efetiva experiência com a filosofia.

O que não é unanimidade entre os estudiosos em relação a inserção da utilização de textos na sala de aula é o modo como essa apropriação deve ser realizada, seja do ponto de vista dos critérios para seleção dos textos, seja do modo como os mesmos devem ser tratados do ponto de vista da transposição didática. O diálogo com o texto deve acontecer de modo acessível e o professor de filosofia não deve ser apenas o agente que transmite a informação, e o discente não deve ser visto em um lugar de receptividade como afirma Rodrigo (2009):

Ao professor, então, "... não consiste em ser produtor de um discurso filosófico (...) ele também pode sê-lo (...), mas em produzir um discurso pelo qual a tradição filosófica possa

converter-se em saber ensinável” (Rodrigo, 2009, p.82). O professor deve, pois, cativar os alunos, fomentando o interesse pelo que a filosofia o apresenta, atuando como um reformulador do conhecimento filosófico, transformando-o em um discurso compreensível no ambiente escolar. O professor age e cria a partir de uma maneira própria de reformular o conhecimento filosófico enquanto atitude docente. (Rodrigo, 2009, p. 83).

O uso de uma linguagem, a mais acessível daquela utilizada pelo jovem, permite pensar critérios para interpretação, escolha e decisão à luz de um pensar universalizante próprio da filosofia. Isso significa que filosofar com o cotidiano do aluno a partir da música, dos jornais, das poesias, enfim, com o universo cultural do jovem, não significa abandonar ou perder de vista o texto filosófico — acadêmico —, mas, ao contrário, introduzi-lo conscientemente como referência para a reflexão filosófica. Não é preciso, necessariamente, partir do texto filosófico, mas é preciso — de um jeito ou de outro — chegar a ele. (Horn, 2002, p 161).

Considerando essa problemática, pretende-se argumentar que o professor de Filosofia deve estabelecer princípios e finalidades ao escolher os textos que utilizará em sala de aula, possuindo critérios a considerar tais como: A adequação ao conteúdo, o grau de dificuldade que o mesmo apresenta, o tempo despendido para a sua leitura, interpretação e síntese. Além de apresentar aos discentes que a leitura, a análise e a interpretação do texto filosófico são elementos imprescindíveis tanto para o “ensinar Filosofia”, quanto para o “aprender a filosofar”, e não um fim em si mesmo.

É possível observar que o texto se inscreve como fator *sine qua non* do ensino de Filosofia. Ele assume uma condição necessária para que o exercício do filosofar ocorra efetivamente. Isto é, o texto deve ser tomado como instrumento mediador do processo de argumentação, de discussão e do pensar sistemático voltado, em última instância, ao sentido essencial de toda e qualquer atividade filosófica, que é a elaboração de conceitos. (Valese e Horn, 2012, p.167).

A atividade filosófica tem por natureza elaborar conceitos, considerando que o texto é o elemento essencial para esse processo e na construção do diálogo e argumentação em sala de aula.

A reflexão filosófica centrada no trabalho com o texto também contribui substantivamente para a formação não só do leitor crítico, como da autoria de textos e escritos de caráter filosófico, ou seja, na produção de textos com estrutura lógica e argumentativa, bem como clareza no entendimento das ideias e na produção conceitual. A leitura e sistematização de textos filosóficos para além da inteligibilidade têm ainda outra função: a de permitir com que o estudante possa posicionar-se frente às polêmicas existenciais e problemas sociais e políticos que o cotidiano se lhes apresenta. (Valese e Horn, 2012, p.167).

Para além da inteligibilidade a leitura coloca o estudante como ser com propriedades frente a polêmicas enfrentadas no seu dia a dia, a leitura não se restringe unicamente ao domínio dos códigos usados no texto. A leitura, portanto, pode ser vista para

além de uma decodificação e sem cair no corriqueiro aspecto de lhe atribuir “capacidades extraordinárias”.

Para Brito (2012) é preciso cautela sobre a leitura, pois seu poder pode facilmente cair no equívoco de que a leitura seria a redenção dos males, e em condução direta levaria ao conhecimento. Em verdade, trata-se do processo inverso e, portanto, não é a leitura que conduz os sujeitos ao conhecimento, mas a socialização das reflexões que insere cada um na promoção da leitura.

A leitura filosófica é a atividade essencial da atividade filosófica, mas o que determina a leitura filosófica? A leitura não é filosófica apenas por que os textos são filosóficos, pode –se fazer a leitura de um texto jornalístico filosoficamente e ler um texto filosófico sem filosofar.

Fabbrini diante dessa diferenciação entre leitura de textos filosóficos e leitura filosófica de outros textos, tenta extrair as características do que seria uma leitura filosófica: “O que faz da leitura de um texto uma atividade filosófica não é a natureza disciplinar do texto lido, mas o modo como o leitor lê este texto; ou seja, o essencial dessa atividade está no *modus operandi* do leitor face às diferentes formas de enunciação”. (Fabbrini, 2005, p. 8).

A leitura filosófica também não se resume a uma metodologia, mas ela é um exercício de escuta. O texto fala com o leitor na medida em que se estabelece uma relação texto/leitor, desenvolvendo no estudante uma lógica de pensamento. Como aponta Favaretto (1995, p.81) diz que a “leitura filosófica” não se esgota, assim, na simples aplicação de metodologias de leituras. Ela é um ‘exercício de escuta’, num sentido análogo ao da psicanálise, pois se manifesta como uma “elaboração do texto que desdobra seus pressupostos e subentendidos”.

O processo cognitivo da leitura é um exercício de paciência que permite que o leitor se transforme na leitura do texto, influenciando o leitor. É nesse sentido que, para Lyotard (1993) a “leitura filosófica” permite que o leitor se transforme na leitura, pois interfere nos modos habituais da recepção”. A leitura como compreensão é uma atividade produtiva que reconstrói o imaginário do estudante. Assim como os números não são objeto de estudo exclusivo da área da matemática, a leitura e a produção textual não devem ser uma preocupação específica da área da linguagem.

A área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas assim como a área de linguagens é rica em possibilidades para o desenvolvimento de capacidades relacionadas à leitura e à escrita. Nessa perspectiva é papel da educação escolar (nas mais diversas áreas de ensino) criar

condições para que os estudantes desenvolvam uma relação de significado cognitivo com os textos.

Para formar leitores autônomos, é preciso que os professores se coloquem como mediadores, sem fixar significados prontos, mas promovendo a construção do conhecimento. O lugar do professor na educação contemporânea não é mais o de se colocar como emissor do conteúdo tampouco conduzir os estudantes a uma compreensão preestabelecida do conhecimento. É importante que o professor estabeleça um diálogo com a complexidade cognitiva dos alunos.

Desta forma, ler de forma autônoma é assumir um papel de mediação do diálogo entre o estudante e a “bagagem intelectual” que os precede. Essa aprendizagem não se faz apenas pelo sistema de conceitos, mas de um currículo que considera a próprio conhecimento do aluno. Para que os estudantes desenvolvam o processo de leitura, é necessário ressignificar, o conceito de que a leitura do professor é dominante em relação ao saber do aluno.

Como docente de filosofia, é preciso pensar planejar as atividades de leitura que permitam ao estudante não apenas obter informações sobre os conteúdos trabalhados, mas estabelecer uma relação de afinidade entre o leitor e o texto. Nesse sentido, a leitura do texto possibilita que os estudantes se tornem sujeitos do próprio conhecimento. Nesse contexto o professor de filosofia não apresenta um papel secundário, ele tem o grande papel de mediador.

(...) a categoria de mediador não é transparente. Ao contrário, o mediador tem uma função decisiva na constituição das realidades de poder. Ser mediador, no domínio do discurso, é fixar sentidos, é organizar as relações e disciplinar os conflitos. Além disso, essa reflexão também nos indica que o ato de nomear tem implicações ideológicas decisivas (ORLANDI, 1987.p.275).

Portanto, possibilitar a construção de estudantes leitores que se relacionem com textos de maneira autônoma é um objetivo a ser buscado pelo professor de Filosofia, a capacidade de autonomia do leitor também é dada pela capacidade da intertextualidade. Quando os estudantes são capazes de dialogar entre si e com outros autores, compartilhando uma história social e cultural. Como afirma Granger (1989), em sentido semelhante, “a leitura filosófica é uma atividade produtiva que reconstrói um imaginário oculto, sob a literalidade do texto”.

Desta maneira após essa explanação, pode-se concluir que a reflexão da categoria leitura se faz presente nesse trabalho como possibilidades de ato de resistência e autonomia perante uma sociedade mercantil. No próximo capítulo iremos adentrar na filosofia nietzschiana, como uma vertente que nos conduz para um caminho ao desconhecido.

3 NIETZSCHE E A ARTE DE LER EM DIREÇÃO AO DESCONHECIDO

O Brasil é um país de leitores? Esse questionamento surge como uma inquietação, a partir da prática escolar como docente de Filosofia, mas também de estatísticas divulgadas em pesquisas educacionais. A prática da leitura, de acordo com a 5ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, divulgada em 2020 afirma que, de 2015 para 2019, a porcentagem de leitores no Brasil caiu de 56% para 52%. Já os não leitores, brasileiros que não leram nenhum livro, nem mesmo em parte, nos últimos três meses, representam 48% da população.

A prática da leitura filosófica dos estudantes do ensino médio é uma das grandes questões a ser pensada e pesquisada no ensino de filosofia. Inúmeros motivos podem ser explanados, tais como: a falta de contato dos estudantes com as obras filosóficas, a baixa carga horária das aulas de Filosofia, o Novo Ensino Médio e conseqüentemente a reformulação do material didático.

Anteriormente os livros apresentavam maior interação com os textos e recortes de textos filosóficos e o estudante tinha maior acesso ao conhecimento filosófico pelos exemplares de livros que eram mais extensos, porém essa prática foi modificada. Atualmente os conteúdos são agrupados por área de conhecimento (Matemática, Ciências da natureza, Linguagens e suas tecnologias, Ciências Humanas e Sociais Aplicadas). Pode-se afirmar que a filosofia novamente perdeu espaço.

Soma-se ainda a esses fatores a falta de bibliotecas públicas e escolares, escassez de bibliotecários nas instituições de ensino, além de políticas públicas voltadas ao incentivo à leitura. Existem muitas pesquisas sobre a leitura filosófica, mas a problemática infelizmente só aumenta fazendo-se necessário buscar novas formas de minimizar esse problema.

O índice de adolescentes leitores pode ser considerado baixo, mas observa-se um número considerável de estudantes (tendo como campo de pesquisa os alunos do IEMA—pleno Bacabeira) que possuem o hábito da leitura, porém na maioria das vezes são sagas, trilógicas “comerciais” ou distopias (que narram um futuro obscuro), que tem relação com as plataformas de streamings (netflix, Hbo, Amazon etc.) e com o cinema.

Muitas vezes esses livros são indicados pelos book tokers, que são uma comunidade de influenciadores digitais amantes do mundo da literatura que produzem conteúdo sobre dicas

e resumo de livros no tik tok¹⁶ e estimulam a venda (indústria cultural)¹⁷. A Indústria Cultural (conceito criado por Adorno e Horkheimer) promove uma mudança no estilo de cultura dos indivíduos, promovendo, assim, um comportamento muitas vezes considerado massivo em uma perspectiva de consumismo exacerbado.

O interesse pela leitura pode ser visto durante o diálogo professor-aluno. Entretanto nesse contexto pode ser observado o desinteresse dos estudantes pela leitura de obras filosóficas. Surge então outra problemática que consiste em como incentivar a leitura filosófica. É interessante para a formação integral dos estudantes que eles tenham uma experiência de leitura diferente, que os tire do ambiente ao qual já estão familiarizados e os desafie a uma leitura que os faça refletir, pensar, torna-los mais críticos. Esse processo, pode acontecer através da leitura filosófica.

Dessa forma aproximar a filosofia, da realidade do aluno pode ser um caminho para que o mesmo tenha mais familiaridade com as obras filosóficas, relacionando a leitura da obra, com músicas, teatro, esportes, animes entre outras formas.

Com todos os avanços tecnológicos, marcados pela era digital, onde os jovens são atraídos pelas mídias sociais, pensar em um ensino que valorize a visão humanística dos alunos, parece algo que está fora do eixo. O esvaziamento cultural humanístico, e a supervalorização do mundo tecnocientífico, nos leva a pensar em grandes impasses no campo educacional.

Nesse cenário, o papel da escola e dos educadores se torna ainda mais vital. Para enfrentar esses impasses educacionais, é essencial encontrar maneiras de equilibrar a educação tecnológica com a promoção da compreensão humanística. Isso envolve não apenas ensinar habilidades digitais, mas também cultivar a capacidade dos alunos de pensar profundamente, questionar, compreender a complexidade das questões sociais e culturais, desenvolver empatia e apreciar as artes e a cultura.

O desafio é criar um ambiente educacional que integre os benefícios da tecnologia com a importância de uma educação holística, permitindo que os alunos naveguem no mundo digital de maneira informada e crítica, ao mesmo tempo em que valorizam a riqueza da experiência humana e cultural. Em última análise, superar esses impasses educacionais requer

¹⁶ O *TikTok* é uma rede social de vídeos curtos que permite compartilhar cliques divertidos com duração entre 15 e 60 segundos

¹⁷ Indústria Cultural é um conceito usado para designar a transformação de diferentes obras em produtos padronizados, devido à introdução da tecnologia no processo de produção cultural.

um esforço conjunto de educadores, pais e sociedade para reafirmar o valor duradouro da educação humanística no mundo digital e tecnologicamente avançado de hoje.

A filosofia, é caminho, pois ela sua essência é direcionada mais para o indivíduo, para a solução de seus problemas, para o cultivo de si mesmo, para o mundo da escola e da educação como libertação. E dessa forma a escola tem como papel, formar alunos críticos, reflexivos e autônomos capazes de criar e de analisar .

A filosofia deve ser o fio condutor dessa prática, valorizando antes de tudo o conhecimento, que o próprio aluno já possui, potencializando e refinando seus conceitos e prerrogativas a partir do pensamento filosófico. A leitura filosófica é uma das metodologias de ensino que pode possibilitar ao aluno a ter essa experiência.

A despeito da dificuldade da seleção textual, (...) o que está em questão é, antes, a necessidade de tornar familiar ao estudante um modo de pensar que aponta, principalmente, para os pressupostos daquilo que é aparente”. (Brasil-MEC/SEMT, 2000, p. 50). A leitura filosófica consiste na desconstrução do óbvio e na problematização dos fatos.

A habilidade de ler significamente textos filosóficos compreende, pois, a capacidade de problematizar o que é lido, isto é, apropriar-se reflexivamente do conteúdo”. (Brasil-MEC/SEMT,2000, P.50). Esta é, sem dúvida, uma contribuição específica da Filosofia para o estudante do ensino médio: a desnaturalização, a atenção às perspectivas, o desvelamento do óbvio, a desconstrução do que é dado, a problematização do que é fato. Logo apropriar-se de uma maneira filosófica de ler é ser capaz de tematizar e problematizar, sistematicamente, conceitos, argumentos, valores, estruturas. E isto não é possível sem a familiarização com a tradição filosófica. (Brasil, 2000, p. 50).

A leitura filosófica é um dos pontos centrais de discussão quando nos referimos ao ensino de filosofia. A leitura tem sido considerada, na educação humanística, como principal ferramenta para a conservação da tradição (memória da humanidade) e de grande relevância para a formação dos indivíduos. Nessa concepção, o filósofo Nietzsche observa a importância pedagógica da hermenêutica no desenvolvimento da educação humanística.

Segundo Larrosa (2009, p.14) Nietzsche é bem direto apresenta sua intenção aos leitores: “O leitor de quem espero algo deve ter três qualidades: ele deve ser calmo e ler sem pressa, não deve privilegiar a si e à sua “cultura” não deve, enfim, esperar por encerrar um quadro de resultados ...”

Com certo atrevimento¹⁸, o filósofo exige das pessoas tempo para ler, compreender e vivenciar o texto, já que na sua visão o ato da leitura pode ser visto como um ato mecânico,

¹⁸ Nietzsche é considerado atrevido porque suas ideias questionaram profundamente as normas e valores de sua época, desafiando a moral tradicional, a religião, a filosofia convencional e a própria noção de verdade objetiva.

em que muitas pessoas utilizam a leitura, como uma tarefa de conclusão ou seja: simplesmente para ter mais um livro na lista de obras que foram lidas durante sua vida.

Essa exigência se for pensada tanto no tempo em que Nietzsche escreveu essa obra como também nos dias atuais é algo laborioso (pois vivemos em uma época movida pela tecnologia em que a imediatez é uma exigência principalmente do mercado, como pode ser visto no serviço de fast food, internet 5g, tecnologia para otimização do tempo de trabalho, computação em nuvem, de inteligência artificial etc...). Nietzsche faz um alerta para a superficialidade e imediatez da educação dentro de uma sociedade capitalista, voltada para o aumento da produtividade e dos lucros.

Compartilhando as mesmas inquietações nietzschianas, acredita-se que o pensamento do filósofo alemão será a ponte que nos conduzirá nessa travessia em busca do desconhecido. A companhia perfeita que instiga tanto o professor quanto os alunos a saírem da zona de conforto e irem em busca de outras experiências no mundo da leitura.

O que me impulsionou até o pensamento do filósofo Friedrich Nietzsche, não corresponde pensar a educação segundo sua filosofia, tampouco trata-se de relacionar seus textos, decifrar e chegar a uma conclusão. Mas sim apresentar um trabalho pautado na filosofia nietzschiana do reconhecimento da individualidade (conhecimento de si), da autonomia (vontade de potência) e da resistência a um sistema educacional massificado.

A categoria discutida durante o trabalho de dissertação tem como base sua filosofia e o resultado de interpretações sobre elas, já que alguns conceitos não serão retirados da letra do filósofo, mas dos comentadores como por exemplo, (Jorge Larrosa, Rosa Maria Díaz, Lima, Hardt) que as utilizam de modo claro, para expressar o pensamento do filósofo das marteladas¹⁹. Desta perspectivava é interessante apresentar primeiramente o filósofo para assim compreender seu pensamento.

Nietzsche é um dos pensadores mais marcantes e metafóricos da história da filosofia. Seu pensamento tem como essência um modo intempestivo e autêntico de observar o mundo, o que pode causar algum estranhamento em seus leitores. O filósofo se destaca ao apresentar várias críticas à moral e à sociedade de seu tempo²⁰.

Seus escritos e filosofia são frequentemente vistos como provocativos e perturbadores, e isso contribuiu para sua influência duradoura e sua reputação como um filósofo polêmico.

¹⁹ A filosofia nietzschiana é feita a golpes de martelo: tende a agredir bases que se estabeleceram de forma histórico-social, ou talvez, tornar estas bases como socialmente constituídas, visto que se busca destituir a transcendentalidade dos valores e da vida.

²⁰ Alemanha do século XIX marcada por revoluções e guerras.

Nietzsche é um filósofo que vive sua própria filosofia. Friedrich Wilhelm Nietzsche nasceu em Röcken, na Alemanha, no dia 15 de outubro de 1844. Era filho, neto e bisneto de pastores protestantes. Com cinco anos de idade ele ficou órfão de pai, ficando aos cuidados da mãe, da avó e da irmã mais velha. Desde muito pequeno mostrava-se estudioso e grande amante dos livros e música, teve um ensino rígido e de caráter humanista com grande peso da língua (hebraico, grego e latim) e literatura alemã, tendo uma educação voltada à preparação para a vida religiosa. Com quatorze anos, é enviado para o internato de Pforta com o intuito de seguir com os mesmos passos do pai Karl Ludwig: torna-se pastor.

De acordo com a estudiosa Rosa Maria Díaz (1993) Pforta era conhecido pelo ensino rígido de caráter humanística, com grande peso no ensino das línguas e literatura alemã. A sede de conhecimento só aumentava e com o tempo, o jovem Nietzsche ambicionava, uma educação que caminhasse junto com a vida, que pudesse se relacionar com os aspectos mais profundos da vida humana.

O filósofo entrava em contraposição com o ensino rígido e engessado de Pforta, buscou por várias vezes seguir seu próprio caminho, por exemplo quando fundou “com dois amigos a *Germânica sociedade* cuja proposta era o estudo de questões ligadas à música, à literatura e à produção de textos, poemas e composições musicais” (Dias, 1993, p.21). Porém reconhecia a boa formação que recebeu, pois teve a oportunidade de estudar as “línguas grega, latina e hebraica e a literatura da Antiguidade.

Ao deixar Pforta pensava em seguir carreira na filologia²¹, mas decide torna-se pastor igual ao falecido pai, decisão que agradava sua família. Em 1864 ingressa na universidade de Bonn para estudar teologia, mas permanece somente por um ano. Em 1865, transferiu-se para a Universidade de Leipzig, indicado pelo mestre Wilhelm Ritschl. É nessa cidade que acontece o encontro de Nietzsche com a filosofia de Arthur Schopenhauer . O futuro filósofo conhece o livro *O mundo como vontade e representação* que serviu de inspiração para sua futura filosofia.

Sou desses leitores de Schopenhauer que, desde a primeira página, sabe com certeza que lerão toda as outras e prestarão atenção à menor palavra que tenha sido dita (...) compreendendo-o como se estivesse escrito para mim, para me expressar de maneira inteligível, mas modesta e louca. (Nietzsche (2003) apud Lima (2019), p.123).

²¹ Filologia é a ciência que tem como objetivo estudar uma língua através de textos escritos. Em um contexto mais amplo, a filologia também se ocupa da literatura e da cultura de um determinado povo.

A formação como filólogo possibilitou a Nietzsche a tarefa de ser um educador. Mas com seu espírito singular, tinha como desejo ir além de ser um simples professor e sim um mestre prático, que despertasse o senso crítico e reflexivo dos alunos, fomentando um ensino rico em vida.

Em Leipzig, limitei-me a observar como se ensina, como se transmite aos jovens o método de uma ciência. Também me esforcei em aprender como deve ser um mestre, e não estudar apenas o que se estuda na universidade. Meu objetivo é tornar-me um mestre verdadeiramente prático e, antes de tudo despertar nos jovens a reflexão e a capacidade crítica pessoal. Indispensável para que eles não percam de vista o porquê e o como de uma ciência (Nietzsche apud Dias, 1993, p.26).

Agir e viver para compreender seria a premissa que Nietzsche levaria como objetivo de ser um bom professor. Desta forma, com apenas 24 anos por indicação de Ritschl, por ter sido um aluno brilhante, Nietzsche é convidado a ser professor de filologia clássica e aceita a grande tarefa, mesmo com grande receio de se tornar um homem especializado. Rosa Maria Dias mostra esse temor de Nietzsche através de uma carta enviada a seu amigo Carl Von Gesdorff, datada em 11 de abril de 1869:

O último prazo expirou; chegou a última noite que passo na minha pátria. Amanhã partirei para o vasto mundo. Vou dedicar-me a uma nova e inabitual tarefa, numa pesada e abafante atmosfera de deveres e de obrigações. Mais uma vez é preciso dizer adeus. O tempo dourado em que a atividade é livre, ilimitada, em que cada minuto é soberano, em que a arte e o universo se oferecem aos nossos olhos como um mero espetáculo de que mal participamos, esse tempo passou irrevogavelmente. Reina agora a dura deusa, a obrigação cotidiana, (...) Sim, sim chegou a minha vez de ser um filisteu. Um dia ou outro, aqui ou além, o ditado realiza-se sempre. As funções e as dignidades são coisas que nunca se aceitam impunemente. Todo o problema reside em saber se as cadeias são de ferro ou de linha. Tenho ainda suficiente coragem para romper, se necessário, qualquer elo e recomeçar, de uma outra maneira ou em outro lugar, uma nova vida. Não adquiri ainda a postura curvada de um professor (...) (Dias, 1993, p.28).

Observa-se a partir dessa carta a grande preocupação de Nietzsche em não ser alguém preso as obrigações, um homem massificado disposto a seguir todas as normas impostas. Apesar de toda angústia, em 1869, chega a Basileia e começa seu trabalho como professor. Sua aula inaugural intitulada Sobre a personalidade de Homero foi bem sucedida, aplaudida por um grande público. Logo Nietzsche se tornava um professor notável e respeitado na universidade.

Entretanto, Nietzsche sabia que sua carreira de professor não seria prolongada. Entre tantos motivos, as grandes mudanças ocorridas na Alemanha no século XIX especificamente no seu projeto educacional marcado pela revolução francesa, revolução industrial e a ascensão da burguesia, era necessária uma educação voltada para a formação e fortalecimento da nação alemã.

Admite-se que a valorização da cultura alemã encontra sua gênese especificamente em 1807, ano em que ocorre a derrota da Prússia contra o exército de Napoleão Bonaparte. Tal fato, mostrou que “não faltava aos alemães a bravura guerreira; faltava, sim, um projeto de educação nacional que sendo totalmente novo, incorporasse as especificidades do ser alemão, figurando inclusive como meio de afetação e ânimo (...)um projeto educacional com intuito de fortalecer o Estado, para assim unificar a nação e possibilitar o ser alemão, isto é afirmar e assegurar sua própria identidade. (Zonzini, 2022,p.54).

Nesse processo encontra-se o conceito de *Bildung* que é uma palavra alemã que significa tanto educação como formação. A partir de Rosana Suarez entende-se esse termo *Bildung* como, um processo cultural e de formação. Deste modo, a ambiguidade do termo *Bildung*, entre formação, educação e cultura, possibilitou o entendimento de um ideal de sociedade que é cultivado através do desenvolvimento do indivíduo, ou seja, quando ele “cultiva” a si mesmo (Nicolau,2016).

Sendo assim, a política alemã foi fortemente influenciada pelo aspecto de *Bildung*, implicando diretamente na área educacional, que se tornou alvo de grandes reformas visando a formação do indivíduo adequado ao novo modelo de sociedade. É essencial conhecer os caminhos percorridos por Nietzsche, pois através deles podemos compreender toda a sua resistência ao sistema e ao projeto educacional alemão.

As figuras de grandes intelectuais tiveram influência no processo de reforma educacional alemão. Destaca-se Humboldt, o grande responsável por reformar e ampliar o sistema de ensino prussiano, no final do século XVIII.

Uma das primeiras propostas de reformas prussianas deu-se através das críticas de pensadores iluministas às escolas religiosas. Como solução exigiam que a igreja não controlasse a educação, assim que o Estado “organizasse as escolas, nomeasse professores e regulasse os estudos. (Nicolau, 2016, P.392).

Nessa concepção, ficaria como papel do estado ensinar a “boa moral”, controlando as escolas e sendo responsável pela formação cultural dos estudantes. Formando cidadãos fiéis para posteriormente poderem servir os interesses do estado. Partindo deste contexto podemos adentrar nas críticas de Nietzsche ao sistema educacional de sua época. Com as reformas neo-humanistas o projeto educacional alemão voltou-se para os interesses do Estado, o comércio e ciência, o que na visão de Nietzsche, elevava a uma vulgarização desenfreada do conhecimento, rompendo com o ensino e com a formação de caráter humanista. (Rodrigues, 2015, p.78)

Podemos observar que todos esses acontecimentos, foram de grande impulso para Nietzsche em 1872, proferir as cinco conferências *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos*. Tomando como ponto de partida o esvaziamento da cultura fomentada pelo Estado e a

massificação da educação caracterizada pela especialização e fragmentação do conhecimento no qual predominava uma forte educação científicista.

Esta extensão é um dos dogmas da economia política mais caros da época atual. O máximo de conhecimento e cultura possível, portanto, o máximo de produção e necessidades possível, portanto o máximo de felicidade possível: eis mais ou menos a fórmula. Temos aqui como objetivo e fim da cultura a utilidade, ou, mais exatamente, o lucro, o maior ganho de dinheiro possível. (Nietzsche, 2003, p. 61).

Na função de filósofo, Nietzsche encanta e ao mesmo tempo desencanta e vários são os motivos. Conhecido como filósofo das marteladas foca em problemáticas que por muitos são ocultadas. Religião, metafísica e ética são algumas das temáticas analisadas pelo filósofo. Nesse trabalho mostraremos uma inquietação vivida pelo jovem Nietzsche, ponto central de discussão da primeira fase de sua filosofia: a educação. A reflexão de Nietzsche sobre a educação, nos convida a olhar sob suspeita os modelos educativos modernos. Crítico da modernidade nos alerta sobre a superficialidade e a rapidez da educação moderna.

O aparato teórico nietzschiano oferece recursos para analisar as instituições de ensino mesmo nos dias atuais. Colocando em debate sobre quais são os nossos ídolos e nos questionando acerca de quais valores e sentidos educacionais são feitos sobre o currículo, disciplina, avaliação, relação professor-aluno. O pensamento nietzschiano nos convida a uma posição crítica que nos conduz à criação de valores, e portanto, "aniquila tanto aquilo que vale em si quanto aquilo que vale para todos" (Azeredo, 2010, P.34).

O pensador alemão, não vê o indivíduo como um mero depósito de ideias dominantes, ao contrário: a virtude do indivíduo reside em pensar a sua própria experiência e produzir a partir dela novas visões e manifestar novos comportamentos. Entretanto essa postura reflexiva e crítica dos indivíduos que não se devem deixar serem dominados e sim terem suas próprias vontades ainda é algo desafiador, pois na atualidade inúmeros obstáculos ainda devem serem vencidos.

Para o filósofo, a busca desenfreada pelo dinheiro e felicidade, impulsionada pela cultura utilitarista, resulta em indivíduos que priorizam o ganho e a propriedade material. Desta forma priorizar uma cultura que vai para além da obtenção de lucro é visto por muitos como sem utilidade.

A ampliação do método científico, causava uma repulsa no filósofo, pois o conhecimento fragmentado rompe com a concepção ampla do conhecimento. Na concepção de Nietzsche o indivíduo especializado não ousa se aprofundar em outras áreas do saber, tornando seu conhecimento superficial. Nietzsche compara o erudito ao trabalhador da fábrica que durante toda vida faz apenas uma tarefa.

(...) a utilização tão desejada em nossos dias do erudito a serviço de sua disciplina torna a cultura do erudito cada vez mais aleatória e inverossímil. Pois o campo de estudo das ciências é hoje tão extenso, que aquele que, com boas disposições mas não excepcionais, quer aí produzir algo, se consagrará a uma especialidade muito particular e não terá qualquer preocupação com todas as outras (...) Assim, um erudito, exclusivamente especializado, se parece com um operário de fábrica que, durante toda sua vida, não faz se não fabricar determinada, tarefa na qual ele atinge, é preciso dizer, uma incrível virtuosidade (Nietzsche, 2003, p.63).

Ao lecionar no Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IEMA escola de ensino médio e técnico situado na cidade de Bacabeira- MA, como docente da disciplina Filosofia surgiram em mim as mesmas inquietações vividas por Nietzsche. A escola tem como foco a formação técnica e foi observada por vezes a falta de interesse dos alunos nas aulas de Filosofia já que os mesmos dedicam maior atenção às disciplinas da base técnica (o instituto oferece os cursos técnicos de Administração, Agroecologia, Logística e Mineração).

Outro ponto que foi observado é a falta de interesse perante as disciplinas da área de Ciências Humanas, especificamente a disciplina de Filosofia, na formação educacional do aluno. Muitas vezes notou-se o descaso da escola de forma geral, como também por parte de alguns alunos e professores de áreas diferentes. Nós estudiosos da educação nos angustiamos assim como Nietzsche se angustiou.

Sobre esse fator é interessante expor a crítica que Nietzsche faz as instituições voltadas ao tecnicismo:

(...) ao mesmo tempo a exigência de dar por si mesmo um sentido à vida através da cultura, que é, portanto, a barbárie que apresenta o estado com o fim supremo da humanidade e contra o utilitarismo que faz da cultura um modo de ganhar dinheiro atendendo as demandas dos interesses dominantes (Nietzsche, 2012, p. 20).

Partilhando dos princípios nietzschianos podemos observar o pensamento contemporâneo de Christian Laval, em sua obra *A escola não é uma empresa: O neoliberalismo em ataque ao ensino público*, sobre a ideia da escola vista como mercadoria.

O novo modelo escolar e educacional que tende a se impor se baseia, em primeiro lugar, em uma sujeição mais direta da escola à razão econômica. Está ligada a um economicismo aparentemente simplista, cujo principal axioma é que as instituições em geral e a escola em particular só tem sentido com base no serviço que devem prestar às empresas e à economia. O “homem flexível” e o trabalhador autônomo” são as referências do novo ideal pedagógico (Laval, 2019, p.29).

Nessa perspectiva, observa-se a escola e a economia de modo articulado, voltados para o sentido utilitarista. De um lado a forte concorrência de um espaço globalizado e do outro, a função de qualificação do conhecimento na produção de bens e serviços. A cultura é fomentada, mediante a prescrição exata dos limites que asseguram

contrariedade apenas dentro dos padrões previsíveis, no caso da cultura de massa os interesses dos empresários produzem os engodos mais letais por dentro dos aspectos econômicos.

Nesse sentido o “empreendedorismo”, por exemplo, se tornou palavra de ordem e é difundida como sinônimo de desenvolvimento individual, uma vez que possibilita uma autonomia financeira ilusória e desenvolve uma falsa crença de que isso se traduz em felicidade e bem-estar. Na interpretação nietzschiana o Estado em geral foi capturado pela ganância da utilidade e tem pressa para mostrar seus dados, seus projetos, para preservar-se no poder.

Nietzsche defende uma educação clássica, cultivada em suas nuances e desenvolvida em um tempo desprovido de pressa. Fazendo um paralelo com a atualidade, os jovens almejam no seu projeto de vida uma meta totalmente direcionada ao sucesso econômico, ou a praticidade e rapidez dos cursos técnicos.

A partir desse diagnóstico, segundo Nietzsche a cultura não pode se reproduzir e crescer quando a educação está orientada para uma profissão, uma carreira uma função, um cargo, quando é movida pelo “espírito utilitário”, a cultura exige uma visão de conjunto que só pode ser dada pela filosofia.

A educação está longe de ser totalmente instruir e informar, não é uma aprendizagem no sentido tradicional do termo, mas é sobretudo fazer despertar os sentidos para a elevação da cultura, quer dizer, afirmar a vida e o mundo na sua tragicidade; não se trata somente de conhecer mais e melhor o homem e o mundo, mas antes impulsionar outras e novas possibilidades e aspirações naqueles homens que estivessem dispostos a isso (Nietzsche, 2012, p. 37).

Sobre essa passagem, nota-se que o pensamento de Nietzsche impulsiona o ser humano a buscar o conhecimento de si, a elevação da cultura e a afirmação da vida, fatores que só serão alcançados se os objetivos tradicionais, tecnicistas e massificadores forem minimizados e a exaltação da educação humanística for exaltada. A educação, para Nietzsche, é um meio “de se encontrar a si mesmo”. (Consideração extemporânea. III: Schopenhauer Educador §1); de encontrar sentido para nossa existência.

Como educador Nietzsche criticou as instituições de ensino sistematizadas da sua época. Na sua visão era um erro acreditar que há uma educação ideal, perfeita, cujo modelo único deve servir para todos. Nessa perspectiva a reflexão filosófica de Nietzsche é um convite para pensarmos a educação também nos dias atuais e colocar em suspeita os modelos educativos.

Metaforicamente baseado na filosofia nietzschiana, uma educação que forma técnicos em “Administração, Agronomia, Mineração, Serviços jurídicos”²², tem por objetivos formar profissionais, mas não pessoas autênticas e honestas consigo mesmas, para serem autônomas e criativas”. A filósofa brasileira Scarlett Marton no Prefácio da obra Nietzsche Educador (1993), livro da professora Rosa Maria Dias, escreve que: o “diagnóstico decadente do sistema educacional alemão”: a supervalorização da cultura utilitarista, a má formação universitária, o caráter técnico-profissional do ensino-e-aprendizagem – todo este “filisteísmo cultural” que o jovem filósofo tanto criticou permanece ainda hoje (embora com outra roupagem) no contexto político-pedagógico brasileiro.

Em meio a esse cenário enraizado pelo conhecimento puramente técnico e científico, nos questionamos sobre meios para sairmos “da caverna”²³ e adentrarmos por caminhos que nos conduzam a pensar por nós mesmos, sem sermos massa de manobra do sistema em que vivemos. Nietzsche (2003) crítica essa a sociedade massificada, pois segundo o filósofo o puro espírito científico arranca do indivíduo sua humanidade, tornando-o um ser supérfluo, artificial, sem nenhuma perspectiva de sensibilidade.

A preocupação do filósofo acerca da sensibilidade, justifica-se pela impossibilidade de refletir filosoficamente quando a sensibilidade se encontra entorpecida, pois essa especialização na concepção do filósofo afasta o pensamento filosófico da vida. Nietzsche observava um egoísmo científico com o qual os homens faziam de tudo até passar por cima da humanidade em prol da ciência.

A ciência está para a sabedoria, assim como a virtude está para a santidade: ela é fria e árida, ela não tem amor e ignora tudo com um profundo sentimento de insatisfação e nostalgia. Ela é útil apenas a si mesma, tanto quanto é nociva aos seus servidores, na medida que se transpõe neles seu caráter próprio e assim ossifica de alguma maneira sua humanidade (...) (Nietzsche, 2003 p.191)

Segundo Nietzsche, tanto o Estado, como a ciência e o comércio se ligam contra a verdadeira cultura. E nessa convergência a redução cultural é que o jornalismo²⁴ se apresenta como cultura. O jornalismo pode ser compreendido como uma cultura momentânea, difundida através das principais mídias da época. Jornais, revistas que divulgam uma “pseudocultura” de orientação a vida.

²² Relação de cursos técnicos da unidade Iema pleno Bacabeira (campo de observação da pesquisa)

²³ Termo referente a filosofia platônica ao propor a busca pelo conhecimento.

²⁴ O filósofo Nietzsche fez uma crítica a superficialidade do pensamento e da cultura em sua época. Ele acreditava que a cultura estava se tornando cada vez mais rasa e simplificada. O jornalismo, especialmente em suas formas mais sensacionalistas, é frequentemente criticado por apresentar informações de maneira superficial e simplificada.

Para Barroso (2014) Não é por acaso, que Nietzsche acreditava que um indivíduo que tivesse em si o espírito filosófico “se absterá sabiamente de ler jornais cotidianamente” muitas vezes utilizando da própria filosofia como meio de se expor, “os jornalistas viviam do instante e graça de outros homens”. Segundo Dias:

A cultura ampliada, a acultura especializada e a cultura jornalística se completam para formar uma só e mesma incultura. Nietzsche acreditava que a cultura jornalística substituía gradativamente a verdadeira cultura, e o jornalista tomado pela doença desta pressa indigna toma o lugar do grande gênio. Mostrava assim o retrato daquele tempo no meio cultural: uma falta de originalidade ligada ao imediatismo da sociedade capitalista, na qual a ampliação cultural difundia um conhecimento utilitarista em prol de interesse político-econômico, enquanto a redução por meio da ciência, fragmentava o conhecimento, resultando no definhamento da capacidade crítica e reflexiva do ser humano. (Dias,1993, p.93).

Toda essa problemática observada por Nietzsche na sua época foi intensificada nos dias atuais. A sociedade hoje, marcada pelas mídias sociais (Instagram, twitter, tik tok, etc) em sua grande maioria tem sua cultura e modo de vida difundida pela figura do influencer digital.²⁵ A vida do indivíduo pode ser exposta 24h por dia e as tendências que predominam são as influenciadas pela internet.

Diante do que foi exposto sobre a vida de Nietzsche e a correlação de como a sua vida influenciou drasticamente seu pensamento filosófico, e sobre como as premissas nietzschianas nos inquietam, principalmente no ensino da filosofia que tem como princípio o pensamento autônomo crítico e reflexivo. Proponho uma análise sobre a educação na atualidade a partir da ótica nietzschiana.

O que Nietzsche tem de doutrina pertence ao passado, porém o que Nietzsche tem de inquietude, o que no texto de Nietzsche funciona como catalizador de nossas perplexidades, atravessa os séculos e pertence, sem dúvida ao futuro. O projeto educacional de Nietzsche consiste em resgatar a autonomia, a autenticidade do indivíduo, trazendo de volta a sua sensibilidade, através do caráter humanístico de ensino, resgatando os valores da Antiguidade Clássica, sobretudo os da Grécia antiga.

Esse regaste deve ser feito principalmente na formação dos jovens, despertando neles a vontade de mudança. A filosofia constitui potencialidade capaz de propor uma reflexão crítica na tentativa de superar os velhos modelos de ensino, enfrentando a massificação e propugnando pela construção de um novo projeto pedagógico. A leitura filosófica (leitura que

²⁵ O influencer digital é uma pessoa capaz de influenciar e formar a opinião de outras pessoas, por meio de conteúdos que ela produz nas redes sociais. Esses conteúdos podem abordar qualquer tipo de assunto, de qualquer nicho.

não precisa ser necessariamente de obras filosóficas, mas literárias de um modo em geral) pode ser uma ferramenta de emancipação das doutrinas e amarras tão criticadas por Nietzsche e que perdura até nos nossos dias.

A leitura se encontra na base do filosofar sendo essencial ao processo cognitivo e como condição essencial da construção do conhecimento autônomo do aluno. Incentivar a leitura mais aprofundada e crítica dos alunos pode ser um dos meios de libertação do conhecimento jornalístico e especializado tão enraizado na cultura capitalista. “Dançar” em direção ao desconhecido através da leitura é o primeiro passo contra todo e qualquer tipo de imposição.

3.1 O leitor capaz de “dançar”

A leitura das obras e escritos de Nietzsche não é uma tarefa fácil. Sua escrita interrompe a tranquilidade dos leitores, ataca o conformismo e nos obriga a interrogar-nos sobre a qualidade da nossa própria leitura. Desta forma nesse tópico não está em jogo fazer uma análise de um método de leitura sobre as obras de Nietzsche, mas sim utilizar das suas inquietudes e metáforas para propor uma reflexão que nos conduza para o desconhecido através do ato da leitura filosófica. Nesse sentido, para abarcar o corpus nietzschiano a partir de um olhar de sobrevôo, escolhemos como ponto de análise a leitura, de acordo as inquietações nietzschianas.

Filólogo de formação, Nietzsche julga que é preciso reinscrever as línguas clássicas no contexto cultural de que fazem parte, de modo a superar o ensino inconsequente e mecânico que se faz delas. Acredita que, com isso, o estudo do alemão também se beneficiaria, sendo revitalizado pelo sentido de harmonia estética que a arte e a literatura gregas inspiram. A filologia surgiu, como tantas outras ciências, na Grécia Antiga e teve como seus principais difusores o também filósofo Platão. Há uma correlação direta entre a arte da filologia, que está relacionada à linguística, e a filosofia, que está relacionada ao modo de pensar.

Nietzsche indica meios para alcançar a cultura autêntica. Para ele, o ponto de partida de qualquer formação pedagógica é o estudo da língua materna, por que é nela que o espírito de um povo se revela; por isso mesmo ele recomendava a leitura dos clássicos, antigos e modernos. Somente nos distanciando da linguagem jornalística, podemos alcançar a cultura superior. Para ele o papel do professor de alemão seria, guiar e defender os alunos contra a linguagem jornalística, proporcionando um bom gosto. Larrosa apresenta segundo Nietzsche as características do jornalista: O jornalista representa a pseudocultura, a aceleração, a

indisciplina intelectual, a superficialidade, a imaturidade, o espírito plebeu da divulgação, o que fala qualquer coisa, o que tem opiniões próprias, mas nada mais que opiniões. (Larossa, 2009, p.33).

Segundo Nietzsche, o jornalista seria aquele que subordina tudo às leis da moda, as demandas do mercado. Produzindo autossatisfação e a ilusão de ser livre e original. Goethe também fez uma crítica aos entretenimentos banais oferecidos pela imprensa e pela cultura de massas, notando que eles serviam como grandes formas de escape da realidade social como menciona Hardt .

Nós temos jornais para todas as horas do dia. Uma mente inteligente e ágil ainda pode acrescentar mais alguns. Desta forma, tudo o que todos fazem, querem, escrevem e até mesmo planejam é exposto publicamente. Alguém pode gozar ou sofrer, mas sempre para o entretenimento dos outros, e com grande rapidez isso é comunicado de casa a casa, de cidade a cidade, de império a império e, finalmente, de continente a continente (Hart, 2009, p. 13).

A preocupação estética e artística com a língua é uma característica da filosofia nietzschiana. Desde muito jovem até o auge do seu intelecto, nota-se em sua obra um cuidado especial com a linguagem, mostrando um autêntico estilo de escrita. Os aforismos²⁶, estilo de escrita de Nietzsche, seriam um caminho que conduziria os indivíduos a dança através da leitura. Dançar²⁷ e fazer dançar é uma qualidade da escrita aforística.

Em primeiro lugar, por sua brevidade e por sua jovialidade, porém essa brevidade não significa artificialidade e sim um convite aos espíritos ligeiros que querem “dançar rápido”. A dança é a recompensa de uma longa preparação.

(...) um aforismo, se está bem cunhado e fundido, não fica logo “decifrado” pelo contrário, então é quando deve começar sua interpretação, e para realiza-la necessita-se uma arte de interpretação. (...) Naturalmente para praticar este modo de leitura como arte necessita-se, antes de mais nada, uma coisa que é precisamente, hoje em dia, a mais esquecida(...), uma coisa para a qual tem-se que ser quase um bovino e, em todo caso, não um “homem moderno”: o ruminar (Nietzsche, 2001, p. 26).

Segundo Nietzsche a arte da leitura é rara, especificamente na era do trabalho e da imediatez, pois “os leitores modernos “já não tem tempo para esbanjar em atividades demoradas em que os fins não são vistos de modo instantâneo. Segundo ele a leitura é algo que se deve dedicar com lentidão, essa prática nos dias atuais pode ser considerada um luxo. Além da

²⁶ Texto curto e sucinto, fundamento de um estilo fragmentário e assistemático na escrita filosófica, geralmente, relacionado a uma reflexão de natureza prática ou moral.

²⁷ Amante da música de Wagner iremos utilizar a metáfora da dança através leitura filosófica como caminho que nos permita bailar sobre os conceitos, navegando sobre as palavras para assim chegar ao conhecimento autêntico e livre.

lentidão Nietzsche coloca como necessário, profundidade, abertura e delicadeza e como afirma Larrosa (2009) “conhecer o segredo de ler nas entrelinhas” ou seja: não ficar na literalidade do texto.

A leitura sendo vista como a “arte da dança” que as vezes é forte e possui muito movimento, mas que precisa também da pausa e do silêncio para ser compreendida. Essa pausa é vista por Nietzsche como uma tarefa complicada, pois vive-se em um tempo em que todos precisam ter respostas prontas e imediatas para tudo, e o “ter lido” é visto como uma mercadoria que deve ser exibida. Como menciona Larrosa:

O leitor moderno está tão crente de “sua pessoa e sua cultura” que supõe a si mesmo “como uma medida segura e um critério de todas as coisas”, é tal sua arrogância que se sente capaz de julgar – isso sim, criticamente – todos os seus livros; ele é constitutivamente incapaz de suspender o juízo e guardar o silêncio, de manter-se retirado, de escutar. Será que é isso o que se ensina nas escolas? Em nossas escolas incluindo as universidades, já que não se ensina a estudar. O estudo, a humildade e o silêncio do estudo, é algo que nem se quer se permite. Hoje, já ninguém estuda. Mas todo mundo tem que ter opiniões próprias e pessoais. Os jovens pitagóricos tinham que guardar silêncio durante cinco anos. Mas nós, leitores modernos, parecemos incapazes de permanecer calados sequer “durante cinco quartos de hora”. (Larrosa, 2009, p.15)

Como refletido acima por Larrosa, Nietzsche valorizava o silêncio, a paciência, a análise e a arte da escuta, características tão necessárias já que vivemos em uma era em que tudo é expressado principalmente nas redes sociais, em que todas as pessoas são “donas da razão”.

Porém a questão maior que Nietzsche traz sobre a leitura vai para além da filologia e das condições sociais em que se encontra o leitor. Sente-se na obrigação de perguntar quem somos, pois, a experiência da leitura não consiste somente em entender o significado do texto, mas em vivê-lo. G. Steiner falou sobre esse tema com maestria:

Ler bem significa arriscar-se muito. É deixar vulnerável nossa identidade, nossa possessão de nós mesmos. Nas primeiras etapas da epilepsia apresenta-se um sonho característico (Dostoievski fala dele). De alguma forma nos sentimos liberados do nosso próprio corpo; ao olhar para trás, nos vemos e sentimos um terror súbito, enlouquecedor; outra presença se está introduzindo em nossa pessoa e não existe caminho de volta. Ao sentir tal terror a mente anseia um brusco despertar. Assim, deveria ser quando tomamos em nossas mãos uma grande obra de literatura ou filosofia, de imaginação ou de doutrina. Pode chegar a nos possuir tão completamente que, durante um lapso, tenhamos medo, nos reconheçamos imperfeitos. Quem leu A metamorfose de Kafka e possa olhar-se impávido ao espelho, pode ser capaz tecnicamente, de ler letra impressa, mas é um analfabeto no único sentido que importa”. (Steiner,1982, p.32)

Nessa perspectiva, somente nos entregando completamente a experiência da leitura saberemos o real significado da obra. Mergulhando profundamente, vivenciando o livro a partir

das nossas experiências. Nietzsche nos faz uma recomendação: “vivamos uma existência provisória e o melhor que podemos fazer ao nosso gosto e nosso talento é fundar pequenos estados de experimentação.” (Nietzsche, 2008, p. 220). Somos experiência, e por meio dela poderemos reformular novas leis da vida.

Larrosa fala sobre como a experiência é um fator fundamental, que nos faz vibrar e lutar por algo.

A experiência é algo que (nos) acontece e que às vezes treme, ou vibra, algo que nos faz pensar, algo que nos faz sofrer ou gozar, algo que luta pela expressão, e que às vezes, algumas vezes, quando cai em mãos de alguém capaz de dar forma a esse tremor, então, somente então, se converte em canto. E esse canto atravessa o tempo e o espaço. (Larrosa, 2022, p.10).

Nesse sentido a experiência é atenção, escuta, possibilidade, disponibilidade, abertura. É reflexão de cada um sobre si mesmo a partir do ponto de vista da paixão. “Experienciar” o livro através da leitura é o caminho para realmente conhecer a essência da obra literária ou filosófica, uma experiência mais profunda. O leitor não pode entender aquilo que não vivência, a leitura é reflexo das nossas práticas.

Levando para o âmbito educacional o filósofo pretende mostrar que o conhecimento é adquirido não somente através dos livros, textos, ou exposição oral do professor. Todo esse processo só irá fazer sentido a partir do momento em que somos tocados (experiência), quando os conteúdos ministrados em sala de aula tenham relação com a vida.

Grande admirador da Grécia, Nietzsche acreditava que a educação deve articular o saber com a vida:

Mas o exemplo deve ser dado pela vida real e não unicamente pelos livros; deve, portanto, ser dado, como ensinavam os filósofos da Grécia, pela expressão do rosto, pela vestimenta, pelo regime alimentar, pelos costumes, mais ainda do que pelas palavras e sobretudo mais que da escrita. (Nietzsche apud Lima, 2019, p, 3).

A educação para o autor de *Schopenhauer educador*, se dá a partir das vivências. Consequentemente, há de se pensar numa educação diferente, uma que leve em consideração o instinto natural, como também “deve ajudar a juventude a fazer-se ouvir. (Nietzsche apud Lima, 2019, p. 10).

A linguagem é essencial na sociedade e ponto chave na formação dos estudantes. Em um ensino muitas vezes engessado, marcado pelo tecnicismo a linguagem é a forma de se tornar um “espírito livre”²⁸.

²⁸ Expressão utilizada por Nietzsche para designar aquele que pensa de modo diverso do que se esperaria com base em sua procedência, seu meio, sua posição e função, ou com base nas opiniões que predominam em seu tempo.

A linguagem desempenha um grande papel no pensamento e no conhecimento humanos. Segundo Aristóteles, as palavras que usamos expressam as ideias com que pensamos. As sentenças declarativas que anunciamos ou as asserções que fazemos expressam opiniões que afirmamos ou que negamos - opiniões podem ser verdadeiras ou falsas. (...) Os sentidos são as janelas ou as portas da mente. Tudo que chega à mente do mundo exterior entra nela pelos sentidos. O que entra nela pode ser palavras ou sentenças ditas por outros seres humanos. (Adler, 2010, p.133).

Dominar a linguagem, de acordo com Adler, seja escrita, seja falada, é um componente fundamental à formação humana: “Ler bem, no sentido de ler ativamente, não é, portanto apenas um bem em si mesmo. Nem é apenas um meio de progredir no trabalho e na carreira. É algo que também serve para manter nossa mente viva, sempre crescendo” (Adler, 2010, p.347). A leitura é um diálogo, nos termos do educador, que busca auxiliar no desenvolvimento das competências fundamentais para uma vida de estudos proveitosa.

Na obra *O crepúsculo dos Ídolos* (Nietzsche, 2006), ele faz uma crítica forte ao sistema de educação da Alemanha, que aprisiona as ideias de formação às finalidades utilitaristas. Para enfrentar essa lógica fazem-se necessários professores com perspicácia para apresentar outras condições para aprender, pois aprender a pensar parece que nos fragiliza diante do sistema educacional.

Segundo Nietzsche (2006), o mundo passa indefinidamente pela alternância entre criação e destruição, alegria e sofrimento, bem e mal, sucesso e fracasso, não existe um lugar de paz absoluta. Por isso necessitamos de cuidados para nos cultivar e a nos conduzir até nós mesmos. E a habilidade de chegar até nós mesmos segundo os gregos está na arte.

Fundamentando-nos na dualidade mitológica, é possível entender que Nietzsche se apropria dos deuses Apolo e Dionísio para apresentar a ideia da tragédia grega como a forma mais sublime de vivência de um ser ou mesmo de uma sociedade. Assim, Dionísio representa o caos, os instintos humanos, a música festiva, bem como a alegria; já Apolo, expressa a tipologia racional, equilibrada e tranquila do ser.

A seus dois deuses da arte, Apolo e Dionísio, vincula-se a nossa cognição de que no mundo helênico existe uma enorme contraposição, quanto a origens e objetivos, entre a arte do figurador plástico Bildner, a apolínea, e a arte não-figurada unbildlichen da música, a de Dionísio: ambos os impulsos, tão diversos, caminham lado a lado, na maioria das vezes em discórdia aberta e incitando-se mutuamente a produções sempre novas, para perpetuar nelas a luta daquela contraposição sobre a qual a palavra comum "arte" lançava apenas aparentemente a ponte; até que, por fim, através de um miraculoso ato metafísico da "vontade" helênica, apareceram emparelhados um com o outro, e nesse emparelhamento tanto a obra de arte dionisíaca quanto a apolínea geraram a tragédia ática. [...]. (Nietzsche, 2007, p. 27).

Entretanto, não são elementos contrários, mas sim de unidade, complemento, no qual um é parte distinta do outro. Na obra *O nascimento da Tragédia*, Nietzsche representa essa

união, pois, assim como a realidade, a tragédia é criada a partir da relação entre os contrários. A relação entre Apolo e Dioniso resulta na criação, pois a luta entre contrários cria uma nova síntese, uma nova percepção. (PAES, 2013, p. 149)

E essas duas divindades apesar de serem distintas se completam. Esses dois conceitos, embora antagônicos, fazem parte de uma mesma realidade, e, para Nietzsche, referem-se à completude e ao equilíbrio da própria natureza humana, e por isso não podem ser compreendidos de maneira isolada, pois caso isso aconteça corre-se o risco de mutilar o pensamento desse filósofo ao não compreendê-lo de forma completa (Brockelman, 2001, p.149).

A originalidade da força do mundo está no recriar: a diversidade e a intensidade das forças contraditórias determinam os valores. Porém, para Nietzsche (1988), cada cultura e cada momento da existência humana valorizam menos ou mais determinados elementos, o que pode culminar numa negligência para alguma das partes. Na era moderna, a qual se analisa no presente trabalho, percebe-se a valorização da racionalidade, representada pelo apolíneo, em detrimento da embriaguez dionisíaca. É por isso que a obra nietzschiana centra-se no resgate ao dionisíaco, na capacidade de introduzir aos atos humanos mais força, movimentação e criatividade, pois é essa potência que confere ao homem um sentido mais ativo.

Trazendo as angústias nietzschianas para os dias atuais e tendo como cenário a escola percebemos que a problemática continua. Na sala de aula encontramos essa ambiguidade, que por vezes ela nos anima, as vezes ela nos frustra. Aquilo que é produtivo nela cansa e morre, obrigando-nos a fixar novas formas de acordá-la e fazê-la vibrar e nos obriga a criar novos desafios. Ensinar a pensar é ensinar a bailar.

Nessa perspectiva, para ler bem é preciso ter todos os sentidos afiados. Destacando-se a valentia, a curiosidade, a flexibilidade, o espírito aventureiro, desbravando territórios desconhecidos, indo para lugares nos quais os caminhos ainda não foram traçados.

(...) a vós, os audazes buscadores e indagadores, e a quem quer que alguma vez tenha se lançado com astutas velas por mares terríveis; a vós, os bêbados de enigmas, que gozais da luz dos crepúsculo, cujas almas são atraídas com flautas a todos os abismos labirínticos, pois não quereis, com mão covarde sair tateando um fio e que ali onde podeis adivinhar, odiais o deduzir... (Nietzsche, 2011, p.61).

Nesse ponto, Nietzsche observa na arte da leitura, o sentido do gosto e a “saúde da digestão”. Ler bem é comer bem, escolher os livros que se ajustem a sua natureza e opor-se a outros, ler livros diversos, ler com prazer, assimilar o essencial e esquecer o resto, tomar a leitura como algo que aumenta sua própria força.

Os especialistas e os jornalistas segundo o filósofo não sabem dançar. Sua escrita indica algo pesado e oprimido, cheios de formalidade, pensamentos cansados, falta de liberdade, fazendo os leitores prisioneiros do ponto de vista único, dominado, fazendo com que o leitor se torne escravo de um caminho trilhado. Nietzsche aponta: “A primeira coisa que olho para julgar o valor de um livro (...) é se anda, ou melhor se dança”. (Nietzsche, 1995, p.225)

Todos estes tipos segundo Nietzsche, possuem um pensamento fragmentado e superficial, são tipos de pessoa que se escondem por trás de máscaras, por que eles mesmos não conhecem a si próprios. Ao contrário dos especialistas que vivem presos a uma única visão, os literatos movem-se com rapidez, com lindos movimentos irreverentes

A filosofia pode ser a conexão que liga mutuamente o leitor e a dança. Para Larrosa existe uma relação importante entre a filosofia e a leitura: O pensar.

Também poderíamos chamar de filosofia a uma determinada tradição de leitura e de escrita em relação a esse algo indemonstrável que chamamos de “pensar”. A filosofia é uma determinada maneira de ler e de escrever: pensativamente. Ler, escrever e pensar não podem acontecer separadamente. Lê-se escrevendo, com um lápis na mão. Escreve-se lendo com uma mesa cheia de livros. E entre ler e escrever, às vezes acontece algo, acontece algo conosco. Talvez isso que chamamos de “pensar” seja a experiência desse “entre”. (Larrosa, 2022, p.139).

Larrosa afirma que, a filosofia é ler e escrever, mas também é conversar, uma leitura e escritura, é ensinamento e aprendizagem, é conversação. A filosofia é também um *ethós* ou seja: uma forma de vida. A filosofia não é somente um saber teórico que afeta somente o que sabemos sobre nós mesmo ou sobre o mundo, ao contrário: tem a ver com o modo que nós vivemos no mundo.

Larrosa lembra de um pensamento memorável de Foucault que dizia: “a filosofia é (também) um exercício de pensamento. Sendo assim, A leitura, a escrita e a conversação filosófica (pensante) estão relacionadas com determinadas formas de produzir subjetividade, formas de viver potência de vida. (Larrosa, p.142, 2022).

Segundo o autor acima mencionado, na leitura do texto, o que é importante não é aquilo que o texto se refere, mas sim para onde o texto nos conduz. O que predomina não é o saber sobre o texto, o que é relevante é a experiência que você tem do texto. O valioso não é do que fala o texto, mas pra quem e onde ele fala: fala para nossa escrita, para nosso pensar, para nossa conversação, enfim, para nossa maneira de viver.

Rancière tem um olhar interessante sobre a leitura de um livro. O mesmo observa que a leitura deve ir além “de projetar o livro para um real. Que não somente o livro que conta, mas sim, o ser que deve se converter em um ato, em uma potência de vida”. Pois para ele:

(...) da maneira como um texto dá a si mesmo o corpo de sua encarnação para escapar do destino de letra abandonada no mundo, para mimar seu movimento próprio entre o lugar de pensamento, de espírito de vida de onde vem e aquele para qual se dirige; esse teatro humano em que a palavra se torna ato, se apropria das almas, arrasta os corpos e imprime ritmo a sua marcha. (RANCIÈRE, 1998, p.10)

Dessa forma, a potência de vida acontece a partir desse movimento, da dança em que o texto, os livros devem ir além das palavras, das entrelinhas e a partir da experimentação dar sentido à vida, modificando as relações com o mundo, com os outros e com nós mesmos, para alcançar ainda que por um momento, outros portais de consciência, para impulsionar a vida. Em um processo de busca, para se tornar o que se é.

Através da leitura dos escritos de Nietzsche, a pesquisadora Lúcia Hardt conclui que, a escola promove a dança quando não conduz os professores a seguir uma educação de rebanho.

Talvez pensar uma escola que não forme o animal de rebanho já seria algo profundamente importante, garantir a vida de um educador que possa preservar-se, ter tempo para cultivar-se fazendo dançar com as mãos, os conceitos e o pensamento sem pressa, para de fato poder ser mestre. O estético, o trágico, aparece quando o que é a vontade e o querer do mestre e o discípulo se colocam no centro, sem as armadilhas das tecnologias do ensinar e aprender. A vida é uma atividade estética e indicar o desejo de outra escola, de outro ensino, parece já ser a retomada da nossa criatividade (Hardt, 2021, p. 39).

3.2 A escola e o desafio de se tornar o que se é.

A escola é uma instituição que se dedica ao processo de ensino – aprendizagem dos estudantes, que tem como objetivo formar e desenvolver o indivíduo. Mesmo pensado de forma singular, esse ensino acontece de maneira coletiva. Durante esse processo, muitas potencialidades individuais são negligenciadas, pois, a escola deve cumprir com as normas e padrões que envolvem o todo.

Em meio às demandas escolares como avaliações, atividades, debates, processos seletivos para o ingresso em universidades e projetos escolares, o estudante sente-se assoberbado. O currículo escolar, as imposições da sociedade, e as expectativas familiares levam o estudante a um estado de “estranheza”. Muitas vezes em meio a tantas atribulações, o estudante não se reconhece e nem compreende quem ele é, e quais são suas verdadeiras vontades.

Em uma sociedade marcada por estereótipos, pessoais e profissionais, em que existe a receita pronta da felicidade (basta seguir as ordens), resistir a esse ideal de vida e encontrar seu próprio caminho parece uma rebeldia. Para Ghedin somos dependentes de uma estrutura sociopolítica que nos impede de sermos independentes.

Vivemos mergulhados em um simulacro em que fazemos girar o mundo e permanecemos inertes, reproduzindo modos de compreender que os tornam cada vez mais dependentes da estrutura sociopolítica. Impedidos de reproduzir a própria autonomia, reproduzindo os valores e modos de pensar de um grupo que hegemonicamente, estrutura a sociedade de acordo com os próprios interesses. (Ghedin, p.140, 2008).

Nietzsche suspeita dessa educação. Para ele o estado propaga uma educação de massas. O filósofo na sua condição como professor, defende o rigor, a coerência, e a liberdade de pensar, condições bem diferentes das posições utilitaristas.

Nietzsche foi interpretado por muitos estudiosos, como um filósofo elitista por tentar preservar a cultura através da educação. Hoje em dia seu pensamento ganhou um novo panorama, pois sua postura pode ser vista como de um professor que fazia despertar nos estudantes, aquilo que era genuíno e singular. Conforme ressalta Hardt:

É preciso preservar a cultura transmitida pela educação para que possa aparecer o genuíno de cada um dos estudantes. Trabalho demorado e difícil. Nietzsche poderia ser acusado de apresentar uma posição elitista, contudo ele está preocupado com uma formação aristocrática no sentido da cultura, e ainda que tenha defendido a formação do gênio, nós, intérpretes de hoje, podemos dizer que aquilo que foi defendido por ele como professor é fazer aparecer o que cada estudante tem de genuíno e singular. (Hardt, 2021 p.105)

Nietzsche (2003), apresenta o quanto é necessário, destruir alguns ídolos de sua época: os interesses do Estado. O estado jamais pensa no melhor para a humanidade, para a cultura, mas providencia uma formação segundo seus objetivos. Ficando o grande questionamento: como torna-se o que se é? Já que somos moldados por uma instituição.

Mas, como nos encontrar a nós mesmos? Como o homem pode se conhecer? Trata-se de algo obscuro e velado; e se a lebre tem sete peles, o homem pode bem ser despojar setenta vezes das sete peles, mas nem assim poderia dizer: “Ah! Por fim, eis o que tu és verdadeiramente, não há mais o invólucro. (Nietzsche, 2003, p.164).

Nesta perspectiva “a educação para Nietzsche é um meio de encontrar a si mesmo” Nietzsche (2003): dar sentido para a existência. Encontrar a si mesmo não significa por fim ter uma identidade, mas sim, cultivar a si mesmo, ou seja, assumir aquilo que se quer ser em um processo de sempre tornar-se o que se é.

Conforme analisa, Silvia Pimenta Velloso Rocha, o torna-se o que se é, não pode ser entendido como capacidade de atualizar uma essência, mas sim, “a capacidade de ser, a cada momento aquilo que nos tornamos. Pois como afirma o filósofo alemão Nietzsche (2003)

“Ninguém pode construir no teu lugar a ponte que te seria preciso tu mesmo transpor no fluxo da vida - ninguém exceto tu”.

O projeto educacional nietzschiano, desprende-se do próprio indivíduo, em estado de formação e propõe um cultivo de si mesmo, tendo como objetivo, superar certos padrões da domesticação idealista. Esse ato de resistir, exerce sobre o homem uma força criadora, a vontade de potência²⁹, convocando corpo e cérebro para a sua verdadeira destinação: homens de espíritos livres.

Sabedoria implica uma dura escola, uma disciplina para o corpo e para o espírito; contudo também uma grande economia de respostas fechadas e pouco curiosas. “Mestres devem preferir “o perigo ao conforto”. De novo, cultivar asas e freios: eis a grande habilidade da relação mestre – aprendiz (Hardt, p.55, 2021).

Como ressaltado por Hardt a ideia de uma educação que segue um roteiro pronto, uma sala de aula com alunos já “educados” é bem mais cômodo, porém bem menos desafiador para o professor. Nessa concepção deixa-se de lado a curiosidade, a sagacidade, o espírito de investigação, a coragem para errar, pois nessa educação “perfeita” nenhum desvio é permitido, estimula-se os estudantes a uma natureza fraca já que são educados para assim permanecerem, não que sejam alunos fracos de conteúdo, porém fracos da vontade de vida.

É preciso pensar em uma educação que comece ensinando, primeiramente, a vida, assim como possibilidade de realizar com ela experimentações.

O indivíduo dotado de genialidade rompe com essa condição da massa, seguindo sua própria consciência que não cessa em gritar: Sê tu mesmo! Tu não és isto que agora fazes, pensas e desejas”. É preciso, pois, ser responsável pela sua própria existência lança-se verdadeiramente para a vida, não permitindo “que nossa existência pareça uma contingência privada de pensamento”. Somente o aluno pode trilhar seu próprio caminho (...) Ninguém pode construir no teu lugar a ponte que te seria preciso tu mesmo transpor no fluxo da vida- ninguém exceto tu” (Nietzsche, 2003, p. 140).

Desta maneira, nota-se que a esse universo pertence ainda o fato de que não se pode ensinar a alguém o seu si mesmo. Certamente esse é o motivo pelo qual a educação no geral,

²⁹ O conceito de Vontade de Potência foi criado por Nietzsche como base para o desenvolvimento de outras ideias. Trata-se de uma proposição ontológica que sustenta toda sua teoria, inclusive sua genealogia da moral é retirada das relações entre a Vontade de Potência. A vida é Vontade de Potência, mas não se pode restringi-la apenas à vida orgânica; ela está presente em tudo, desde as reações químicas mais simples até à complexidade da psiquê humana (e é no ser vivo que a vontade de potência pode se expressar com mais força). Ela é aquela que procura expandir-se, superar-se, juntar-se a outras e se tornar maior. Tudo no mundo é Vontade de Potência porque todas as forças procuram a sua própria expansão. Neste campo de instabilidade e luta, jogo constante de forças instáveis, a permanência é banida junto com a identidade: neste mundo reina a diferença. Força como superação, como constante ir para além dos próprios limites.

ocupa-se com o que é comum, numa padronização que parece ter no horizonte um ideal de um rebanho pacificado.

No Prefácio da obra *Nietzsche e a Educação, desafios pedagógicos*, escrito por Lúcia Schneider Hardt, a autora coloca em jogo a comparação entre a educação e a “velha moral” que aqui pode ser vista como “velha pedagogia” voltada para a formação em massa de jovens, com padrões iguais ou para a produção de uma massa dócil e útil, como diria Foucault.

Nesse sentido, numa dispersão das particularidades individuais, numa padronização sustentada por uma ação pedagógica cujo primeiro dever é “fazer filas” e o segundo é “tratar como inimigos todos aqueles que não querem se pôr em fila” (Nietzsche, 2000, p. 86). Como um amigo, Nietzsche dificilmente nos diz o que devemos fazer. Pede que não tenhamos vergonha do que somos, ao invocar o amor *fati*³⁰, e que nos pede para que façamos o possível para manter-nos como somos, diferentemente do senso comum, pois este nos pede para adotarmos algum ideal de comportamento, ou seja, algo que não se é. O pensador alemão, menciona a frase de Píndaro (518-438 a.C.) “torne-se o que você é ao saber o que é isso”. Ou seja, é um processo de aprendizagem sobre o autoconhecimento.

Segundo Díaz (2014, p.23), Nietzsche luta contra uma educação de massas e, sobretudo, contra um Estado que se apresenta como educador; que não está interessado no único, na singularidade, na diferença. Essa é uma problemática vista por Nietzsche que propõe um novo tipo de educação baseada na cultura.

A cultura transmitida pela educação deve dar condições, portanto, para promover a “autenticidade”, aquilo que é “o genuíno” em cada estudante. Assim, o ser humano é chamado a ser ele mesmo, no entanto, por medo ou talvez por preguiça se põe a agir como um “animal de rebanho”, permanecendo acomodado. Esse sujeito permite-se ser construído a partir de disposições externas.

Nesse sentido, Lima faz uma análise a partir do pensamento nietzschiano:

A educação no movimento de encontra-se a si mesmo é também libertação, pois nos conduz a assumir a responsabilidade frente a nossa formação e a ter ousadia mediante aos desafios, a seguir por nós mesmo, escolhendo o caminho que iremos trilhar. Por isso, a educação deve ser também autoformação, um processo individual, singular e único de cada um consigo mesmo a partir do exemplo de “mestres educadores” (Lima, 2019, p.122).

³⁰ Amor fati implica aceitar o que nos foi dado e tirado. Todos os acontecimentos se inserem numa ordem causal da natureza, assim como cada um de nós. Portanto, só podemos concluir que nada poderia ter acontecido de outra forma, nada poderia ter sido diferente, de nada adianta nos lamentarmos. É preciso afirmar até mesmo o erro, afinal de contas, ele não é um erro! Ele era absolutamente necessário naquele momento e só pode ser interpretado como um erro se tomarmos formas superiores e transcendentais para nos guiar.

Nesse processo de libertação, Nietzsche, observa na pessoa e na obra de Schopenhauer, o exemplo para sua autoformação. A leitura de *O mundo como vontade de representação*, envolveu o filósofo, com tal embriaguez de modo a não querer interromper a leitura.

Na **Consideração Intempestiva: Schopenhauer educador**, Nietzsche mostra seu entusiasmo com a filosofia do Schopenhauer.

Em meio a esta angústia, a estas necessidades, a estes desejos, tomei conhecimento de Schopenhauer. Sou desses leitores de Schopenhauer que, desde a primeira página, sabe com certeza que lerão todas as outras e prestarão atenção à menor palavra que tenha sido dita. Minha confiança nele foi imediata e ainda é a mesma que tinha a nove anos. (Nietzsche, 2003, p.171).

Na interpretação que Nietzsche faz de Schopenhauer, ele observa um tipo humano que escrevia para si mesmo, não para satisfazer a sua época. Para Nietzsche, a escrita de Schopenhauer era “um discurso correto, rude e benevolente” que possibilitava a experiência interna de sentimento de “penetrar no bosque, respirar profundamente e de repente se sentir bem de novo” (Nietzsche, 2005, p.83).

Nietzsche entristecia-se em saber que a filosofia de Schopenhauer, foi ignorada por seus contemporâneos: *O mundo como vontade e representação*, publicado em 1818, foi jogado entre papéis e vendido a peso” (Dias, 1993, p.74), ele foi condenado por ter um pensamento autêntico e não seguir uma linha de pensamento pronta, vivendo isolado e com poucos amigos.

Dessa forma pode-se entender que, qualquer pensador que lutasse pela cultura estaria sujeito ao desprezo e solidão. Schopenhauer era visto por Nietzsche, como um mestre por excelência, pois na sua função como educador sabia observar e fazer brotar nos alunos as suas potencialidades, possibilitando a formação de indivíduos dotados de genialidade.

Pois há homens que experimentaram como sua angústia própria verem o gênio engajado numa luta penosa e em perigo de se destruir a si próprio, ou verem suas obras descartadas com indiferença pelo egoísmo da visão curta do Estado, pelo sentido raso dos negociantes e pela presunção empedernida dos eruditos: e assim espero também que haja homens que compreendam o que eu quero dizer, quando descrevo o destino de Schopenhauer, e por que, de acordo com a minha representação, Schopenhauer como educador deve verdadeiramente educar. (Nietzsche, 2003, p.200).

É através da experiência que Nietzsche atravessa os escritos de Schopenhauer e a conclusão que o filósofo observa é uma nova forma de *educar*. Uma postura diferente da concepção moderna de educar, pois essa educação moderna, é marcada pela rapidez, superficialidade e totalmente voltada à ciência. O novo ciclo de deveres segundo Schopenhauer

é que se deve primeiramente revelar a vida e educar. Sendo o homem autêntico, criativo e sem pedantismo.

Contudo, diz Nietzsche: “geralmente, não saímos da animalidade, somos inclusive estes animais que parecem sofrer sem razão”, nesse sentido o homem se esconde de si mesmo, pune a si mesmo, para demonstrar que está feliz. O homem teme a sua própria interiorização. Mesmo que, em determinado momento, o homem compreenda esse “ausentar-se de si” ainda é fraco para suportar momentos de recolhimento mais profundo, fazendo-se necessário encontrarmos homens verdadeiros capazes de nos erguer acima de nós mesmo.

A tarefa do educador seria “incentivar o nascimento do filósofo, do artista e do santo em nós, e trabalhar assim para a realização da natureza” (Nietzsche, 2003), que acontece por meio da cultura e da educação. Chegar a ser o que és! Talvez a arte da educação não seja outra, senão a arte de fazer com que cada um torne-se em si mesmo, até sua própria altura, até o melhor de suas possibilidades.³¹ Porém não é algo que acontece de modo técnico e massificado, algo que não acontece através de um método, não existe um caminho certo. O processo de formação é como uma viagem, em que a leitura pode ser considerada um grande estímulo.

Nas experiências formativas de Zaratustra³² pode-se perceber que a formação acontece a partir daquilo que nos toca, daquilo que realmente experimentamos enquanto vivência:

“Então minhas vivências é de ontem? Faz muito tempo que vivi as razões de minhas opiniões” Dirá Zaratustra em “Dos poetas”. Nesse sentido, a dança, o riso, o canto, a leitura de um poema, são também experiências educativas, são as experiências e vivências que fornecem alimentos aos nossos instintos, trazendo o repertório que dão forma ao estilo e ao caráter. (Lima, 2019, p. 21).

Portanto, necessitamos de uma educação, que leve em consideração o instinto natural, como também “deve ajudar a juventude a fazer-se ouvir” (Nietzsche, 2003). Nessa concepção educativa, é preciso existir uma experiência interna, havendo um movimento que parte de si para o exterior. Para Nietzsche as instituições escolares e os professores seriam os responsáveis, por mediar esse processo. Entretanto somos nós mesmos que damos sentido e importância a nossa existência, que conhecemos nossos limites e nossas carências e construímos aquilo que queremos nos tornar.

Compreendendo e cultivando a nós mesmos, buscando fins mais elevados através do desenvolvimento da cultura em benefício de todos. Para o filósofo das marteladas, a cultura, é a criação autêntica de um povo, não pode ser cópia ou imitação de outros, deve haver unicidade,

³¹ Larrosa, 2009, p. 39.

³² Figura representativa da obra Assim Falou Zaratustra escrita por Nietzsche.

para assim, expressar a experiência e a vivência original do seu povo com a vida. O conhecimento vai para além dos livros, ele acontece no momento em que somos tocados.

O caminho apontado para Nietzsche para se chegar ao espírito livre coincide com a grande liberação que aparece como um *"tremor de terra"* (Humano, Demasiado Humano, prefácio). Essa passagem não acontece de modo tranquilo, pois esse tremor de terra, abala as convicções, tudo que se tinha como verdade é posto em dúvida.

Um desprendimento grande, cada vez maior (...)coloquei tudo à prova, tudo aquilo em que tinha até então colocado eu coração, inverti as melhores e mais veneráveis coisas e homens e observei seus reversos (...) cheguei, passo a passo, até a última exigência de meu rigor interno: impus –me os sorrisos mais amarelos para os meus exercícios de auto aviltamento, ridicularizei todo ‘pessimismo’ e me voltei perfidamente contra toda conclusão, na qual a doença e a solidão pudessem tomar parte (...)Uma espécie de liberdade de pássaro, uma espécie de uma visão panorâmica de pássaro, uma espécie de mistura de curiosidade e desprezo, tal como a experimentam todos aqueles que contemplam de maneira isenta uma pluralidade descomunal – este foi finalmente o novo estado alcançado, com o qual me mantive durante muito tempo. Um espírito livre e nada mais: assim eu me sentia, assim eu me denominava outrora. (Nietzsche, 2005.p.41)

Esse processo descrito acima por Nietzsche é o caminho para se tornar o que se é. Nesse percurso, é necessário mencionar o trecho que afirma que: “não temer a si próprio, nada esperar de vergonhoso de si próprio, não hesitar em voar para onde somos impelidos” Nietzsche (2001).

3.3 O protagonismo estudantil como vontade de potência

O termo protagonismo é um dos conceitos mais empregados no novo ensino médio. O protagonismo estudantil é visto como uma ferramenta para que o estudante possa traçar a sua própria trajetória educacional de forma autônoma, de acordo com seus interesses, necessidades e habilidades, sendo um agente ativo na escola e no seu entorno.

A importância do protagonismo estudantil é expressada na Base **Nacional Comum Curricular (BNCC)**³³ que estabelece que essa prática deve ser estimulada do ensino básico até os anos finais de ensino, em todas as áreas do conhecimento. A BNCC, propõe a superação da fragmentação radicalmente disciplinar do conhecimento, o estímulo à sua aplicação na vida

³³ A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas da Educação Básica. Ela tem o objetivo de assegurar a todos os mesmos direitos de aprendizagem, em conformidade com o Plano Nacional de Educação (PNE).

real, a importância do contexto para dar sentido ao que se aprende e **o protagonismo do estudante** em sua aprendizagem e na construção de seu projeto de vida.

A BNCC defende a aplicação dos conhecimentos na vida real, a importância do contexto para dar sentido ao que se aprende e o protagonismo do estudante, tanto em sua aprendizagem como na construção de seu projeto de vida. As escolas são o espaço onde as crianças se desenvolvem diariamente, aprendendo sobre si mesmas e ao se relacionar com o próximo. Os alunos aprendem, desde seus primeiros anos, muito mais do que os conteúdos ensinados pelos educadores. Ao referirmos sobre o aluno nos deparamos com a aprendizagem e o protagonismo e percebemos que há uma ligação entre os três; é impossível falarmos de uma só, pois os mesmos estão fortemente ligados pela Base. O protagonismo do aluno está centrado no aprendizado. Ensinar deve garantir o aprendizado e, para isso, o educador deve respeitar as particularidades dos alunos e observá-los constantemente. O educador além de ser um mediador de conhecimentos tem função de estimular à curiosidade do aluno a fim de instigar o protagonismo. (Francesconi, 2019, p.2)

Nas aulas do ensino médio, o protagonismo estudantil apresenta-se por meio do Projeto de Vida e dos Itinerários Informativos. Essas novas diretrizes do Novo Ensino Médio foram implementadas em escolas públicas e privadas do país em janeiro de 2022. No protagonismo estudantil, **o papel do professor é atuar como mediador** e não apenas como único condutor do aprendizado, criando assim um ambiente aberto para diálogos e opiniões, além de auxiliar os alunos na construção da própria aprendizagem.

A busca pelo sucesso profissional, tão almejada nas escolas atuais, impulsionada pelo desejo das melhores notas no ENEM e em outros exames e também na formação em cursos técnicos, levam os alunos muitas vezes a uma ausência do sentido da vida, ao niilismo³⁴, pois com a ausência de fundamentos o aluno perde o sentido da sua existência. A história da educação na visão nietzschiana, constituiu uma história que tem como fim tentar massificar o homem, transformando-o em um animal de rebanho manso e domesticado.

Nesse sentido o filósofo alemão conclui que, a busca pela melhoria do homem levou a um processo de universalização e de homogeneização do tipo humano, processo no qual são apagadas a diversidade e a singularidade. A escola necessita ser um espaço onde o aluno use sua criatividade, tenha autonomia e pense por si próprio, mostrando suas potencialidades, onde os estudantes não precisam ser escravos das estruturas rígidas e sistemáticas.

³⁴ Nihilismo (do latim nihil, nada) é uma doutrina filosófica que atinge as mais variadas esferas do mundo contemporâneo (literatura, arte, ciências humanas, teorias sociais, ética e moral) cuja principal característica é uma visão cética radical e sobretudo pessimista em relação às interpretações da realidade, que aniquila valores e convicções. É a desvalorização e a morte do sentido, a ausência de finalidade e de resposta ao "por quê". Os valores tradicionais depreciam-se e os "princípios e critérios absolutos dissolvem-se". "Tudo é sacudido, posto radicalmente em discussão. A superfície, antes congelada, das verdades e dos valores tradicionais está despedaçada e torna-se difícil prosseguir no caminho, avistar um ancoradouro".

A premissa nietzschiana se mostra bem atual ao fazer essa crítica. Ao propor desmascarar a moral em sua decadência Nietzsche propõe um novo projeto de educação.

Nietzsche entende que, somente por meio do desmascaramento da moral, é possível repensar a educação. Destruindo os valores morais que sustentam suas bases, será possível repensar a educação. Destruindo os valores morais que sustentam suas bases, será possível relembrar ao homem a sua capacidade criativa e inventiva. Que para pensar a educação, não precisamos de uma estrutura rígida e sistemática, mas de elementos simples e corriqueiros que possam resgatar a simplicidade e a naturalidade da formação humana. (Lima,2019, p.25).

Ao pensar em um ensino de filosofia que ultrapasse as paredes da escola e que seja significativo na vida dos estudantes, é interessante considerar a filosofia nietzschiana, pois ela nos convida a refletir sobre a autonomia e a vontade de potência, em colocar o ser humano como protagonista da sua história.

E como podemos incentivar o protagonismo estudantil? Segundo Nietzsche, precisamos primeiramente repensar a educação. Para isso é necessário nos desvencilharmos de qualquer modelo e utilizar o pensamento filosófico não como um fim, mas como o meio. Como Ressalta Lima, na obra, *Nietzsche e a educação* como experimentação de si:

É preciso inventar, ampliar os horizontes, retirar as fronteiras e os enquadramentos e desenhar novos caminhos, mas não caminhos fixos seguidos como se fossem uma nova verdade. Trata-se de um percurso a devir, um sempre constituir-se. A possibilidade desses novos caminhos se abre a partir do momento em que nos colocamos como destruidores dos valores morais tradicionais, mas também e, principalmente quando criamos valores afirmando a vida tal como ela nos apresenta. Nesse movimento, a experimentação se apresenta como um elemento que se abre, ampliando nosso leque e fornecendo e oferecendo diversas oportunidades, na medida em que nos dispomos a experimentar o mundo. (Lima, 2019, p.150)

Como meio para ampliar novos horizontes e nos colocar em um local de destaque é válido utilizarmos a força que nos impulsiona a encontrar esse novo caminho. A vontade de potência, conceito utilizado por Nietzsche como força motriz do universo.

Zonzini, faz uma explanação desse conceito. “A vontade de potência é um dos conceitos centrais da filosofia nietzschiana e permeia grande parte do seu pensamento. Entretanto, mesmo sendo bastante conhecido, não é simples de ser abordado devido a sua complexidade” (Zonzini, 2002, p.66). Assim o termo vontade de potência aparece de forma extensa na obra nietzschiana, envolve obras publicadas e fragmentos póstumos, porém muitas vezes desconexa, uma vez que Nietzsche não é um pensador sistemático.

A vontade de potência é uma força vital presente no universo e em cada ser vivo, tendo vários aspectos, fisiológico, psíquico, moral ente outros. Trazendo esse conceito para o âmbito

educacional, faremos uma breve relação entre os termos protagonismo estudantil e vontade de potência como forças criadoras na formação do estudante. Desta forma utilizaremos a vontade de potência, no sentido orgânico, de forças presentes no universo e principalmente nos seres humanos, como afirmação da vida.

Nietzsche afirma que é preciso dar tensão, impulso, dar lugar à vontade de potência do indivíduo para não o aprisionar aos preceitos coletivos, às demandas dos rebanhos. Segundo Lúcia Schneider Hardt³⁵, a autenticidade pautada por uma educação individualizada seria um meio para alcançar a vontade de potência.

Uma cultura autêntica não pode desejar a formação de indivíduos em série; por isso Nietzsche defende uma educação individualizada pautada no cultivo de si: Temos aqui que a abordagem da questão da educação é um ato de resistência para enfrentar a submissão atrelada aos interesses de uma economia de mercado pautada pelo adestramento e preparação para o mercado de trabalho. (Hardt, 2021, p.112).

Buscar e possibilitar a autonomia na construção do conhecimento do aluno é uma necessidade, do contexto social em que vivemos. Desta forma a escola se torna campo de destaque, que pode possibilitar ao aluno ter experiências potencializadoras. O ato criativo é escasso porque somos excessivamente adequados, ajustados ao nosso tempo. Nosso ajustamento é incompatível com a força e as manobras de quem supera seu tempo e do querer poder criativo. Somos muitas vezes como um animal domesticado. Segundo Costa Dias:

A educação a serviço do Estado não é mais que um instrumento de manutenção do status quo, a formar cidadãos dóceis para o mercado. Essa é a educação propalada no tempo de Nietzsche. Não estamos também capturados por essa lógica? Nietzsche define tal realidade como um “processo de mediocrização universal”, alimentado por uma pobreza de espírito pedagógico (Costa Dias, 2016, p.170).

No contexto da sala de aula, a turma é considerada indisciplinada por que conversa, por que não concorda sempre com o professor, por apresentar opinião própria, essa turma é na maioria das vezes a que tem a pior avaliação no conselho de classe. No campo educacional a força é vista como negativa e o que fica destacado é o fraco, aquele que cede, abdica e que obedece a todas as normas estabelecidas.

O aluno deve ser protagonista da sua história. Escrever sua vida e não deixar ser comandado pelas amarras das instituições de ensino, do governo e da sociedade em si. Por mais que todo o contexto histórico cultural e social do aluno seja ponto decisivo na sua trajetória é necessário que o estudante tome as “rédeas” da sua vida. A educação, a leitura a visão de mundo

³⁵ Graduada em História e com doutorado em Educação, desenvolve pesquisas especialmente a partir de Nietzsche. É líder do Grupo de pesquisa GRAFIA no qual coordena um sub: grupo: Bio-Grafia/Nietzsche.

são alguns meios para se alcançar a tão aclamada autonomia. Torna-se a ser o que você é e não o que os “outros” querem fazer de você. “Um ato de resistência” que permita enfrentar a submissão atrelada aos interesses de uma economia de mercado pautada no adestramento e preparação para o mercado de trabalho.

Desta forma a filosofia de Nietzsche, não pretende direcionar os alunos a um sistema educativo, o que está em jogo é possibilitar que cada um, encontre seu caminho, permitindo que o estudante suba aos palcos do diálogo sem se perder na multidão. Nesse sentido, o professor e a escola são a força motriz que vai possibilitar ao estudante desprender-se de certos dogmas até então colocados como corretos e que deveriam ser seguidos sem nenhum tipo de questionamento.

É preciso ressaltar que cabe ao professor em sala de aula, colocar o aluno em contato com diferentes modalidades discursivas. “Qualquer que seja o programa escolhido – ética, estética, filosofia política – não se pode esquecer que a leitura filosófica retém o essencial da atividade filosófica” (Favaretto, 1995, p.80); ou ainda: “É preciso acentuar que uma leitura não é filosófica apenas porque os textos são tidos por filosóficos – ou porque seus autores são considerados autores da história da filosofia, de Platão a Sartre -, uma vez que se pode ler textos filosóficos sem filosofar e ler textos considerados artísticos, políticos, jornalísticos filosoficamente”. (Lyotard, 1993, p.117).

A educação por meio da leitura crítica, pode levar o estudante à emancipação. A educação, tal como Nietzsche a concebe, é um processo lento e singular, pois somente a partir do que se vivencia é que vai se construir os saberes. Portanto, uma educação que preconiza um ensino memorizado e descontextualizado das experiências dos seus alunos é uma educação que não traz nenhum sentido ao aluno.

Ela transforma-se em um ensino, que enfatiza o conteúdo que deve ser aprendido por obrigação, adquirindo um caráter autoritário. Essa educação não leva em consideração que a aprendizagem acontece de diferentes tipos e em diferentes tempos. “A educação precisa “mexer com as nossas emoções, com os nossos instintos, visto que, o conhecimento, para Nietzsche, não se dá ao nível da consciência e da razão. Por outro lado, todo o conjunto do corpo se mobiliza nessa aquisição”. (Lima, 2019, p.203)

Na obra Assim falou Zaratustra, por meio do personagem, Zaratustra, Nietzsche ecoa seu pensamento: “segues teus caminhos de grandeza; aqui ninguém te acompanhará furtivamente! Teus próprios pés apagaram o caminho atrás de ti e acima dele está inscrito: Impossibilidade”. (Nietzsche, 2011). Fica o ensinamento de que cada um deve seguir seu caminho, ter coragem e vontade criadora, sendo protagonista da sua vida.

4 APRESENTANDO A TERTÚLIA FILOSÓFICA: lendo os clássicos e compartilhando palavras

Vivemos em uma sociedade letrada em que a leitura se apresenta na vida dos estudantes como uma prática essencial para seu desenvolvimento cognitivo, social e cultural. Segundo Marcuschi (2008, p.228) “ler é um ato de produção e apropriação de sentido que nunca é definitivo e completo, [...] ler não é um ato de simples extração de conteúdo [...]”.

O pensamento de Freire concorda com Marcuschi, quando Freire afirma que (1989, p. 11), a leitura da palavra “é sempre precedida da leitura de mundo, [...] e mais, aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de tudo, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade”.

Ambos Paulo Freire e Marcuschi compartilham a convicção fundamental de que a leitura e a escrita não são meros atos mecânicos de decodificação de palavras, mas sim processos intrinsecamente ligados à compreensão do mundo que nos cerca. Freire, em sua afirmação de que "a leitura da palavra é sempre precedida da leitura de mundo," ressalta a importância de situar a alfabetização no contexto mais amplo das experiências e realidades dos aprendizes. Essa visão ecoa as ideias de Marcuschi, que enfatiza a relação dinâmica entre linguagem e realidade. Portanto, para ambos os pensadores, aprender a ler e escrever vai muito além das habilidades puramente linguísticas; trata-se de capacitar os indivíduos a interpretar o mundo à sua volta por meio da linguagem, promovendo uma compreensão mais profunda e crítica da realidade.

Nessa perspectiva podemos observar que a relação texto/ leitor é imprescindível. A escola precisa ampliar as oportunidades de aproximação dos textos e de modo a favorecer a construção de conhecimentos a partir deles. Como afirmou Paulo Freire (1994), a aprendizagem da leitura depende de muitos elementos e não pode se reduzir a um ato mecânico e descontextualizado, mas tem que ser um diálogo aberto sobre o mundo e com o mundo.

Compreender a leitura, relacionando conhecimentos, experiências e ações são atitudes que demonstram que a leitura sai do campo individual e se torna um ato social. Essa transformação acontece no momento de interação no ato de ler. Nesse sentido utilizar de uma metodologia de ensino que seja suporte para a leitura interativa é de grande valia no ensino da Filosofia.

Assim, ler é compreender, é inferir sentido como produto da leitura. Portanto, entende-se que compreender um texto não é o mesmo que decodificar mensagens, ela vai muito

além, a compreensão está na interação entre seu conhecimento prévio e o mundo do autor que está expresso no texto, essa relação entre autor e leitor é fundamental, pois é através dela que se dá a compreensão ao se ler um texto, assim, a leitura deixa de ser uma atividade individual para ser um ato social, a interação que ocorre no ato da leitura, assim, a compreensão é uma atividade dialógica que se dá na relação com o outro.

Ler é compreender e compreender é, sobretudo, um processo de construção de significados sobre o texto que pretendemos compreender. É um processo que envolve ativamente o leitor, à medida que a compreensão que realiza não deriva da recitação do conteúdo em questão. (Solé, 1998, p. 44).

Promover a leitura filosófica é um grande desafio, sendo assim é necessário que sejam articuladas ações sensibilizadoras e conscientizadoras do quanto é imprescindível no processo educacional metodologias que estimulem o protagonismo estudantil e amplie, através da leitura filosófica dialógica, visões críticas de suas realidades.

Incentivar os jovens estudantes a pensar por si mesmos com autonomia e responsabilidade, teorizando muitas vezes aquele pensamento que existe mas que precisa de um pouco mais de refinamento e embasamento é a tarefa árdua, mas gratificante da filosofia. A leitura de obras filosóficas apresenta-se como ferramenta para despertar no aluno a segurança e o protagonismo, elevando a sua vontade de potência.

Podemos afirmar que a leitura de obras clássicas e do diálogo igualitário, apresenta-se como possibilidade para que o aluno torna-se protagonista de sua história. Porém em meio a esse contexto surge uma nova problemática. Culturalmente por mais que a escola apresente o discurso de incentivo à leitura não existe o espaço e o tempo necessário para essa prática .

Nesse sentido, consideramos que talvez um dos maiores problemas da leitura literária na escola [...] não se encontre na resistência dos alunos à leitura, mas na falta de espaço-tempo na escola para esse conteúdo que insere fruição, reflexão e elaboração, ou seja, uma perspectiva de formação não prevista no currículo, não cabível no ritmo da cultura escolar, contemporaneamente aparentada ao ritmo veloz da cultura de massa (Rezende, 2013, p. 111).

Nessa perspectiva apresentamos as tertúlias filosóficas como uma metodologia de ensino de Filosofia que irá ser uma aliada na formação leitora do estudante. Inserir as tertúlias filosóficas em meio a um currículo extenso e com as prioridades escolares voltadas à cultura de massa é criar obstáculos. Concomitantemente mostra-se uma prática necessária. As tertúlias são espaços de discussão, troca de ideias e argumentos acerca de assuntos que interessam a todos os envolvidos. A tertúlia no espaço escolar é uma reunião de alunos e membros da comunidade escolar, que tem objetivo ser um ponto de encontro de pessoas interessadas em debater frontal, mas educadamente acerca de um tema.

Não é um espaço de confrontação argumentativa. O importante é o debate livre de ideias, e não a confrontação de pessoas. Existe um tema central, que é anunciado previamente (por exemplo, proposto ou escolhido de uma sessão para outra) com indicação de fontes e autores que possam ser consultados para enriquecer e contextualizar a discussão.

Ler de forma compartilhada e interativa é uma prática que ajuda os estudantes na compreensão. Principalmente se torna mais eficaz quando se utiliza esse espaço de leitura entre todos para ler textos que ofereçam maior grau de complexidade. Para Santos, o espaço da tertúlia oferece muito aprendizado por ser um espaço de troca e ampliação de interpretações.

Nessa forma de se ler entre todos podem acontecer muitos aprendizados. Por exemplo, a troca e a ampliação de interpretações a partir da leitura de diferentes obras; a construção de conhecimento de forma compartilhada e não só por meio do saber do professor; o desenvolvimento da leitura crítica, uma vez que se pode comentar de forma muito aberta os textos lidos; a melhoria da compreensão leitora; e muitos outros aprendizados ligados à comunicação oral e ao uso da palavra falada. (Santos, 2015, p.89).

As tertúlias tem sua origem inicialmente com Marc Sautet que foi o fundador dos cafés filosóficos na França, no ano de 1992. O espírito principal que conduz os cafés filosóficos é o da tolerância, do respeito, abertura e pluralismo. Posteriormente, desenvolveram-se outros modelos, tais como o *atelier-philos* e o *cine-philos*, que também podem assumir a designação de tertúlias filosóficas. Trata-se de um instrumento para recolocar a filosofia no centro da sociedade contemporânea, através do debate livre de ideias, promovendo uma cidadania responsável.

Os cafés filosóficos foram alvo de críticas, pois alguns filósofos e intelectuais manifestaram-se contra o caráter espontâneo e popular do debate. Entretanto outros, como *Edgar Morin*, preferiram salientar que na *Ágora*³⁶ que era um espaço ateniense onde as pessoas podiam participar, independentemente da sua formação filosófica.

O objetivo das tertúlias filosóficas no espaço escolar, é promover a participação dos estudantes ao debate livre e democrático, desenvolvendo a consciência da cidadania e discutindo assuntos filosóficos de interesse geral. Nesses encontros, há o respeito às diferenças que garante uma diversidade cultural e, o direito de todos os participantes obterem condições dignas de vida e de poder viver e pensar de maneira diferente, para refletir e se posicionar no

³⁶ *Ágora* (ἀγορά; "assembleia", "lugar de reunião", derivada de ἀγείρω, "reunir") é um termo grego que significa a reunião de qualquer natureza, geralmente empregada por Homero como uma reunião geral de pessoas. A *ágora* parece ter sido uma parte essencial da constituição dos primeiros estados gregos.

mundo, por meio de um livro da literatura clássica universal, com o propósito de promover a compreensão leitora e a construção coletiva do lido.

No Brasil as tertúlias dialógicas foram inseridas como uma metodologia de êxito no início dos anos 2000 através do projeto Comunidades de Aprendizagem³⁷. No ano de 2014, o Instituto Natura consolidou o projeto Comunidade de Aprendizagem na Escola, atualmente presente em mais de 300 escolas no Brasil e 37 em outros três países da América Latina. O projeto que visa uma educação de êxito para todas as crianças e jovens buscando, ao mesmo tempo, eficácia, equidade e coesão social. Esse projeto surgiu na década de 1990 na Universidade de Barcelona. A Comunidade de Aprendizagem pensa e busca estratégias dialógicas e redes de apoio e colaboração para melhorar a escola. A aprendizagem dialógica é baseada na concepção de aprendizagem fundamentada na premissa de que a interação e o diálogo são ferramentas essenciais para a construção de novos conhecimentos.

Na sociedade atual, a aprendizagem depende cada vez mais da correlação das interações que os estudantes estabelecem na escola com todas as pessoas de seu entorno, bem como na vivência em múltiplos espaços a que têm acesso. Desta forma promover espaços de troca de conhecimento tendo como base obras clássicas é de grande significatividade para a formação intelectual e cultural do estudante.

A Aprendizagem Dialógica prioriza as interações com maior presença de diálogos, entre pessoas o mais diversas possível, buscando o entendimento de todos e valorizando as intervenções em função da validade dos argumentos. Difere das interações de poder, nas quais predominam relações de poder e o peso da estrutura social desigual (Aubert, 2008, p. 67).

O encanto por essa metodologia é perceber que a voz literalmente é do “aluno” pois existe a abertura para pontos de vistas diferentes promovendo a flexibilização do discurso autoritário muitas vezes enrijecido na escola, o que permite ao aluno ter mais confiança no seu conhecimento dando abertura ao dialogismo. Pois como apresenta Santos:

Há que se considerar ainda a realidade de muitas escolas em que a linguagem é usada como uma “camisa de força”, voltada ao controle e à submissão. No contexto escolar, no entanto, é comum o emprego da linguagem de forma transmissiva e imperativa. Os discursos comportam, conforme Bakhtin (1934- 35/1975/2014), a palavra internamente persuasiva e/ou o discurso autoritário, que impõe a assimilação de um único sentido a ser aceito e transmitido. O discurso autoritário trata-se de um discurso compacto, inerte e praticamente imutável, pois sua estrutura é imóvel, monossêmica e rígida, o que impossibilita seu questionamento ou transformação. Nele, não há

³⁷ Comunidade de Aprendizagem é uma proposta de transformação educacional que busca melhorar a aprendizagem e a convivência de todas e todos os estudantes. Baseado nos Princípios da Aprendizagem Dialógica e em um conjunto de Atuações Educativas de Êxito, o projeto leva práticas comprovadamente eficazes para a sala de aula e para a gestão escolar.

abertura a questionamentos ou diálogo, pois suas características hierárquicas bem delimitadas demandam a apropriação de um sentido único. (Santos, 2015, p.69).

No momento em que nos comunicamos e iniciamos um diálogo com outras pessoas, damos significado à nossa realidade. Assim, construímos o conhecimento primeiramente a partir de um plano intersubjetivo, ou seja, a partir do social, e progressivamente o interiorizamos como um conhecimento próprio (intrassubjetivo). De acordo com Vygotsky (1998), o conhecimento é construído primeiramente por meio de interações sociais, onde os indivíduos aprendem com outras pessoas mais experientes, como pais, professores ou colegas. Esse estágio é denominado "plano intersubjetivo", onde o conhecimento é compartilhado e construído em um ambiente social. O aluno necessita desse lugar de fala, onde ele pode externalizar suas experiências sem está preso pelas amarras da timidez ou de julgamentos.

A tertúlia filosófica é um espaço significativo, pois envolve o aprendizado e o conhecimento através da leitura, dando suporte teórico crítico às angústias do estudante, e pelo viés igualitário e dialógico o aluno sente-se livre para expressar seus pensamentos, pois a leitura e o espaço para expor sua fala lhe proporciona isso. Nas palavras de Paulo Freire percebemos a essência da filosofia, o amor pelo saber.

Ama comunicação com os demais. Não há educação sem amor. O amor implica luta contra o egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar. Não há educação imposta, como não há amor imposto. Quem não a medo. Nada se pode temer da educação quando se ama. (Freire, p. 1983, p. 29).

A metodologia das tertúlias filosóficas consiste na leitura de clássicos da Filosofia. Porém podemos encontrar grande resistência por parte dos estudantes à leitura dos clássicos. Alegam que são textos complicados, distantes de suas realidades, que apresentam um vocabulário difícil e que acabam por se desinteressar da leitura, considerando-a uma atividade enfadonha.

Porém os estudantes muitas das vezes, não teriam acesso aos clássicos indicados na tertúlia filosófica se não fosse na escola. A prática da tertúlia preenche uma lacuna cultural, aumentando as expectativas de aprendizagem, transformando o entorno e abrindo as portas para o êxito acadêmico. Apesar do grande número dos estudantes terem interesse na cultura moderna, nos seus autores e na vasta obra literária que permite diferentes formas de enxergar o mundo por meio da literatura e que tem sido responsável, em grande parte por aproximar os jovens do mundo da leitura.

É interessante reconhecer o papel importante das obras clássicas. São as obras clássicas que nos permitem refletir sobre a cultura de um povo, conhecer sua história, nos dando

um novo olhar sobre o mundo atual, fazendo com que o estudante pense criticamente sobre o que está lendo para compreender completamente o significado da obra. Isso irá desenvolver sua capacidade de interpretar textos complexos e auxiliar na sua capacidade da escrita.

Geralmente nos espaços disponibilizados para leitura dos jovens, as obras clássicas da filosofia muitas vezes são excluídas, impossibilitando os estudantes a oportunidade de participar da leitura mais aprofundada desse tipo de leitura. Nessa perspectiva observamos a relevância de promover tertúlias filosóficas nos espaços escolares.

Sobre a estrutura da tertúlia, uma figura central e de grande relevância é o moderador. O papel do moderador é de organizar e mediar a leitura. Organizando o turno da palavra promovendo a essência da tertúlia filosófica. Diálogo igualitário, livre de julgamentos:

O moderador tem como responsabilidade a organização do turno de palavras, momento no qual os trechos selecionados pelos participantes são lidos e comentados; todos os participantes que desejarem podem comentar, sempre respeitando a sua vez de falar; durante o turno de palavras, o diálogo e os debates entre diferentes opiniões acontecem através dos argumentos apresentados e todos aprendem uns com os outros, incluindo o mediador. (Santos, 2015, p.90).

Durante o turno da palavra são colocadas diferentes opiniões sobre os diversos trechos destacados. Com a motivação do mediador, cada estudante se empenha em levantar argumentos, ideias que fundamentem seu ponto de vista. A opinião de todos é muito importante e, o melhor, é que não há certo ou errado e que esse espaço pode ser usado para trazer, inclusive, dúvidas.

Esse é um grande diferencial na Tertúlia Literária e na vivência do diálogo igualitário: prescindir das relações de poder para de fato compartilhar a palavra e não somente para deixar que as pessoas falem, mas para garantir que todos sejam ouvidos e respeitados. Não se fechar num ponto de vista é o pleno exercício desse respeito à inteligência cultural. (Santos, 2015, p. 93),

A estrutura da Tertúlias filosófica é apresentada da seguinte forma:

Tabela 2 – Estrutura das tertúlias filosóficas

- | |
|---|
| <p>1. Passo - Papel do moderador: O primeiro passo é o moderador ter clareza do seu papel: organizar a conversa e favorecer a participação de todos. O moderador não explica, não apresenta, nem contextualiza a obra. A forma como o moderador organiza a conversa garante a predominância do diálogo igualitário. Por isso, é importante que ele não proponha nenhuma análise da obra que lhe pareça mais crítica e profunda, evitando assim estabelecer uma interação de poder com os participantes.</p> |
|---|

2. Passo – Escolha do livro: O livro de literatura clássica universal é previamente escolhido tendo como base o grupo que irá participar da tertúlia, assim como as páginas que serão debatidas no dia do encontro.
3. Passo - Leitura do livro: Os participantes leem as páginas selecionadas para a Tertúlia e cada um escolhe um trecho para compartilhar e explicar por que gostou ou não e o que chamou sua atenção.
4. passo – Turno da palavra: O moderador abre o turno da palavra perguntando quem gostaria de compartilhar o trecho escolhido. Anota a ordem das pessoas que querem falar e dá a palavra ao primeiro da lista. Ao favorecer que todos coloquem seus argumentos e opiniões, o moderador garante o respeito, a diversidade de pontos de vista e a participação igualitária. Assim, todas as pessoas podem se expressar livremente e sem restrições, independentemente de seus conhecimentos acadêmicos ou bagagem cultural.
5. passo – Leitura e argumentação: A primeira pessoa indica a página onde está o trecho escolhido, lê em voz alta e argumenta por que o escolheu. Nesse exercício de leitura e explanação, os estudantes aprendem a argumentar e compartilhar as experiências e reflexões motivadas pela leitura, reforçando sua compreensão leitora e expressão oral, além de uma postura crítica e reflexiva.
6. passo – Comentários: Os participantes tem a oportunidade de fazer comentários sobre o que foi lido e debatido. Quando se dá aos participantes a oportunidade de comentar o trecho lido e ouvir os comentários dos demais, a compreensão leitora aumenta, favorecendo tanto a ampliação da interpretação inicial do texto e das reflexões desencadeadas por ele, quanto a transformação da própria pessoa. Essa interação também reforça a aprendizagem instrumental, sobretudo a leitura, uma vez que o objetivo das tertúlias é estimular nos alunos essa competência.
7. passo- Ciclo da tertúlia - Depois que todos os comentários sobre o primeiro trecho lido foram feitos, o moderador dá a palavra ao próximo nome da lista de inscritos. Após a leitura e argumentação, o moderador abre um novo turno de palavra para comentários críticos e reflexões dos demais participantes sobre o segundo trecho lido. Segue esse procedimento de respeitar a ordem do primeiro turno e abrir novos turnos, até que todos tenham sua palavra garantida. Para finalizar, o grupo escolhe o trecho a ser lido para a próxima tertúlia.
Importante: Para criar um ambiente de confiança, é importante que as tertúlias tenham uma regularidade, ou seja, que aconteçam sempre no mesmo local, horário e frequência.

Fonte: www.comunidadeaprendizagem.com

As tertúlias filosóficas podem ser organizadas da seguinte forma:

Tabela 3 - Organização da tertúlia filosófica

Como organizar Tertúlias Literárias?
Antes

<ul style="list-style-type: none"> • Escolha do moderador e do livro a ser lido. • Leitura das páginas selecionadas e escolha do trecho para compartilhar.
<p>Depois</p> <ul style="list-style-type: none"> • Leitura das páginas selecionadas para a próxima tertúlia e escolha do trecho a compartilhar.
<p>Durante</p> <ul style="list-style-type: none"> • O moderador abre o primeiro turno de palavra e respeita sua ordem até o final. • A cada trecho lido, o moderador abre novo turno para comentários.
<ul style="list-style-type: none"> • Ao final, o grupo de participantes combina qual trecho será lido para a próxima tertúlia.

Fonte: Comunidade de Aprendizagem

Nesse sentido, observa-se que as práticas da tertúlia filosófica podem aumentar o vocabulário dos estudantes, melhoram a expressão oral e escrita, ampliam a compreensão leitora, o pensamento crítico e a capacidade de argumentação em todos os envolvidos, produzindo importantes transformações na superação de desigualdades.

A tertúlia possibilita o pensar filosófico que pode ser relacionado com as problemáticas do cotidiano. A metodologia da tertúlia filosófica funciona como viés de ligação entre filosofia, o aluno e a sua realidade. Através do incentivo a leitura de obras clássicas e do diálogo democrático o aluno poderá alcançar sua autonomia.

Nos tópicos a seguir, será apresentado as informações referentes a pesquisa realizada na escola Instituto Estadual de Ciência e Tecnologia do Maranhão –IEMA Pleno Bacabeira, com a descrição do campo de investigação, o perfil dos alunos, o contexto de sala de aula. Os instrumentos que serão utilizados como estratégia de investigação, para que possamos refletir sobre o problema em questão: Como incentivar a leitura filosófica dos alunos do ensino médio?

No primeiro momento, discorreremos sobre os métodos e instrumentos de observação e levantamento de dados, utilizados nesta pesquisa. Em seguida, abordaremos a organização de observação do campo de investigação, bem como o detalhamento do espaço físico da escola. Depois, detalharemos as análises dos perfis socioeconômicos dos sujeitos desta pesquisa, descreveremos a organização do cronograma de atividades e a experiência em sala de

aula, e finalmente, a entrevista com alunos, sobre a percepção e suas expectativas sobre as Tertúlias filosóficas.

4.1 O método da pesquisa

A presente pesquisa é de natureza aplicada, pois objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais. A pesquisa aplicada concentra-se em torno dos problemas presentes nas atividades das instituições, organizações, grupos ou atores sociais. Ela está empenhada na elaboração de diagnósticos, identificação de problemas e busca de soluções. Responde a uma demanda formulada por “clientes, atores sociais ou instituições” (Thiollent, 2009, p.36).

Esse trabalho de pesquisa se inicia a partir da pesquisa bibliográfica. Deste modo, iniciamos a nossa investigação pela escolha do tema, seguido do levantamento bibliográfico que será a fundamentação de todo o desdobramento da pesquisa.

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta. (Fonseca, 2002, p. 32).

Quanto aos objetivos a pesquisa é de caráter exploratória (delimitação do estudo, levantamento bibliográfico, leitura e análise de documentos) Para Zikmund (2000), os estudos exploratórios, geralmente, são úteis para diagnosticar situações, explorar alternativas ou descobrir novas ideias.

Este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Envolvendo: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão (GIL, 2007). Essas pesquisas podem ser classificadas como: pesquisa bibliográfica e estudo de caso (GIL, 2007).

Quanto a abordagem, a pesquisa é qualitativa. A pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes.

Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Segundo esta perspectiva, um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando /I captar" o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno

O objeto desta pesquisa está relacionado com a proposta de intervenção no campo. O propósito foi desenvolver junto com os estudantes uma metodologia de leitura filosófica. Para isso, é necessário debruçarmos sobre os referenciais teóricos e pesquisas de ordem prática sobre o das tertúlias filosóficas.

Como sujeito participante da pesquisa ao investigar a leitura filosófica nos alunos do ensino médio da instituição ao qual leciono a pesquisa colaborativa torna-se eficaz. A pesquisa colaborativa embasada em Magalhães (2016) é uma metodologia de pesquisa no âmbito da educação, a qual considera que o conhecimento é construído por meio das interações entre os sujeitos. Dessa forma, buscam-se transformações por meio de instrumentos que permitem aos indivíduos refletirem sobre os sentidos e significados de suas próprias ações e as dos outros.

Segundo Desgagné (2007), a pesquisa colaborativa se articula a projetos cujo interesse de investigação se baseia na compreensão que os docentes constroem, em interação com o pesquisador, acerca de um aspecto da sua prática profissional, em contexto real. Em consequência, o papel do pesquisador, no referido projeto colaborativo, se articula essencialmente em função de balizar e orientar a compreensão construída durante a investigação.

Tal compreensão parte do quadro de exploração proposto, remetendo-se ao projeto teórico ligado ao objeto de pesquisa privilegiado, no próprio contexto da investigação. Trata-se, precisamente, de uma compreensão em construção e constante ajustamento que, no sentido inverso, é susceptível de influenciar as balizas e as orientações do pesquisador no desenvolvimento do projeto.

Quanto ao procedimento será feito um estudo de caso que pode ser caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa, ou uma unidade social. Visa conhecer em profundidade o como e o

porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico (Fonseca, 2002, p. 33).

Como estratégia de ensino, o método do caso teve origem na Escola de Direito da Universidade de Harvard, na segunda metade do século passado, e vem sendo usado há muitos anos, nos Estados Unidos e no Brasil. Tem por objetivo proporcionar vivência da realidade por meio da discussão, análise e tentativa de solução de um problema extraído da vida real (Godoy, 1995, p.25).

Segundo Yin “, esta “... é uma forma de se fazer pesquisa empírica que investiga fenômenos contemporâneos dentro de seu contexto de vida real, em situações em que as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não estão claramente estabelecidas, onde se utiliza múltiplas fontes de evidência”. Com o objetivo de aprofundar a descrição de determinado fenômeno, o investigador pode optar pelo estudo de situações típicas (similares a muitas outras do mesmo tipo) ou não usuais (casos excepcionais). (Godoy, 1995, p.25)

Sobre os instrumentos da pesquisa aconteceu a coleta e análise de dados através dos métodos quantitativos e qualitativos (questionário e entrevista semi estruturada). Foram feitos questionários para compreender o perfil socioeconômico dos alunos envolvidos na pesquisa e aplicados questionários para avaliar a viabilidade da metodologia aplicada no campo educacional.

O produto educacional consiste em uma oficina podcast de orientação destinado aos professores acompanhada por uma sequência didática de aplicação e relato de experiência dos alunos que será disponibilizado pelas plataformas digitais youtube e Spotify , e em uma cartilha em material pdf .

4.2 A escola campo e o perfil dos estudantes

A pesquisa foi realizada na escola de tempo integral Instituto Estadual De Educação, Ciência E Tecnologia Do Maranhão – Iema Pleno Bacabeira situado no endereço R. Humberto de Campos - Centro, Bacabeira - MA, 65143-000, na cidade de Bacabeira- MA. O estudo foi feito com 40 alunos de salas diversificadas contemplando alunos do 1º ano do ensino médio das turmas 101, 102, 103, 104 durante a disciplina eletiva *Procurando o Nome*.

A aplicação das tertúlias filosóficas aconteceu durante a disciplina eletiva, devido à baixa carga horária da disciplina de Filosofia, Um (1) horário semanal. Para apresentar a escola escolhida na aplicação da pesquisa foi utilizado como fundamento a documentação que

rege e orienta as unidades dos IEMAS plenos e IEMAS Vocacionais, as Diretrizes Operacionais 2023 do IEMA, além da observação e diálogo com profissionais da unidade.

A escola campo escolhida para acontecer a pesquisa foi O Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IEMA. O Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão - IEMA é uma instituição pública do estado do Maranhão, que tem como objetivo oferecer educação profissional, científica e tecnológica de nível médio e superior em seus IEMAs Plenos e IEMAs Vocacionais.

A Carta Fundacional do IEMA, Resolução CONSUP Nº 92/2018, estabelece como missão “promover educação profissional, científica e tecnológica, de forma gratuita, inovadora e de qualidade, visando à formação integral dos jovens para atuarem na sociedade, de maneira autônoma, solidária e competente” e visão “ser referência, até 2027, em educação profissional, científica e tecnológica no Estado do Maranhão”.

O principal propósito do IEMA é contribuir para a realização dos projetos de vida dos estudantes para que sejam agentes de transformação no mundo. Cooperação, Inclusão, Inovação, Qualidade, Transparência e Confiança são os valores seguidos pela instituição.

Existem 34 IEMAs Plenos presentes em 29 municípios do Maranhão, perfazendo 12.381 estudantes matriculados no ensino médio integral. O Modelo Institucional, adotado pelo IEMA, utiliza inovações pedagógicas que, integradas ao desenvolvimento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), Parte Diversificada (PD) e Base Técnica (BT), favorecem o pleno desenvolvimento do estudante. O Modelo de Pertinência, o Modelo Pedagógico e o Modelo de Gestão.

O Modelo de Pertinência tem como princípios, o aperfeiçoamento contínuo que consiste na atualização de conteúdo baseado em tendências nacionais e globais; a prática baseada em evidência que consiste em implantação de projeto piloto antes da incorporação de novas ideias e métodos; e a pesquisa aplicada que está na realização de estudos e pesquisa para delinear a oferta educativa.

O Modelo Pedagógico do IEMA é constituído por cinco princípios educativos, nos quais estão pautadas e fundamentadas as metodologias de êxito. Inicia-se com o protagonismo Juvenil onde o jovem é o ator principal em ações que dizem respeito aos problemas concernentes ao bem comum, na escola e na sociedade de modo geral.

A escola trabalha com os 04 Pilares da Educação (Delors, 1998) que são estratégias de desenvolvimento das competências dos estudantes, que podem ser sintetizadas nas seguintes proposições: Aprender a Conhecer, Aprender a Fazer, Aprender a Conviver e Aprender a Ser. A educação pela Pedagogia da Presença (Costa, 2001): esse é um princípio

segundo o qual o educador estará junto ao estudante de maneira compromissada, presente e recíproca, garantindo seu desenvolvimento pleno.

Princípio da Educação Interdimensional/Competência Socioemocional (COSTA, 2021), por sua vez, leva em consideração as dimensões da corporeidade, do espírito e da emoção na formação humana e não apenas a formação cognitiva, o que implica inovações, conteúdo, método e gestão. Para concluir Princípio da Inserção Transformadora: seu cerne é a tomada de decisão, no sentido de intervir e transformar a realidade, não apenas a própria, mas a de sua família e de sua comunidade.

O IEMA apresenta uma jornada em tempo integral para os estudantes, com currículo integrado, composto por Base Nacional Comum Curricular, Parte Diversificada e Base Técnica. O tempo de permanência dos estudantes começa às 7h30min com o acolhimento e encerra às 17h.

O currículo do Ensino Médio do IEMA está distribuído em 03 (três) séries anuais, correspondendo cada uma a 02 (dois) períodos semestrais letivos, com duração mínima anual de 1800 (mil e oitocentas) horas em 200 (duzentos) dias letivos.

Na interface com o Novo Ensino Médio, as matrizes dos IEMAs Plenos apresentam as seguintes características:

QUADRO 1 – Modelo Curricular IEMA

a) Organização curricular dos cursos técnicos em dois a três eixos tecnológicos por IEMA Pleno, permitindo a integralização curricular entre os cursos, ampliando a formação integral no itinerário formativo do estudante, de forma interdisciplinar entre cursos, possibilitando que os profissionais que atuam na Base Técnica possam desenvolver atividades pedagógicas por eixo tecnológico em mais de um curso técnico;
b) Parte diversificada do currículo a partir de 1.300 horas, visando consolidar habilidades em torno de aspectos locais e regionais integrados à formação geral comum e técnico-profissional;
c) Eletivas, Estudo Orientado, Tutoria, Espanhol, Robótica, Avaliação Semanal e Projeto de Vida estão presentes em todos os semestres letivos; Projetos Empreendedores e de Corresponsabilidade Social, na primeira série.
d) Projetos Empreendedores e de Corresponsabilidade Social é um componente da Parte
e) Diversificada, comum a todos os estudantes, presente na 1ª série e) Oferta de duas Línguas Estrangeiras (Inglês e Espanhol), sendo o Espanhol o componente da Parte Diversificada do currículo com 140 horas;

f) Todos os estudantes terão 2h semanais na disciplina de Robótica Aplicada, operacionalizadas na Parte Diversificada no 1º e 2º semestre da 1ª série de todos os cursos técnicos, totalizando 80 (oitenta) horas por semestre.
g) O professor responsável pela disciplina de Robótica Aplicada, além de atuar como professor do seu respectivo componente curricular, também poderá exercer a função de professor coordenador;
h) Na 3ª série do Novo Ensino Médio, o estudante também atuará nos IEMAs concedentes de Estágio com 150 horas, ou/e em Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, que foca na prototipagem ou em outro formato a ser definido pela Diretoria Adjunta Pedagógica;
i) Fundamentos da Informática e Programas Aplicativos é um componente da Base Técnica comum a todos os cursos técnicos, com carga horária de até 4h semanais (80 horas semestrais), oferecido apenas no 2º semestre da 1ª série. Por meio desse componente, os estudantes terão fundamentos e práticas sobre as ferramentas do office e programas aplicativos indispensáveis para inclusão digital e tecnológica;
j) Os componentes curriculares da Base Técnica serão oferecidos a partir do 2º semestre da 1ª série, exceto no Curso de Enfermagem, que ocorrem desde o primeiro semestre. O 1º semestre do curso de Ensino Médio, portanto, será destinado ao nivelamento necessário para a consolidação das aprendizagens pertinentes ao Ensino Médio, conforme a Base Nacional Comum Curricular;
k) Os componentes curriculares compõem estudos e práticas da formação geral básica e estão organizados em quatro áreas do conhecimento, integradas à formação técnica e profissional. Assim, estrutura-se o itinerário formativo em eixo tecnológico, em um mesmo curso técnico, mediante sucessão de unidades curriculares para o alcance do perfil de saída, conforme o Catálogo Nacional de Cursos Técnicos;
l) Mesmo com a reforma do Novo Ensino Médio, o componente curricular de Educação Física é obrigatório. No IEMA, é ofertado em todos os anos letivos, com foco na formação integral, em todos os aspectos biopsicossociais, éticos, estéticos e espirituais, incluindo corpo e mente sãos.

Fonte: Diretrizes do IEMA (2023)

A organização do trabalho pedagógico do Ensino Médio, com base na BNCC, é distribuída por áreas do conhecimento que são desdobradas em componentes curriculares: Linguagens e suas Tecnologias: composta por Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e Língua Estrangeira Moderna – Inglês e Espanhol; Matemática e suas Tecnologias (Matemática); Ciências da Natureza e suas Tecnologias (Biologia, Química e Física); Ciências Humanas e Sociais aplicadas (Geografia, História, Sociologia e Filosofia).

Fazem parte ainda da escola as Práticas e Vivências em Protagonismo podem estruturar-se a partir de organizações como o Conselho de Líderes de Turma, Clubes Juvenis, Grêmios Estudantil, monitoria ou outras ações em que os estudantes, assessorados por seus

professores, possam atuar na construção e implementação de soluções para problemas reais com os quais se deparam no dia a dia do IEMA, da sua comunidade ou da sociedade da qual fazem parte.

O IEMA apresenta uma estrutura tanto física quanto pedagógica diferenciada, sendo considerada no Maranhão como escola de referência. A escola campo da pesquisa é o IEMA pleno Bacabeira. O IEMA pleno Bacabeira foi junto com o IEMA Centro e IEMA Pindaré as primeiras unidades implantadas no Maranhão no ano de 2016.

São ofertados na escola os cursos técnicos em Administração, Agroecologia, Logística e Mineração. O IEMA pleno Bacabeira recebe alunos de três cidades, Bacabeira, Santa Rita e Rosário porém desde o ano de 2022 temos uma aluna de Itapecuru – Mirim, a mesma faz o traslado entre as cidades diariamente. A maioria dos alunos utilizam o transporte escolar para a sua locomoção. A inserção dos alunos dar-se por meio de inscrição e a seleção acontece pela análise socioeconômica.

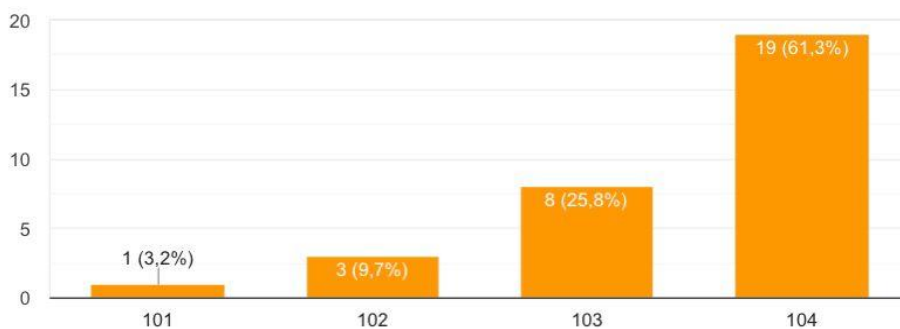
A equipe do IEMA pleno Bacabeira é composta por 3 (três) gestores, 35 (trinta e cinco) professores, cinco (5) serviços gerais, (2) duas coordenadoras de pátio, 1 (uma) secretária, 6 (seis) equipe de cozinha, 1 (um) jardineiro, 4 (quatro) vigilantes, 1 (um) auxiliar de educação especial, 3 (três) professoras de AEE, 1 (uma) bibliotecária.

O IEMA Bacabeira é uma escola de grande porte. Possui salas climatizadas com armários, quadra poliesportiva, vestiário, refeitório, biblioteca, laboratórios de Biologia, Química, Matemática, Física, Robótica. A escola ainda conta com laboratório de Informática, Auditório, Sala de AEE.

No início da eletiva *Procurando o Nome* foi aplicado um questionário socioeconômico e étnico – cultural via google forms , direcionado aos estudantes para conhecer melhor o perfil dos estudantes presentes na pesquisa. O questionário foi direcionado a 40 (quarenta) alunos, porém apenas 31 responderam o questionário.

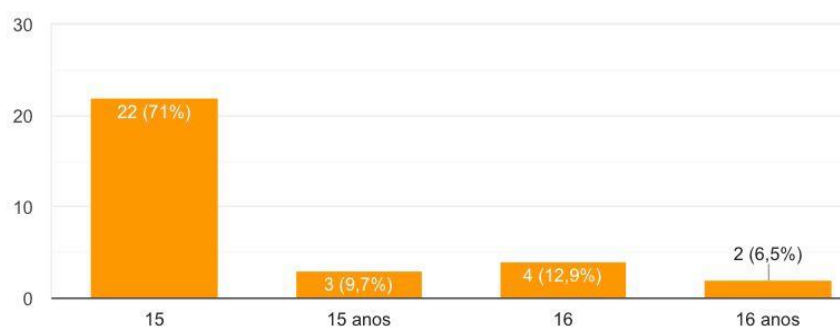
Segundo os dados da pesquisa feita através de questionário. A maioria dos estudantes que optou por fazer a eletiva de Filosofia foi da turma 104.

GRÁFICO – 1 Alunos por turma



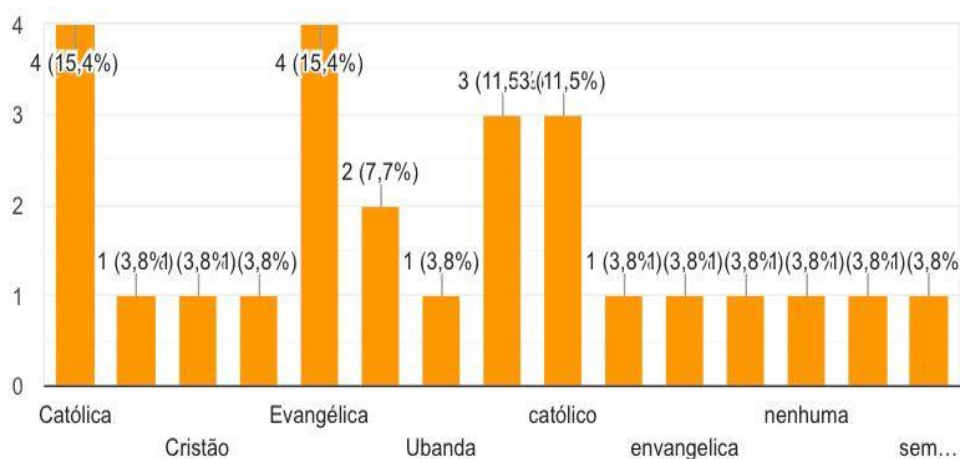
Como perfil são estudantes que possuem a idade entre 15 na sua grande maioria e 16 anos.

GRÁFICO – 2 Alunos por idade



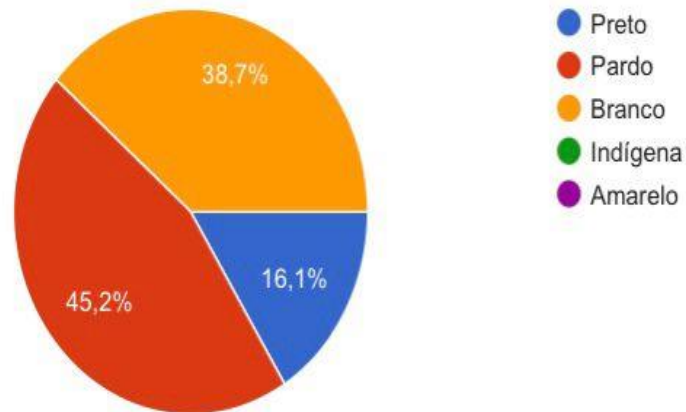
São estudantes que possuem diferentes crenças e religiões. Destacam-se em quantidade os católicos e evangélicos, porém também existem adeptos da Umbanda e estudantes que não possuem religião.

GRÁFICO – 3 Alunos por religião



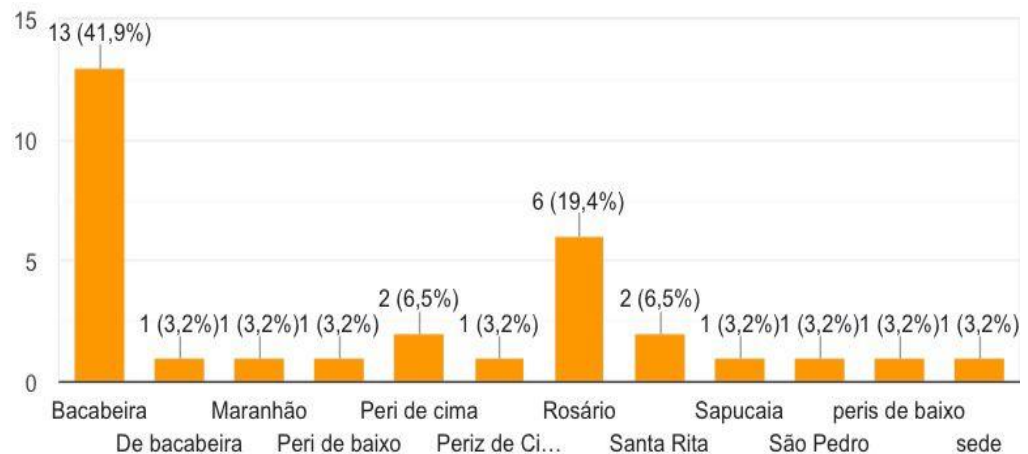
45,2 % dos estudantes se consideram pardos, 38,7% brancos e 16,1% afirmaram que são pretos.

GRÁFICO – 4 Alunos por cor



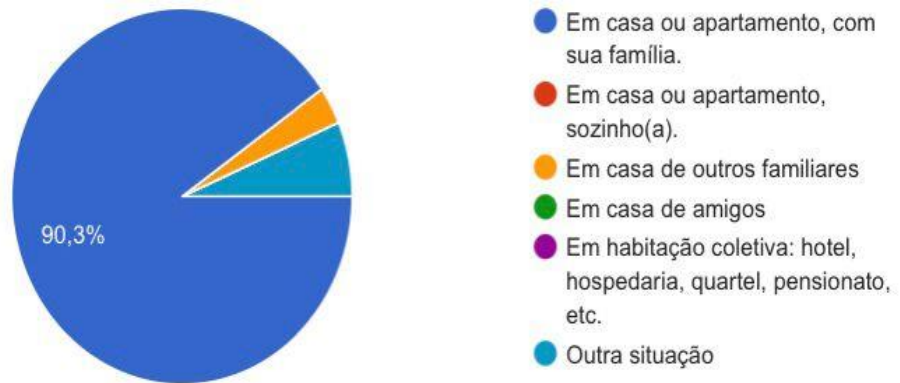
A na maioria provenientes da cidade de Bacabeira e povoados (Periz de Cima e Periz de Baixo, São Pedro e Sapucaia), seguidos pela cidade de Rosário e estudantes que moram em Santa Rita.

GRÁFICO – 5 Alunos por cidade



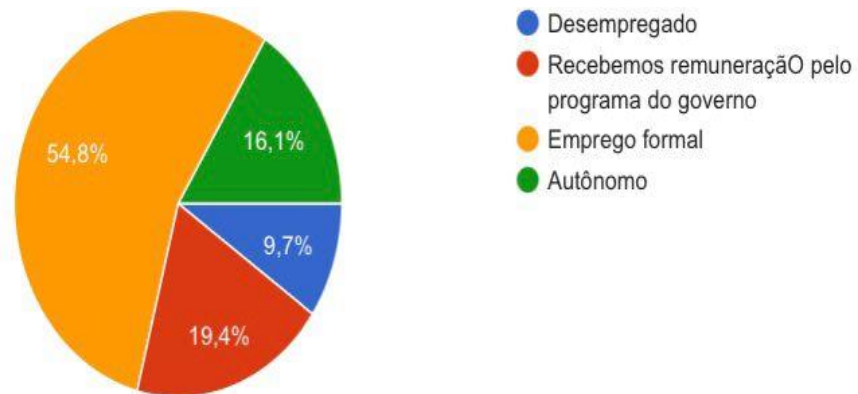
Quanto a moradia, a grande maioria, 90,3% mora com os pais.

GRÁFICO – 6 Tipos de moradia por aluno



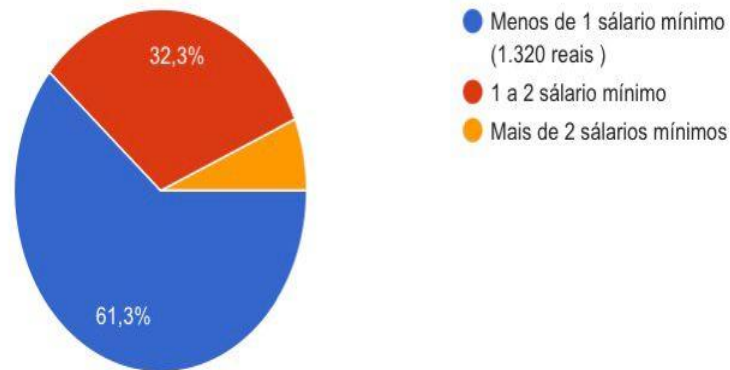
No fator econômico, 54,8% declararam que os pais e responsáveis possuem empregos formais, 19,4% vivem de remuneração por programas do governo, seguidos de 16,1% trabalham por conta própria e 9,7% estão desempregados.

GRÁFICO – 7 Tipos de remuneração por aluno



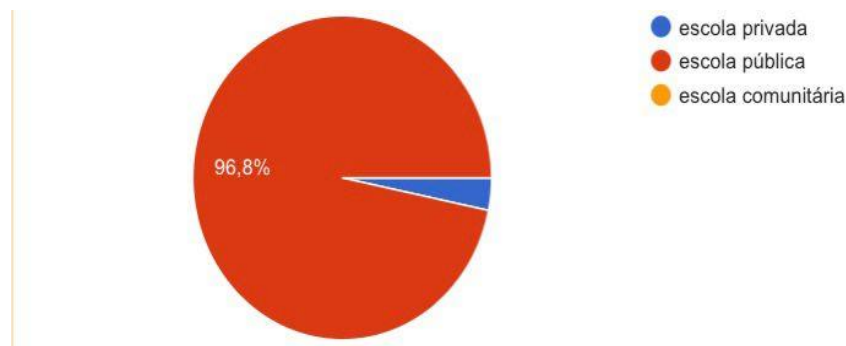
Os estudantes declararam que seus pais e responsáveis na grande maioria 61,3% recebem até um salário mínimo de 1320,00 reais e 32,3% responderão que seus familiares recebem 1 a 2 salários mínimos.

GRÁFICO – 8 Média salarial por aluno



Para finalizar esse primeiro momento. Constatou-se que 96,8% dos estudantes são oriundos da escola pública.

GRÁFICO – 9 Alunos por tipo de escola anterior



Desta forma percebe-se através do questionário que são alunos da instituição são de classe baixa, possuindo baixo poder aquisitivo. Os alunos escolheram estudar no IEMA por ser uma instituição de credibilidade na região e pela oportunidade de adentrar mais brevemente no mercado de trabalho por sair com a formação médio e técnica.

Esse momento foi rico em possibilidades, pois ao analisar o perfil sociocultural dos estudantes nos possibilita a visão macro das diferentes situações que interferem no contexto educacional. A análise do perfil socioeconômico nos permite uma visão do contexto familiar em que o sujeito está inserido, não são apenas dados, são significados na forma como os próprios indivíduos são tratados em sociedade e como os papéis sociais são organizados.

4.3 Relatando as experiências: filosofia e sala de aula a aplicação prática da tertúlia filosófica.

A pesquisa aconteceu durante a disciplina eletiva Procurando **o nome**. Essa eletiva é composta pelas disciplinas de Matemática e Filosofia, oferecida aos alunos do 1º ano como plano de nivelamento. A disciplina eletiva foi oferecida com o intuito de trabalhar com os alunos habilidades de leitura e cálculo, observadas como deficitárias na avaliação diagnóstica feita no início do ano pela escola.

A aplicação das tertúlias filosóficas funciona como proposta de intervenção perante as aulas de filosofia e uma metodologia de ensino que estimula a leitura filosófica como ampliação do conhecimento filosófico. Os alunos participantes da pesquisa são do 1º ano do ensino médio de turmas variadas (101,102,103,104). A aplicação e análise da pesquisa foram feitas durante as aulas da disciplina eletiva **Procurando o nome**.

Nossa pesquisa começou no ano 2022, no primeiro momento houve uma reunião com a gestão geral da escola onde a pesquisa do mestrado foi apresentada. Houve a exposição sobre a metodologia das tertúlias filosóficas seguida de explicação sobre como ela pode ser aplicada em sala de aula. A ideia foi aceita, porém não causou muito entusiasmo, pois por ser uma escola de nível médio e técnico o foco dos projetos consistem em eventos da base técnica. No início do ano letivo no dia 6 (seis) de fevereiro, durante a primeira reunião de pais, foi feita uma breve explanação da pesquisa científica, focando na importância da participação dos estudantes e esclarecendo as dúvidas e questionamentos.

Iniciamos o processo da introdução da tertúlia filosófica com o feirão das eletivas. O feirão das disciplinas eletivas é um momento de apresentação em que os professores fazem um chamamento dos alunos para participarem da sua eletiva. Como apresentado nas Diretrizes do IEMA, a eletiva são disciplinas temáticas, oferecidas semestralmente e planejadas a partir das demandas determinadas pelos indicadores da escola, articuladas às temáticas de interesse levantadas pelos estudantes.

São propostas pelos professores e/ou estudantes, visando diversificar, aprofundar e enriquecer os conteúdos e temas trabalhados nos componentes curriculares, obrigatoriamente articulando Base Técnica e Base Nacional Comum Curricular, com o objetivo de ampliar o repertório de conhecimentos e contribuir para a concretização do Projeto de Vida.

As temáticas são divulgadas no Feirão das Eletivas pelos professores, e os estudantes fazem as escolhas a partir do interesse demonstrado na apresentação das temáticas.

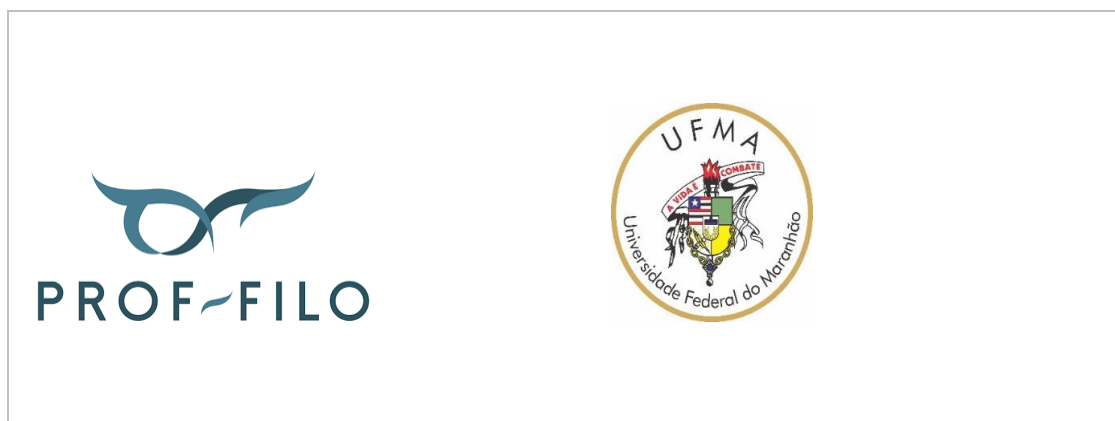
As inscrições são realizadas pelos estudantes no Sistema Ibutumy³⁸. A Culminância das Eletivas acontece em data definida no Calendário Acadêmico em cada semestre

A nomenclatura feirão dar-se por que nesse momento cada professor precisa “conquistar” os estudantes, e “vender” melhor o seu produto. Os estudantes observam o “cardápio” das eletivas para fazer sua escolha. Juntamente com o professor da disciplina de Matemática fizemos a exposição da eletiva **Procurando o Nome**. Essa nomenclatura foi pensada fazendo um trocadilho com o filme **Procurando o Nemo**, pois muitos estudantes não possuem um repertório amplo de palavras, levando em consideração que a leitura e a escrita são grandes lacunas na aprendizagem do estudante. O feirão aconteceu no dia 17 de Março. Após esse momento os alunos fizeram a escolha da eletiva via Ibutumy.

Após a escolha dos estudantes e com a turma já formada, por meio de um comunicado enviado aos pais , novamente explicamos sobre a pesquisa e a importância na vida acadêmica dos estudantes. Posteriormente foi entregue aos pais dos estudantes os termos de autorização para participação na pesquisa do mestrado profissional em Filosofia pelo programa PROF – FILO. Houve um pouco de relutância para o preenchimento das autorizações, pois alguns pais se sentiam um pouco desconfortável em assinar a autorização. No total de 40 estudantes, 33 trouxeram uma devolutiva positiva, obtiveram autorização dos pais/ responsável para participar da pesquisa.

A eletiva aconteceu seguindo o guia de aprendizagem que abarcou as duas disciplinas, Filosofia e Matemática. A tertúlia filosófica foi aplicada seguindo a sequência didática. Os nomes dos alunos mencionados tiveram autorização dos pais / responsáveis. A tabela abaixo ilustra a organização do cronograma de aulas por semana, estratégias de abordagem e recursos utilizados.

TABELA 4 - Sequência didática



³⁸ Sistema acadêmico do IEMA

<p>TEMA: Tertúlia filosófica – Lendo os clássicos, compartilhando palavras.</p> <p>Prof^a – Carmemylla Batista Vieira</p> <p>Turma – Eletiva Procurando o Nome</p> <p>Período – 22/03/2023 à 17/05/2023</p>
<p>OBJETIVO: Apresentar para os alunos grandes clássicos da Filosofia e da literatura mostrando a importância do estudo de conteúdos filosóficos no Ensino Médio, com o objetivo de instigar o pensamento crítico e o conhecimento que será de base para o desenvolvimento do indivíduo na sociedade.</p>
<p>CONTEÚDOS: Argumentação; Liberdade, Autoconhecimento, Identidade, Sentido da vida, Valores.</p>
<p>HABILIDADES E COMPETÊNCIAS DA BNCC A SEREM DESENVOLVIDAS:</p>
<p><u>Competências Gerais da Educação Básica:</u></p> <p>COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 4 - Analisar as relações de produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas, discutindo o papel dessas relações na construção, consolidação e transformação das sociedades (BRASIL, 2018, p. 576).</p> <p>COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 5 - Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos (BRASIL, 2018, p. 577).</p>
<p><u>Habilidades das Ciências Humanas e Sociais específicas para o Ensino Médio:</u> (EM13CHS401)</p> <p>Identificar e analisar as relações entre sujeitos, grupos, classes sociais e sociedades com culturas distintas diante das transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho ao longo do tempo, em diferentes espaços (urbanos e rurais) e contextos.</p> <p>(EM13CHS501) Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.</p> <p>(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.</p> <p>(EM13CHS504) Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.</p>
<p>TEMPO DE EXECUÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA: 12 h aulas</p> <p>QUANTIDADE DE ALUNOS: 40</p>

<p>MATERIAIS NECESSÁRIOS PARA A EXECUÇÃO DAS ATIVIDADES DA SEQUÊNCIA:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Obras centrais - Apologia de Sócrates, O pequeno príncipe , Assim falou Zaratrusta. para os diálogos em sala . • Livros de apoio: Só sei que nada sei de Silvana de Menezes, Filosofia para adolescentes de Yves Michaud . • Material de apoio Quadro branco, Caneta, papel, data show e caixa de som para execução das atividades.
<p>SEQUÊNCIA DAS AÇÕES:</p>
<p>Aula 1: 2 h</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apresentação disciplina eletiva Procurando o nome e da tertúlia filosófica como elemento da pesquisa do mestrado • Participação dos alunos no questionário Sócioeconômico e étnico cultural . <p><i>Para casa – Leitura do livro Apologia de Sócrates (primeira parte páginas 1 a 30)</i> <i>Livro de apoio – Só sei que nada sei de Silva de Menezes</i></p>
<p>Aula 2 : 2 h</p> <ul style="list-style-type: none"> • Breve apresentação da vida e obra Sócrates e Platão • Aplicação da tertúlia : Exposição dos trechos mais significativos da obra . • Conversação filosófica sobre os temas abordados <p><i>Para casa – Leitura do livro O pequeno príncipe do autor Antoine de Saint – Exupéry</i></p>
<p>Aula 3 : 2 h</p> <ul style="list-style-type: none"> • Atividade Juris : O julgamento de Sócrates • Atividade dividida em dois grupo • Uma equipe precisa apresentar argumentos para acusar Sócrates • Uma equipe precisa defender Sócrates • Critérios de avaliação da atividade : Uso da dialética Sócrático platônica; Utilização da maiêutica e ironia; Análise do conteúdo e argumento lógico.
<p>Aula 4: 2 h</p> <ul style="list-style-type: none"> • Sensibilização com a música Seja gentil de Kell Smith disponível em www.youtube.com/watch?v=PtqFDD_wuBA • Tertúlia filosófica da obra <i>O pequeno Príncipe</i> • Produção de poemas
<p>Aula 5: (2 h)</p>

<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação do curta metragem Meu amigo Nietzsche • Leitura da obra Assim falou Zaratrusta – As três metamorfoses. • Tertúlia filosófica • Construção de um glossário filosófico com as palavras encontradas na obra. <p><i>Para casa – Preparação para culminância com sarau filosófico</i></p>
<p>Aula 6: (2 h)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Atividade de culminância – Sarau filosófico com a participação de todos os alunos da turma. Apresentação das ideias obtidas através do aprendizado sobre as obras trabalhadas. Em forma de música, teatro, dana, poema, texto dissertativo.

Fonte :Elaborada pelo autor

Os conteúdos trabalhados na tertúlia filosófica tiveram como fundamento o conteúdo da grade curricular do 1º ano (tema – Sócrates e a obra Apologia de Sócrates). Também foram selecionadas temáticas que pareciam mais relevantes para aquele grupo de estudantes. Foram feitas rodas de conversa com os alunos para ajudar nessa seleção (tema – autoconhecimento, vida, autoestima com a obra O pequeno príncipe). E o terceiro tema foi escolhido a partir do aporte teórico da pesquisa o filósofo Friedrich Nietzsche (tema – mudanças, escolhas, transformação com a obra Assim Falou Zaratrustra).

- Aula 1

No dia 22 de Março iniciamos a disciplina eletiva. Fizemos a apresentação da guia de aprendizagem³⁹, apresentando todo o roteiro da disciplina. O professor de matemática fez uma dinâmica introdutória com os alunos. Posteriormente foi feita a apresentação da tertúlia filosófica, falei da significatividade dessa metodologia, como uma ferramenta de auxílio na leitura filosófica. Tirei dúvidas que surgiram durante a apresentação e os alunos foram instruídos que a aplicação da metodologia das tertúlias filosóficas faria parte de uma pesquisa do mestrado.

Houve um diálogo com a turma sobre a importância de participar de uma pesquisa científica. Sobre a participação na tertúlia filosófica, alguns alunos apresentaram empolgação e outros mostraram um pouco de desânimo por ser uma metodologia de ensino que envolve a leitura. Continuei a explanação sobre todas as temáticas envolvidas nas tertúlias, apresentando também os outros recursos didáticos que serão utilizados. Finalizado essa etapa, foi indicado para próxima aula a leitura a Obra de Platão a Apologia de Sócrates, a primeira parte que inicia da página 1 até a página 30, para ser discutida e socializada.

³⁹ Instrumental do IEMA

- Aula 2

No dia 05 de Abril começamos a nossa aula com metodologia das tertúlias filosóficas (Figura 1). A obra inicial foi Apologia de Sócrates, escrita por Platão. Foi feito primeiramente uma breve contextualização do livro, expondo oralmente a vida e obra de Platão e Sócrates. O Mediador da tertúlia foi escolhido previamente. A aluna Helensol se disponibilizou para ser a mediadora desse encontro. Durante a semana que antecede a tertúlia filosófica o aluno moderador, incentiva a leitura do livro pelo grupo do whatsapp. Essa prática foi recorrente em todos os encontros, o que motivou mais os estudantes.

A mediadora anotou a ordem dos alunos que iriam apresentar e fez considerações que considerou relevante sobre a obra. No primeiro encontro os alunos se mostrarão bem tímidos e inseguros para comentar suas percepções sobre a obra. Apenas quatro alunos fizeram comentários e expuseram quais trechos da obra Apologia de Sócrates consideraram importante.

No diálogo com a turma, foram debatidos temas como, liberdade de expressão, censura, poder de fala, a busca da verdade e machismo. Um ponto que chamou a atenção foi a fala de uma estudante ao mostrar que a obra era sempre protagonizada por homens (filósofos) e que a mulher não tinha espaço naquela época. Esse posicionamento trouxe alguns questionamentos na sala.

Foi sugerido com apoio a leitura do livro Só sei que nada sei (Figura 2). Esse fato teve grande significatividade, pois como o livro fazia parte do acervo da biblioteca da escola incentivou os alunos a frequentar um ambiente que por muitos não era nem conhecido. O simples fato de ter o livro em mãos já despertou o maior interesse pela leitura. Como só tinha 16 exemplares na escola os alunos fizeram os rodizio dos livros.

FIGURA 3 - Grupo de alunos participantes da tertúlia filosófica



Fonte: BATISTA, Carmemylla, 2023

FIGURA 4 - Leitura do livro “Só sei que nada sei”



Fonte: BATISTA, Carmemylla, 2023

Apesar da pouca participação, observou –se que os estudantes estavam atentos ao debate sobre as temáticas . Para próxima aula, foi proposto a divisão da sala em dois grupos para uma atividade interativa. Um grupo iria acusar Sócrates e outro grupo iria defender Sócrates . A falta da participação dos estudantes por vezes me deixava desestimulada, porém é sabido que os estudantes possuem personalidades diferentes e muitos pela timidez e insegurança não se permitiam participar daquele momento .

Após a finalização da tertúlia alguns estudantes mostraram as anotações feitas para expor porém a timidez e a insegurança os impediram de participar do primeiro encontro .

- Aula 3

No dia 12 aconteceu a atividade do *Júris : O julgamento de Sócrates*. Essa atividade feita com o intuito de contextualizar e consolidar a aprendizagem sobre a obra *Apologia de Sócrates* e causou grande participação da sala. Foram feitos questionamentos envolvendo as problemáticas observadas na obra e as equipes tinham até três minutos para fazer a argumentação (Figura 3) .

A atividade trabalhou a oratória e argumentação dos estudantes, sua capacidade de organização e trabalho em grupo. Observou-se uma maior participação da turma, pois os grupos mostraram que estudaram sobre o tema, ao apresentar domínio de conteúdo e expor argumentos lógicos e coerentes .

O confronto de ideias foi bem interessante, pois aguçou o lado competitivo da

turma, promovendo um debate rico em argumentações . Durante a atividade *Júris : O julgamento de Sócrates* , os estudantes mostraram o espírito de cooperação e a “vontade de vencer” o julgamento , tornou o debate bem dinâmico . Para próxima aula foi proposto a leitura da obra “O pequeno Príncipe” .

FIGURA 5 - O julgamento de Sócrates



Fonte: BATISTA, Carmemylla, 2023

- Aula 4

No dia 26 de abril aconteceu a tertúlia filosófica da obra *O pequeno príncipe* (Figura 4). Este livro foi sugerido pelos alunos em uma roda de conversa prévia. Por mais que o livro *O pequeno príncipe* não seja um livro de Filosofia, ele traz temas bem sensíveis e reflexivos para os estudantes. O livro também fazia parte do acervo da escola, o que facilitou o acesso a obra.

Iniciamos a tertúlia com a sensibilização através da música *Seja gentil de Kell Smith*. A música provocou algumas reflexões principalmente sobre como observamos o mundo a nossa volta. Muitos alunos fizeram depoimentos sobre momentos de depressão e ansiedade. Essas problemáticas são bem corriqueiras no dia a dia dos estudantes que afirmaram muita das vezes essa problemática é negligenciada por seus responsáveis.

A leitura da obra despertou o interesse de grande parte dos estudantes, principalmente por trabalhar questões tão envolventes na adolescência, como o autoconhecimento. Infelizmente apenas alguns estudantes fazem a leitura do livro. O mediador da tertúlia foi o aluno Ray, que anotou a ordem das participações e mediou a reflexão sobre a

alunos, pois os mesmos já estavam habituados a irem na biblioteca pegar emprestado o livro da tertúlia filosófica.

Iniciamos esse momento com a apresentação da vida e obra do filósofo Nietzsche. Em seguida foi feita uma breve explanação sobre seu pensamento, contextualizando sua teoria com as problemáticas que vivenciamos atualmente. Como ferramenta de sensibilização foi utilizado o curta metragem *Meu amigo Nietzsche*. O curta metragem despertou a atenção dos estudantes, pois pediram para assistir novamente.

Esse momento foi prazeroso e deixou os estudantes eufóricos e interessados, principalmente pela postura de insegurança do protagonista do curta ao se deparar com várias metáforas e conceitos nietzschianos. A tertúlia foi mediada pela aluna Jamilly (utilizaremos os nomes reais dos alunos, pois houve permissão dos responsáveis e do próprio aluno pra execução da pesquisa), que conduziu a tertúlia de modo organizado e motivador. A aluna possui grande apreço pela leitura o que incentivou de modo significativo seus colegas.

Após esse momento iniciamos o diálogo sobre o capítulo as *Três Metamorfozes* da obra “Assim falou Zaratrusta”. Por ser uma leitura um pouco difícil para os estudantes por apresentar uma linguagem rebuscada o diálogo foi acontecendo aos poucos. O aluno Alef fez considerações importantes sobre a temática do camelo de “querer se responsável por tudo” e “dar conta de tudo”. O aluno refletiu sobre as vezes que somos “camelos” ao querer suportar todos os problemas sozinho.

A fala do aluno desencadeou a participação de outros estudantes que dialogaram sobre a transformação, a criação de novos valores e a vontade de não se encaixar nos esteriótipos da sociedade. Mesmo que de forma tímida notou-se um crescimento na participação dos alunos. O aluno Kerlisson que ainda não tinha participado expôs sua visão sobre a temática: normas e convivência. Dialogou sobre seguir ou não seguir as normas imposta pela sociedade e promoveu um momento de reflexão com a turma.

Alguns alunos tiveram a curiosidade e iniciativa de pesquisar mais sobre a vida e obra de Nietzsche, como mostra a figura 7. O interesse sobre a vida do filósofo e sobre o pensamento as vezes impetuoso de Nietzsche foi bem instigante por parte dos alunos

FIGURA 7 – Pesquisa sobre Nietzsche



Fonte: BATISTA, Carmemylla, 2023

Ao finalizarmos a tertúlia filosófica foi feito um momento de reflexão sobre as temáticas trabalhadas . E os alunos foram conduzidos a pensar em maneiras de expressar seus aprendizados , pois apesar do pouco tempo da utilização da metodologia , a intensidade de atividades e leitura impactou diretamente o modo de ler dos estudantes .

- Aula 6

No dia 17 de Maio aconteceu oficinas para a culminância da tertúlia filosófica. A turma se dividiu em grupo, conforme o nível de interesse pelas atividades propostas. Em grupo os alunos organizaram, poemas , músicas, teatro etc.

Além das atividades, foi proposto que para a culminância cada aluno trouxesse um livro para comentar e indicar para seus colegas . Uma forma de compartilhar e trocar saberes e experiências .

FIGURA 8 – Oficina em grupo para culminância



Fonte: BATISTA, Carmemylla, 2023.

- Aula 7

No dia 31 de Maio aconteceu a culminância da eletiva **Procurando o Nome** com um café filosófico e apresentações dos alunos. O momento foi rico, primeiramente por que fizemos uma reflexão dos livros trabalhados, dos diálogos, das experiências vividas e dos desafios vencidos.

Muitos alunos comentaram que por ser uma eletiva que envolvia a leitura filosófica foi muito divertida e atraente. Pois muitos alunos consideram o ato da leitura como algo monótono e a eletiva permitiu essa “dança” entre saberes.

Alguns alunos que tiveram mais autoconfiança foram os primeiros a falar sobre seus livros favoritos e fazer indicações, entre eles houve indicações de livros comerciais, trilogias e a própria Bíblia como mostra a figura 9.

Em seguida os alunos fizeram as apresentações conforme a identificação com as obras trabalhadas na tertúlia filosófica. A aluna Jamilly escreveu uma música a partir da leitura do livro O pequeno Príncipe. Houve também apresentação de poemas, música, dança tendo como inspiração a obra de Platão e Nietzsche.

Foi um momento bem divertido para os alunos, eles puderam usar sua criatividade e tiveram um espaço aberto ao diálogo. Ainda houve a presença de alunos bem recatados, mais que individualmente expulseram os seus pensamentos sobre as obras lidas.

FIGURA 9 – Exposição e indicação de livros



Fonte: BATISTA, Carmemylla, 2023.

Aula 8

No dia 07 de Junho a aula foi destinada para os discentes responderem o questionário sobre a metodologia das tertúlias filosóficas. Os estudantes foram direcionados ao laboratório de computação e orientados sobre as perguntas as quais iriam responder,

Esse processo da pesquisa é de grande valia, pois nesse momento os discentes irão responder sobre suas percepções sobre a metodologia utilizada e sobre a eficácia da mesma.

FIGURA 10 – Aplicação do questionário e entrevista semi estruturada



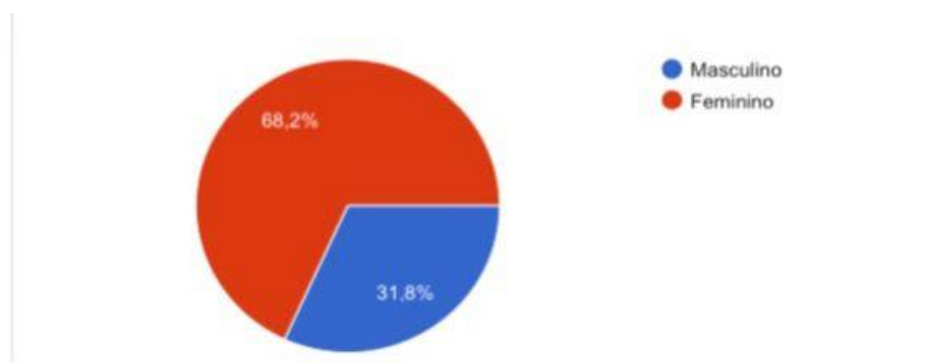
Fonte: BATISTA, Carmemylla, 2023.

4. 3.1 A análise de dados: um diálogo com os alunos do ensino médio do Iema pleno Bacabeira.

Ao finalizar o processo da inserção das tertúlias filosóficas como metodologia de leitura com os alunos do 1º ano da eletiva Procurando o Nome, perpassa vários sentimentos. Alegria, ansiedade, as vezes frustração devido à pouca participação dos estudantes mais a leitura é um processo. Pois a leitura é um processo lento no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto. Compartilharei a visão que os alunos obtiveram da tertúlia filosófica, e como a leitura se faz presente no cotidiano dos estudantes.

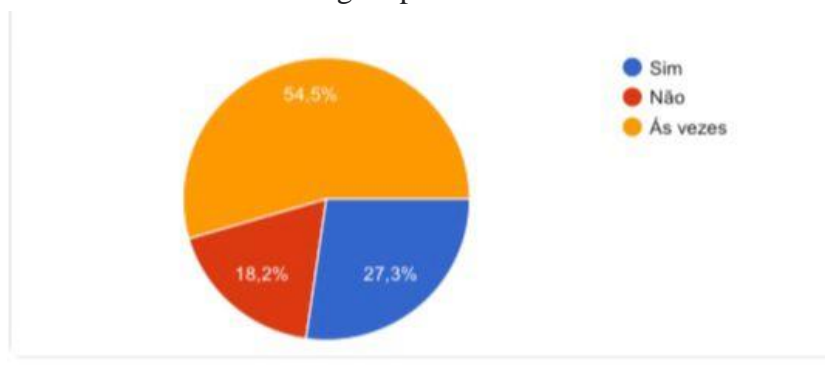
Ao ler os dados e gráficos constata-se que a maioria da turma que escolheu a disciplina é menina 68,2% e meninos 31,8%.

GRÁFICO – 10 Frequentes na disciplina por gênero



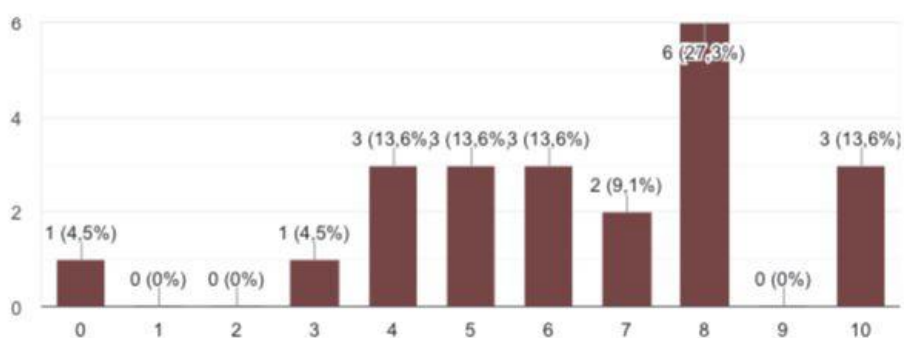
Quando questionado se os estudantes possuem o hábito da leitura 54,5% respondeu que somente às vezes, 27,3% afirmou que tem o hábito de ler e 18,2% afirmou que não lê.

GRÁFICO -11 Porcentagem por hábito de Leitura



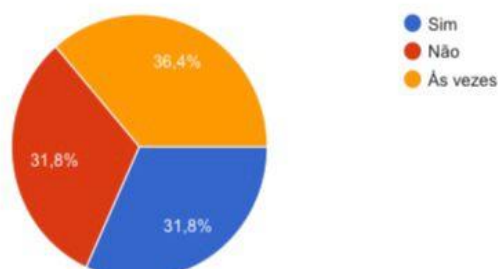
Os estudantes foram instigados a responder o seu nível de gosto pela leitura. Em uma escala de 0 a 10 a nota 8 foi a maior escolhida.

GRÁFICO – 12 Porcentagem por gosto de leitura



Quando questionados sobre o gosto por livros filosóficos. 36,4% respondeu que gostava e igualmente 31,85 afirmaram que gostam e que não gostam. Pode –se observar um percentual alto sobre os alunos que não gostam de livros filosóficos.

GRÁFICO – 13 Porcentagem sobre gosto por livros filosóficos



Sobre a pergunta, quais livros você mais gosta de ler no seu dia a dia? Destaco as principais respostas.

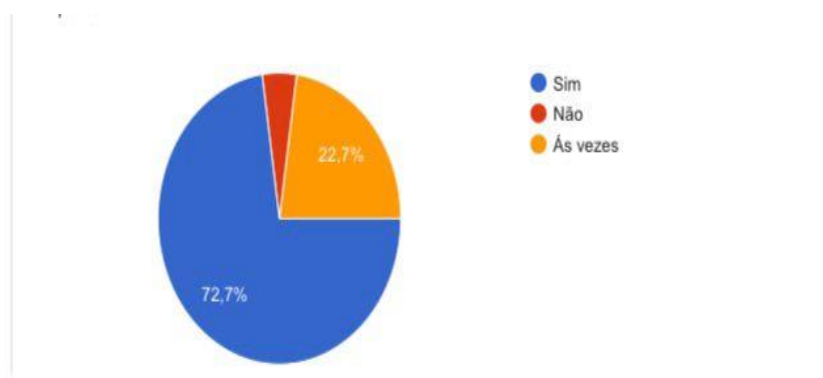
TABELA – 5 Literatura preferida

Nenhum
Terror, ficção científica e dramas
Histórias e romance
Leu só mensagem motivacionais no celular
A BÍBLIA, enciclopédias, livros de histórias e revistas em quadrinhos.
Platão

Fonte: Elaborado pelo autor

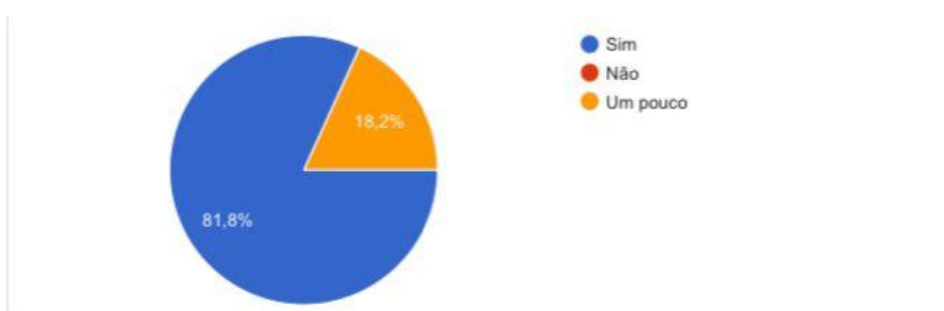
Questionados sobre a compreensão dos livros indicados na eletiva. A resposta se apresenta desta forma: 72,7% respondeu que compreendeu e 22,7% respondeu que às vezes entendeu.

GRÁFICO- 14 Compreensão dos livros



Ao serem questionados se consideram a leitura de textos filosóficos importante? 81,8% respondeu que sim e 18,2% respondeu que não .

GRÁFICO- 15 Importância dos textos filosóficos



Um outro questionamento feito foi se fazer a leitura dos livros com a mediação do professor facilita a compreensão do texto? Por quê? Em resumo as respostas que mais se destacaram:

TABELA – 6 Mediação a compreensão dos textos

Porque é necessário de um apoio maior, para compreender o que estamos lendo e estudando
Não entendo nada
Sim, por que o professor ajuda a facilitar o aprendizado e a leitura
Sim, porque com a ajuda deles compreendemos melhor a leitura, porque conseguimos tirar nossas dúvidas
Sim por que a gente aprende coisas novas
Sim, pois facilita a compreensão do texto

Fonte: elaborado pelo autor

Sobre a questão. A contextualização do texto facilitou a leitura? Por quê?

TABELA 7 – Contextualização da leitura

Sim. Porque aumenta a capacidade de aprender as coisas	
Porque assim o texto ficou bem entendido e compreendido. Mesmo com expressões difíceis, a contextualização facilitou o entendimento	
Sim porque conhecemos melhor o filósofo e o autor	
Sim , porque dar de ler com mais entendimento .	
Não	
Sim, pois temos um suporte antes da leitura	

Fonte: elaborado pelo autor

Sobre a questão. Qual livro você mais gostou de ler na eletiva? Por quê?

TABELA 8 – Preferência por livro da eletiva

O pequeno príncipe, gosto da forma que ele interpreta o seu mundo
O pequeno príncipe, porque foi o que melhor entendi, e havia nele fortes frases que assavam emoções fortes e fez nós refletirmos sobre o que o livro queria passar
Nenhum
O pequeno príncipe, pois ele retrata muito a infância, simbolizando sentimento de amor, esperança e inocência.
O pequeno príncipe porque o livro ensina que ao crescer não perca o contato com aquele toque de loucura e criatividade
Platão, por que parecia ser muito legal

Fonte: elaborado pelo autor

Sobre a questão. Na sua opinião é importante analisar criticamente o texto? Por quê?

TABELA 9 – Análise crítica do texto

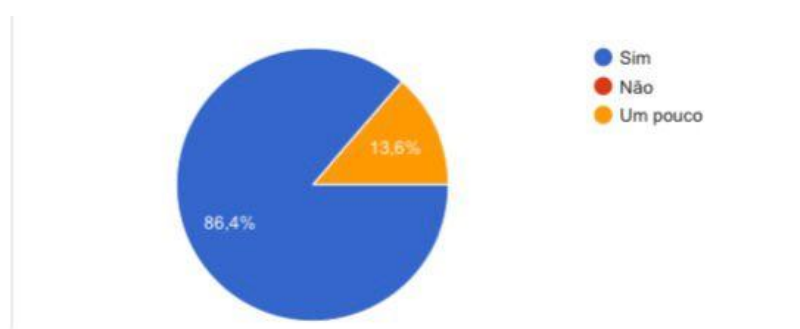
Sim, para termos uma noção sobre o conteúdo que se busca no livro
Sim, pois dar sentido a história do livro

Sim, porque através de uma análise crítica, nós podemos nos aprofundar mais, e podemos conhecer melhor o autor e sua obra
Sim, pois assim desenvolvemos um senso crítico
Sim, por que traz uma experiência boa e intelectual
Sim, porque faz com que nós possamos fazer um bom resumo e compreendemos melhor o assunto que será abordado

Fonte: elaborado pelo autor

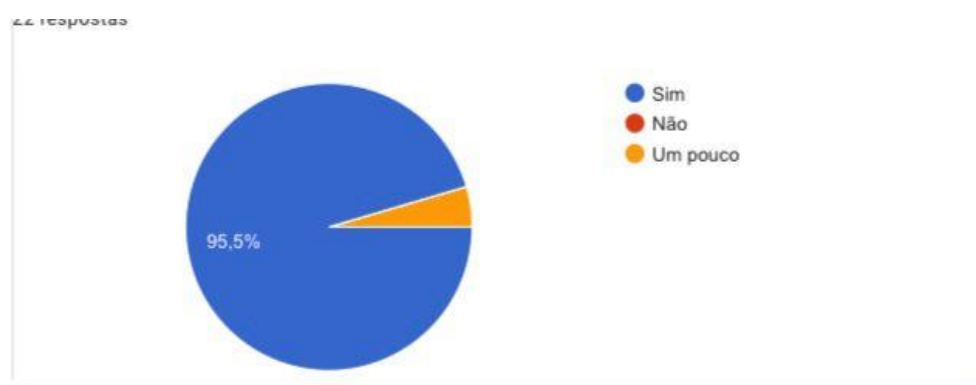
Quando questionados sobre se as atividades feitas em sala de aula (julgamento de Sócrates, poemas, glossário, músicas e filmes) ajudou na compreensão dos textos? 86,4% respondeu que sim e 13,6% respondeu que um pouco.

GRÁFICO – 16 Atividades em sala



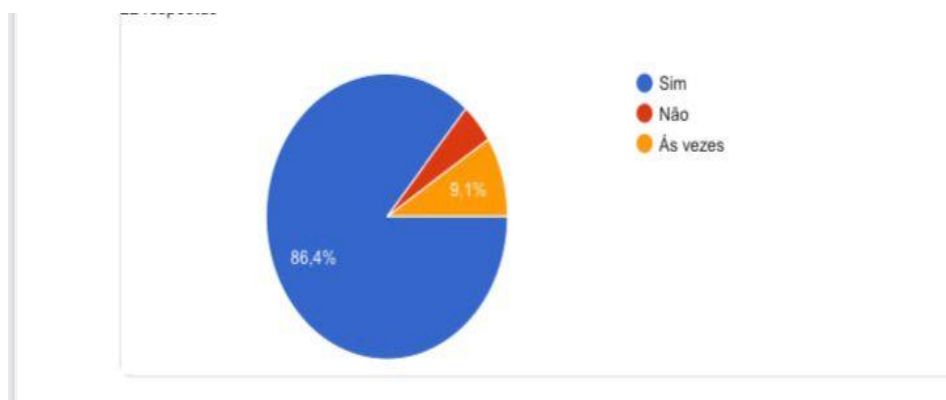
Sobre a pergunta. Você acredita que é importante desenvolver o seu vocabulário? 95,5% respondeu que sim.

GRÁFICO – 17 Desenvolvimento do vocabulário



Sobre a pergunta. Na sua escola existe ações que incentivam à leitura? 86,4% afirmou que sim e 9,1% disse que um pouco.

GRÁFICO – 18 Ações de incentivo à leitura



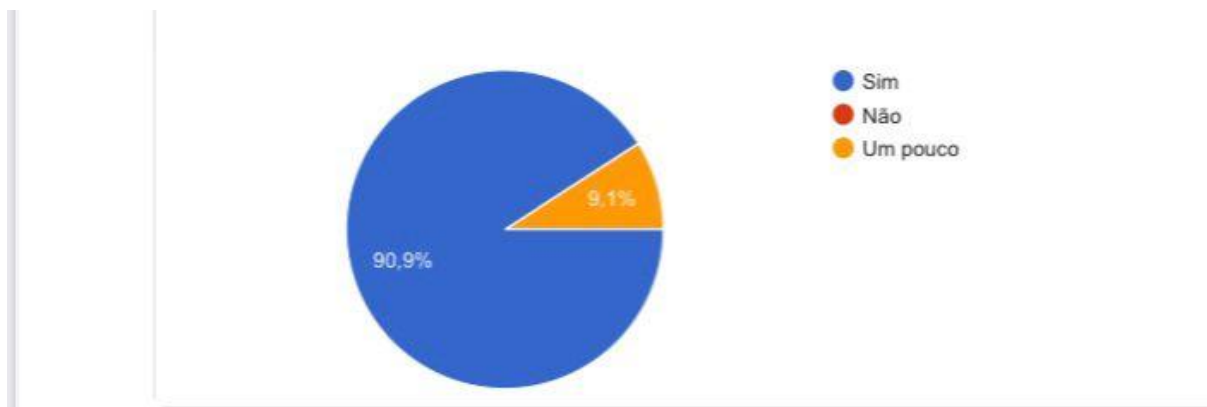
Sobre a pergunta, na concepção dos estudantes quais ações incentivariam mais o hábito da leitura? Sobressaíram respostas como:

TABELA – 10 Ações para incentivar a leitura

Ter acesso a mais livros
Responsabilidade
Outras pessoas, como amigos me incentivaram a leitura
Doação de livros
Feira do livro, ter mais livros na biblioteca
Tertúlia filosófica

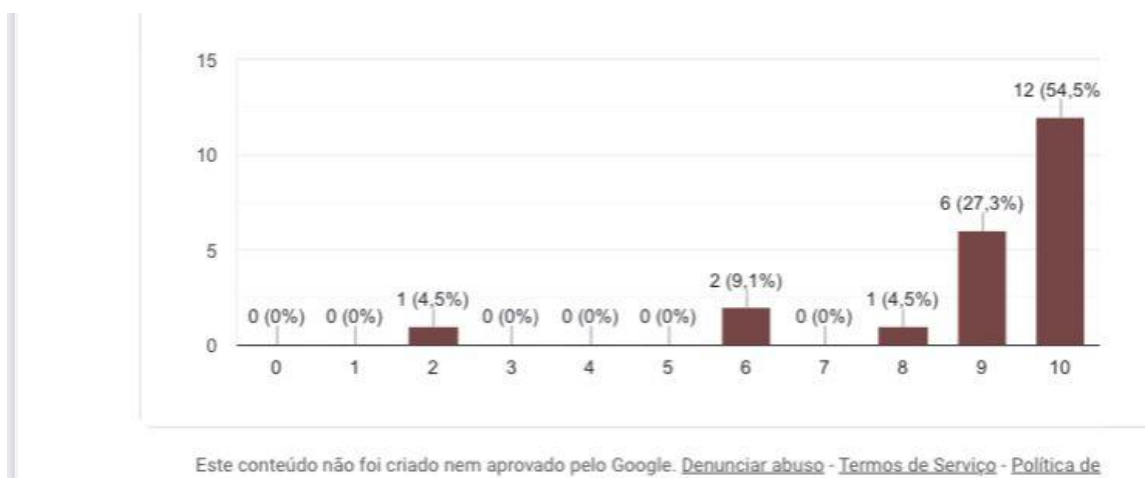
Na pergunta. Na sua concepção a metodologia das tertúlias filosóficas é eficiente? 90,9% dos estudantes afirmou que sim. 9,1% respondeu que não.

GRÁFICO – 19 Eficiência das tertúlias filosóficas



Na pergunta. Em uma escala de 0 a 10 qual foi a importância de participar da pesquisa? A média de aluno que gostou de participar da pesquisa foi 10.

GRÁFICO – 20 Importância de participar da pesquisa



Ao analisar os dados coletados na pesquisa, nota-se que a visão a priori da questão estudada é válida. A leitura filosófica no ensino médio é uma problemática. Como exposto acima muitos estudantes afirmaram que não tem o hábito da leitura. Essa condição dar-se por diversas situações, dentre elas falta de incentivo, o não interesse pela leitura, as condições sociais adversas entre outros.

Existem várias lacunas no processo de leitura dos estudantes do campo educacional analisado. Criar uma disciplina eletiva que tem como objetivo promover a leitura filosófica foi ousado e desafiador, por confrontar de frente com a imediatez ao qual os estudantes estão

acostumados. Levando em consideração a leitura que por natureza é um processo de paciência que exige conhecimento cognitivo para decifrar signos e códigos. A leitura filosófica vai além, pois promove a reflexão e análise de temáticas, necessitando o pensamento crítico e reflexivo dos alunos.

Inserir no cotidiano dos alunos uma metodologia (tertúlias filosóficas) que desenvolva diretamente com estudantes questões cognitivas não foi uma missão simples. A inserção da metodologia das tertúlias filosóficas, foi um exercício de diálogo mais principalmente de escuta. Mesmo percebendo que a cada encontro da tertúlia a falta de segurança do domínio intelectual predominava. A exposição de pensamento que ao meu ver seria algo mais orgânico foi desafiador para alguns estudantes.

No começo da eletiva houve resistência e falta de disciplina no cronograma de leitura, pois tinha-se o calendário estipulando quantas páginas se leria por dia. Porém a cada encontro os estudantes mostravam um novo repertório cultural, novas formas de observar o mundo. Novas palavras, novas expressões, um livro diferente. Pois a aquisição de um novo vocabulário foi um dos pontos positivos vistos pelos estudantes da eletiva.

A presença do professor e do mediador foi analisado como de grande importância nesse processo, pois a contextualização do livro permitia um maior entendimento. Durante a experiência com a aplicação das tertúlias filosóficas pude perceber que mesmo com todas as resistências, os estudantes gostam de ser desafiados e motivados a fazerem coisas novas. O simples ato de ir a biblioteca pegar o livro para ler já os empoderava. Comentavam nas conversas de corredores com outros colegas dos filósofos que conheciam em cada aula.

Instrumentos metodológicos utilizados para auxiliar no entendimento das tertúlias como o júri: julgamento de Sócrates, proporcionou aos estudantes mais autoconfiança ao expressar suas opiniões e coerência lógica dos seus argumentos. A exposição da música e o curta metragem também foram bem avaliados como suporte para a compreensão da obra e debate sobre as temáticas.

Quando questionados sobre a leitura crítica, os estudantes na sua maioria concordaram que a leitura crítica é essencial no processo efetivo da leitura. Ter criticidade, e ler criticamente um texto possibilita a análise completa da obra “é ler nas entrelinhas” . Pela observação dos dados nota-se que a metodologia das tertúlias foi avaliada como eficiente e que as obras lidas durante o processo tiveram bons índices de compreensão. Novas formas de incentivo à leitura devem ser promovidas no espaço escolar para assim termos uma comunidade leitora crítica e reflexiva.

Nesse contexto, podemos compreender que a leitura de clássicos nas atividades da Tertúlia filosófica, são de grande relevância para a vida acadêmica dos estudantes. E destacamos fatores importantes para que a leitura se torne um hábito, construindo leitores autônomos. Dentre os fatores podemos destacar:

- 1) o convívio contínuo com livros e leitores assíduos;
- 2) a valorização da leitura pelo grupo social a que o sujeito pertence, especialmente por familiares, amigos e professores;
- 3) a disponibilidade de acervo de qualidade;
- 4) tempo para ler;
- 5) oportunidades para expressar, dialogar e compartilhar interpretações e emoções vividas nas experiências de leitura com pessoas de diferentes classes sociais, regiões, gêneros, escolaridade, etc.
- 6) o acesso prévio à orientação qualificada sobre a obra, o que favorece a aquisição de conhecimento instrumental a partir da leitura;
- 7) a expansão da visão de mundo dos leitores, de vivências culturais e sociais;
- 8) o contato com diferentes obras.

Além disso, como resultado desta pesquisa, destacamos que o diálogo em torno dos temas presentes nas obras, foi uma ferramenta de fomento para os estudantes, pois proporcionou discursos mais críticos diante do mundo; compreendemos que precisamos do “Outro” para a constituição da nossa subjetividade e a partilha de saberes é um diferencial para se evitar a leitura mecanicista e verificamos que o diálogo é um incentivador das práticas de leitura, contribuindo para a formação de novos leitores.

Pela pesquisa, também constatamos que o envolvimento dos estudantes em uma atividade de leitura fomenta a criação de sentido e motiva a construção de saberes, nos momentos de escuta da palavra dos colegas, observamos uma postura de respeito e admiração pelos posicionamentos expressados oralmente, percebendo a necessidade de novas práticas pedagógicas que abarquem o conhecimento de mundo e as experiências advindas da cultura oral dos estudantes; comprovamos que a tertúlia filosófica é uma metodologia que pode ajudar na formação de leitores que compreendem o que leem e não apenas decodificam palavras, fazendo uma conexão do currículo escolar com a vida dos estudantes.

Promover metodologias de leitura com os estudantes do ensino médio requer organização, comprometimento, ousadia. Você promove a saída da “zona de conforto” não somente do estudante mais do professor também. É um caminho que às vezes não sabemos a direção (em que lugar o livro e aquela discussão vai te levar) é um caminho de possibilidades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, esta dissertação intitulada **A TERTÚLIA FILOSÓFICA NO ENSINO DE FILOSOFIA**: Uma experiência prática de ensino no Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IEMA Pleno Bacabeira explorou sob distintas perspectivas filosóficas e educacionais, principalmente através do pensamento do filósofo alemão Nietzsche, a leitura dos estudantes como um problema filosófico, analisando como a educação técnica voltada para a massificação e direcionada a fins econômicos pode afetar na vida do estudante e na educação do século XXI.

Nietzsche, conhecido por suas críticas à moral tradicional e sua ênfase na vontade de potência, não viveu na era da sociedade tecnológica moderna que experimentamos hoje. No entanto, podemos extrair elementos do pensamento nietzschiano para desenvolver uma crítica à sociedade tecnológica contemporânea. Nietzsche preocupou-se com a submissão do indivíduo a sistemas de valores e normas que o enfraqueciam, tornando-o submisso. Na sociedade tecnicista, podemos argumentar que a dependência excessiva da tecnologia e da técnica pode levar também a submissão. As pessoas podem se tornar passivas, dependentes de sistemas tecnológicos, perdendo sua autonomia e capacidade de autodeterminação.

Nietzsche estava preocupado com a alienação e a desumanização resultantes da adesão cega a sistemas de valores que não refletem a natureza autêntica do indivíduo. A sociedade tecnicista pode, em alguns casos, alienar as pessoas de sua humanidade ao priorizar a eficiência e a conveniência sobre aspectos mais significativos da vida humana.

Nietzsche defendia a ideia de que os indivíduos deveriam buscar constantemente a autossuperação e a autorreinvenção. No contexto da educação, isso implica que os estudantes devem ser incentivados a transcender suas próprias limitações intelectuais e a buscar constantemente novos conhecimentos e perspectivas. A autonomia dos estudantes envolve a busca ativa por sua própria melhoria e crescimento.

O filósofo alemão valorizava a individualidade e a criatividade como expressões genuínas da natureza humana. No contexto educacional, isso implica que os estudantes devem ser encorajados a desenvolver suas próprias vozes e perspectivas únicas. A autonomia dos estudantes se manifesta quando eles têm a liberdade de explorar seus interesses individuais e de expressar suas ideias de maneira criativa.

O pensador estava preocupado com a tendência da moral tradicional de homogeneizar os indivíduos e torná-los conformes a padrões estabelecidos. Na sociedade tecnicista, a conformidade pode ser encontrada na adoção generalizada de tecnologias e estilos

de vida que seguem as tendências dominantes. Isso pode levar à perda da singularidade e da individualidade, que Nietzsche valorizava. Nietzsche era crítico da razão puramente instrumental, que coloca a eficiência acima de valores mais profundos. A sociedade tecnicista muitas vezes valoriza a eficiência e a produtividade em detrimento de valores humanos mais profundos, como a criatividade, a contemplação e a expressão individual.

Em resumo, o pensamento nietzschiano pode ser aplicado de maneira a enfatizar a importância da autonomia dos estudantes na educação. Isso envolve cultivar a vontade de potência, questionar a moralidade tradicional, buscar a autossuperação, valorizar a individualidade e a criatividade, e aspirar à excelência.

Ao longo deste estudo, pudemos identificar que a disciplina de filosofia desempenha um papel importante na formação da cidadania crítica. Ela estimula os estudantes a questionarem conceitos, valores e normas sociais, promovendo um pensamento autônomo e reflexivo sobre questões éticas, políticas e sociais. As aulas de filosofia incentivam o diálogo e o debate saudável, criando um ambiente onde os estudantes podem compartilhar suas ideias, ouvir perspectivas diferentes e aprender a argumentar com respeito e civilidade. A filosofia incentiva a consideração de diferentes pontos de vista e culturas, promovendo a tolerância e a compreensão da diversidade de perspectivas no mundo.

É notório que a disciplina de Filosofia é de grande importância no Novo Ensino Médio e a sua presença no currículo escolar é necessária. O estudo da filosofia pode ajudar os estudantes a desenvolverem uma compreensão mais profunda de si mesmos, de suas crenças e valores, promovendo a autonomia e a autenticidade pessoal. Baseado nos preceitos defendidos pela educação do século XXI observa-se que a disciplina de Filosofia oferece suporte para o alcance das competências e habilidades tão almejados pela BNCC (Base Nacional Comum Curricular) .

No decorrer da pesquisa, também destacamos a importância da leitura filosófica como instrumento de autonomia e protagonismo para os estudantes. Em meio a uma educação voltada para o ensino técnico e profissionalizante, a leitura filosófica é um ato de despreendimento dos padrões impostos, já que experienciar a leitura é “dançar em direção ao desconhecido” ampliando as possibilidades de conhecimento. Esse ponto enfatiza a necessidade contínua de pesquisas e metodologias votadas para estimular os estudantes a leitura filosófica. Além disso, a análise cuidadosa dos dados e evidências apresentados reforça a relevância de que a prática da leitura é um problema na realidade escolar. A falta de estrutura das escolas, o baixo interesse dos estudantes, a escassez de políticas públicas e privadas de incentivo à leitura são fatores que contribuem para essa problemática.

Em última análise, esta dissertação contribui para a compreensão da importância da leitura filosófica dos estudantes como forma de emancipação e empoderamento dos mesmos, já que a metodologia das tertúlias filosóficas desempenha um papel fundamental na vida dos estudantes, proporcionando uma série de benefícios educacionais, intelectuais e sociais. Primeiramente as tertúlias filosóficas incentivam os estudantes a pensarem de forma crítica e a questionarem suas próprias crenças e ideias. Essa prática filosófica promove o desenvolvimento do pensamento lógico, da argumentação sólida e da análise cuidadosa de questões complexas.

Promover as tertúlias filosóficas é expor os estudantes a uma variedade de pensamentos, perspectivas e filosofias de vida. Isso ajuda a ampliar seu horizonte cultural e a compreender melhor a diversidade de pontos de vista presentes na sociedade. A participação dos estudantes em tertúlias filosóficas melhora as habilidades de comunicação oral, tornando os estudantes mais capazes de expressar suas ideias de forma clara e persuasiva. Isso é valioso não apenas na esfera acadêmica, mas também na vida cotidiana e profissional.

As tertúlias filosóficas frequentemente abordam questões complexas e desafiadoras, o que estimula a curiosidade intelectual dos estudantes. Eles são incentivados a buscar conhecimento por conta própria, a ler mais e a se aprofundar em tópicos filosóficos de seu interesse. As tertúlias filosóficas ensinam os estudantes a respeitarem as opiniões dos outros, mesmo que discordem delas. Isso promove a tolerância, a empatia e a capacidade de debater de forma civilizada, habilidades cruciais em uma sociedade pluralista.

Desta forma, as tertúlias filosóficas são importantes para a vida dos estudantes, pois não apenas promovem o desenvolvimento intelectual e habilidades críticas, mas também contribuem para sua formação como cidadãos informados, éticos e participativos em uma sociedade democrática e diversificada. Elas oferecem um ambiente valioso para a exploração e o diálogo sobre questões fundamentais da vida e do pensamento humano.

À medida que avançamos, é fundamental considerar a importância das tertúlias filosóficas e o contínuo estudo sobre metodologias que estimulem os estudantes a prática da leitura, para continuar expandindo nosso conhecimento e promovendo uma comunidade de estudantes leitores, críticos e reflexivos. Neste sentido, a leitura dos estudantes permanece como um campo de estudo dinâmico e desafiador, e esta dissertação demonstrou o valor de sua abordagem para enfrentar esses desafios.

REFERÊNCIAS

- ADLER, M.; VAN DOREN, C.. **Como ler livros: o guia clássico para a leitura inteligente.** São Paulo: É Realizações, 2010.
- ALVES, S.; MADANELO, O.; MARTINS, M.. Autonomia e flexibilidade curricular: caminhos e desafios na ação educativa. **Gestão e Desenvolvimento**, n. 27, 2019, p.337-362.
- AUBERT, A.; FLECHA, A.; GARCÍA, C., FLECHA, R., RACIONERO, S.. **Aprendizaje dialógico en la sociedad de la información.** Barcelona: Hipatia, 2008.
- AZEREDO, Vânia Dutra de. **Filosofia dos valores e educação em Nietzsche. ETD- Educação Temática Digital.**v.12. 2010.
- BARROSO, David. **A luta pela cultura: o filisteu e o gênio nas obras do jovem Nietzsche.** **Revista Lampejo**, n. 5, 2014.
- BEILLEROT, J. Le rapport au savoir: une notion em formation. In: BEILLEROT, J. (Coord.). **Savoir et rapport au savoir: élaborations théoriques et cliniques.** Paris: Éd. Universitaires, 1989.
- BRASIL et al. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional.** Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, 1997. Disponível em <https://www2.senado.gov.br/2023/bdsf/handle/id/572694> acessado 23/02/2023. Acesso em 30 de maio de 2023.
- BRASIL. **Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio.** Brasília: MEC/SEMT, 2000.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- BROCKELMAN, Paul. **Cosmologia e Criação.** São Paulo: Editora Loyola, 2001.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. **Inquietudes e desacordos: a leitura além do óbvio.** Campinas: Mercado das letras, 2012.
- CHARLOT, B. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria.** Porto Alegre: ArtMed, 2000.
- CHARLOT, B.. Relação com o saber e com a escola entre estudantes de periferia. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 97, 1996.
- CHARLOT, Bernard. Relação com o saber na sociedade contemporânea: reflexões antropológicas e pedagógicas. **Da relação com o saber às práticas educativas**, 2013.
- CERLETTI, A. **O ensino de filosofia como problema filosófico.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- COSTA DIAS, Luciana. Educar para quê? Observações acerca da educação e cultura a partir do pensamento de Friedrich Nietzsche. **Revista espaço pedagógico**, Passo Fundo, v.1 n .14, out 2016.
- DELORS, Jacques (Coord.). **Educação: um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI.** São Paulo: Cortez Editora. Brasília: Unesco, 1998.

DESGAGNÉ, Serge. **O conceito de pesquisa colaborativa: a ideia de uma aproximação entre pesquisadores universitários e professores práticos**. Revista Educação em Questão, v. 29, n. 15, p. 7-35, 2007.

DIAS, Rosa Maria, **Nietzsche educador**. São Paulo: Editora Scipione, 1993.

DÍAZ , Andrea Genis. El gênio y lo genuíno que hay em nosotros, vigencia del pensamiento educativo em Nietsche . **Filosofia e Educação**, v 6 n. 1, fev.2014.

FABRINI, Ricardo. Ensino de filosofia: a leitura e o acontecimento. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, v. 28, n. 1, 2005.

FAVARETTO, C. F.. **Notas sobre o ensino de filosofia**. In: MUCHAIL, S. T. **Filosofia e seu ensino**. São Paulo: Educ, 1995, p.77-85.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FRANCESCONI, L. O protagonismo como elemento norteador no processo de ensino e aprendizagem. **Salão do Conhecimento**, v. 5, n. 5, 2019. Disponível em:

<https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaconhecimento/article/view/12683> . Acesso em: 6 jun. 2023.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 1 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GERHARD, Tatiana; ILVEIRA, Denise. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GHEDIN, Evandro. **Ensino de Filosofia no Ensino Médio**. São Paulo: Cortez, 2008.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GIROUX, Henry A. **A escola crítica e a política cultural**. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1992.

GIROUX, H. Hacia una pedagogía de la esperanza educada bajo el capitalismo de casino. **Pedagogía y Saberes**, v. 50, 2019, p. 153-158.

_____. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas ,1997.

GOMES, Antônio Carlos Gomes da. **Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática**. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.

GODOY, Arilda. Pesquisa qualitativa. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, n.3. 1995

GRANGER, G. G. **Por um conhecimento filosófico**. Campinas: Papyrus, 1989.

HARDT, Lúcia Schneider. **Nietzsche e a educação: desafios pedagógicos**. 1 ed. Curitiba: Appis, 2021.

- Han, B-C.. **Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Belo Horizonte: ÂYINÉ, 2018.
- HORN, Geraldo Balduino. **Por uma mediação praxiológica do saber filosófico no Ensino Médio: análise e proposição a partir da experiência paranaense**. São Paulo: FEUSP, 2002.
- HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. **Sociedad en transición: estudios de filosofía social**. Ediciones Península, 1976.
- HART, Thomas E. et al. (Org.) **Nietzsche, Culture and Education**. Londres: Ashgate, 2009.
- HEIDEGGER, Martin. **Introdução à filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- INSTITUTO DE ESTADUAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO MARANHÃO – IEMA. **Diretrizes Operacionais**. São Luís: IEMA, 2023.
- INSTITUTO NATURA. **Nossa Biblioteca, Cadernos de Formação Outubro**. 2015. Disponível em: www.comunidadeaprendizagem.com.br. Acesso em: 30 de abril de 2023.
- KHÔÍ, Lê Thành, **L’Industrie de L’enseignement**, Paris, Minuit, 1973.
- LARROSA, Jorge, **Nietzsche e a Educação: traduzido por Semíramis Gorini da Veiga**. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- LARROSA, Jorge, Tremores: escritos sobre a experiência; tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. – 1 ed; 6. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2022.
- LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa: o neo-liberalismo em ataque ao ensino público**. São Paulo: Boitempo, 2019.
- LIMA, Silvia Cristina Fernandes. **Nietzsche e a Educação como experimentação de si**. Jundiaí: Paço Editorial, 2019.
- LYOTARD, J. F. **O Pós-Moderno explicado às crianças**. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1993.
- MAGALHÃES, M. C. C. Padrões de colaboração nas relações entre alunas e professora em sala de aula na discussão sobre o gênero “notícia”. In: IBIAPINA, I.M.L.de M.; BANDEIRA, H.M.M.; ARAÚJO, F.A.M. (Orgs.). **Pesquisa colaborativa: multirreferenciais e práticas convergentes**. Piauí: EDUFPI, 2016.
- MENEZES, Silvana. **Só sei que nada sei**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- MÉZAROS, István 1930 – **A educação para Além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2008.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAES, M. C. **O paradigma educacional emergente: implicações na formação do professor e nas práticas pedagógicas**, n. 70, 1996.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 5. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2015.

MORGADO, J. C. (2016). O professor como decisor curricular: de ortodoxo a cosmopolita. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v.9, n.18, p. 55-64.

NICOLOAU, M. F. A.. Formação, educação e cultura: reflexões sobre o ideal de formação cultural (Bildung) na elaboração do sistema educacional alemão. **Conjectura: Educ.**, Caxias do Sul, v.21, n.2, 2016.

NIETZSCHE Friedrich Wilhelm. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____, **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

_____, **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **Aurora: reflexões sobre os preceitos morais**. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. **Crepúsculo dos Ídolos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. Considerações intempestiva: Schopenhauer educador. In: NIETZSCHE, Friedrich. **Escritos sobre a educação**. Rio de Janeiro: PUC /Loyola, 2003.

_____. **Ecce Homo: Como Alguém se Torna o Que É**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **Escritos sobre educação** São Paulo: Ed Loyola, 2012.

_____. **Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres**. Tradução Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. **O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**. Campinas: Pontes, 1987.

PAES, Carolina Casarin. **O apolíneo e o dionisiaco no pensamento de Nietzsche**. Diálogos literários, p. 145-152, 2013. Disponível em https://www.academia.edu/download/47620189/PAES_Carolina_cesarin_-_O_APOLINEO_E_O_DIONISIACO_-_Dialogos_Literarios.pdf acessado em 23/05/2023.

PLATÃO, **Apologia de Sócrates**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

PÉREZ, Francisco Carvajal; GARCÍA, Joaquín Ramos. **Ensinar ou aprender a ler e a escrever?**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

Ramos, C. A. (2007). **Aprender a filosofar ou aprender a filosofia: Kant ou Hegel?.** TRANS/Form/Ação: Revista De Filosofia Da Unesp, 30(2), 197–217. Recuperado de <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/959>.

RANCIÈRE, Jacques. **O Desentendimento: Política e Filosofia.** São Paulo: Editora 34, 1998.
RESENDE, Neide L. de. O ensino de literatura e a leitura literária. In: **Leitura de Literatura na Escola.** DALVI, Maria; RESENDE, Neide Luzia de; FALEIROS, Rita Jover (Org.) São Paulo: Parábola, 2013.

ROCHA, Ronai Pires da. **Ensino de Filosofia e currículo:** Petrópolis: Vozes, 2008.

RODRIGO, L. M. **Filosofia em sala de aula - teoria e prática para o ensino médio.** Campinas: Autores Associados, 2009.

SANTOS, Elberth Literatura e Filosofia, Minas Gerais, autores associados, 2006.

RODRIGUES, Eduardo José Lobo. O problema da formação (Bildung) em Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino. **Dissertação** (Dissertação de mestrado em Filosofia). Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2015.

SANTOS, Juliana. **Tertúlias literárias dialógicas e a concepção dialógica de linguagem.** 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/mylla/OneDrive/%C3%81rea%20de%20Trabalho/tertulia/material%20tese/artigo%20da%20tert%C3%BAlia.pdf> . Acesso em: 05 de julho 2022.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe.** Rio de Janeiro: Agir, 2007.

STEINER, George. **Presenças Reais.** Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1982.

SERRANO, Sílvia; SEABRA, Filipa. **Ser professor no séc. XXI: desafios e metamorfoses. Educação e Idades da Vida: Problemáticas de Investigação e Desafios na Sociedade Contemporânea,** p. 658-665, 2022.

SIMHADRI, Y. **Indian youth** . In : Kuczynski et al. , op.cit

SOLÉ, Isabel; SCHILLING, Cláudia. **Estratégias de leitura.** 6ª ed. Porte Alegre: Artes Médicas, 1998.

THIOLLENT, M. (2009). **Metodologia de Pesquisa-ação.** São Paulo: Saraiva.

VALESE, Rui; HORN, Geraldo Balduino. **O texto filosófico nas aulas de Filosofia do Ensino Médio: análise e proposição a partir da experiência paranaense.** 2012.

VYGOTSKY, Lev S. **A Formação Social da Mente: O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores.** Tradução de José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ZIKMUND, W. G. **Business research methods.** 5.ed. Fort Worth, TX: Dryden,2000.

ZONZINI, Vitor. **Formação para a vida: a vontade de potência no pensamento educacional de Nietzsche**. Editora Dialética, 2022.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Roteiro da atividade – O julgamento de Sócrates



IEMA PLENO BACABEIRA
Prof.^a CARMEMYLLA BATISTA
ATIVIDADE DA ELETIVA – PROCURANDO O NOME
ROTEIRO – ATIVIDADE O JULGAMENTO DE SÓCRATES

No julgamento de Sócrates, que ocorreu em Atenas em 399 a.C., Sócrates foi acusado de corromper a juventude e de não acreditar nos deuses da cidade. Durante o julgamento, diversas perguntas foram feitas a Sócrates pelos acusadores, defensores e pelo próprio Sócrates. Aqui estão algumas das perguntas que foram feitas durante o julgamento:

Perguntas feitas para a defesa e acusação de Sócrates

- Sócrates nega a existência dos deuses da cidade de Atenas?
- Sócrates corrompeu a juventude de Atenas?
- Sócrates acredita que a sabedoria está acima da lei?
- Sócrates ensinou aos jovens ideias subversivas ou prejudiciais?
- Por que Sócrates é considerado inocente das acusações?
- Por que Sócrates é considerado culpado das acusações?

APÊNDICE B - Roteiro do questionário socioeconômico e étnico -cultural

QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO E ETNICO -CULTURAL**Pesquisa do programa de mestrado PROF-FILO****Mestranda - Carmemylla Batista Vieira**

* Indica uma pergunta obrigatória

1. NOME COMPLETO *: _____

2. TURMA *: _____

3. Quantos anos você tem?: _____

4. Qual sua religião? *: _____

5. Você se considera: *

Preto Pardo

Branco

Indígena

Amarelo

6. Em qual município você reside? _____

7. Onde você mora atualmente?

Em casa ou apartamento, com sua família.

Em casa ou apartamento, sozinho(a).

Em casa de outros familiares

Em casa de amigos

Em habitação coletiva: hotel, hospedaria, quartel, pensionato, etc.

Outra situação

8. Sua família exerce alguma atividade remunerada?

Desempregado

Recebemos remuneração

O pelo programa do governo

Emprego formal

Autônomo

9. Quanto é a renda recebida por sua família?

Menos de 1 salário mínimo (1.320 reais)

1 a 2 salários mínimos

Mais de 2 salários mínimos

10. Aonde estou seu ensino fundamental?

- escola privada
- escola pública
- escola comunitária

APÊNDICE C - Roteiro do questionário e entrevista

QUESTIONÁRIO E ENTREVISTA TERTÚLIA FILOSÓFICA

1.Nome completo:_____

2.Qual sua idade?_____

3.Qual seu sexo ?

feminino

masculino

4.Você tem o hábito de ler? Sim

Não

Às vezes

5.Em uma escala de 0 a 10 o quanto você gosta de ler?

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

6.Você gosta de ler livros filosóficos? Sim

Não

Às vezes

7.Quais livros você mais gosta de ler no seu dia a dia?

8.Você compreendeu os livros indicados na eletiva? Sim

Não

Às vezes

9.Você considera a leitura de textos filosóficos importante?

Sim

Não

Um pouco

10.Fazer a leitura dos livros com a mediação do professor facilita a compreensão do texto? Por quê?

11.A contextualização do texto facilitou a leitura? Por quê?

13. Qual livro você mais gostou de ler na eletiva? Por quê?

14. Na sua opinião é importante analisar criticamente o texto? Por quê?

15. Você utilizou experiências próprias para ler os textos?

16. As atividades feitas em sala de aula (julgamento de Sócrates, poemas, glossário, músicas e filme) ajudou na compreensão dos textos?

- Sim
- Não
- Um pouco

17. Você acredita que é importante desenvolver o seu vocabulário?

- Sim
- Não
- Um pouco

18. Na sua escola existem ações que incentivam a leitura?

- Sim
- Não
- Às vezes

19. Na sua concepção quais ações incentivariam mais o hábito da leitura?

20. Na sua concepção a metodologia das tertúlias filosóficas é eficiente?

- Sim
- Não
- Um pouco

21. Em uma escala de 0 a 10 qual foi a importância de participar da pesquisa?

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

APÊNDICE D - PODCAST

ROTEIRO PODCAST EDUCACIONAL



FILOCAST
FILOCAST

EPISÓDIO

TERTÚLIAS FILOSÓFICAS
PARA REFLEXÕES SOBRE
MINHA REALIDADE





Apresentador

Bem-vindos ao [Filócast](#) o seu podcast educacional de Filosofia! Sou Luiz Fernandes aluno do 3º ano do curso de administração do lema Pleno Bacabeira e apresentador do [Filócast](#), e hoje estamos mergulhando em uma discussão profunda sobre o tema das tertúlias filosóficas.

Breve introdução ao tema e sua importância

No episódio de hoje iremos conhecer um pouco mais sobre uma metodologia de ensino que poderá ser utilizada nas aulas de Filosofia para incentivar a prática da leitura dos estudantes pois promover a leitura filosófica é um grande desafio, sendo assim é necessário que sejam articuladas ações sensibilizadoras e conscientizadoras do quanto é imprescindível no processo educacional metodologias que estimulem o protagonismo estudantil e amplie, através da leitura filosófica dialógica, visões críticas de suas realidades.

Apresentação dos convidados especiais

Hoje iremos ter a participação da pesquisadora e professora de Filosofia do lema Pleno – Bacabeira, Carmemylla Batista Vieira e dos participantes e alunos do 1º ano dos cursos de logística e Mineração da tertúlia filosófica [Rhaivictor castro de campos](#) e [Jamili Oliveira Nascimento](#).

Segunda | Espiritado | Tema

Apresentador



Incentivar os jovens estudantes a pensar por si mesmos com autonomia e responsabilidade, teizando muitas vezes aquele pensamento que existe mas que precisa de um pouco mais de refinamento e embasamento é a tarefa árdua, mas gratificante da filosofia. A leitura de obras filosóficas apresenta-se como ferramenta para despertar no aluno a segurança e o protagonismo, elevando a sua vontade de potência. Desta maneira, o que exatamente estamos discutindo quando falamos das tertúlias filosóficas?

Carmemylla - Professora



As tertúlias são espaços de discussão, troca de ideias e argumentos acerca de assuntos que interessam a todos os envolvidos. A tertúlia no espaço escolar é uma reunião de alunos e membros da comunidade escolar, que tem objetivo ser um ponto de encontro de pessoas interessadas em debater frontal, mas educadamente acerca de um tema. Não é um espaço de confrontação argumentativa. O importante é o debate livre de ideias, e não a confrontação de pessoas. Existe um tema central, que é anunciado previamente (por exemplo, proposto ou escolhido de uma sessão para outra) com indicação de fontes e autores que possam ser consultados para enriquecer e contextualizar a discussão.

Quarta | Aluno



Não é um espaço de confrontação argumentativa. O importante é o debate livre de ideias, e não a confrontação de pessoas. Existe um tema central, que é anunciado previamente (por exemplo, proposto ou escolhido de uma sessão para outra) com indicação de fontes e autores que possam ser consultados para enriquecer e contextualizar a discussão.

Jamili - Aluna



Ler de forma compartilhada e interativa é uma prática que ajuda os estudantes na compreensão. Principalmente se torna mais eficaz quando se utiliza esse espaço de leitura entre todos para ler textos que ofereçam maior grau de complexidade. Para Santos, o espaço da tertúlia oferece muito aprendizado por ser um espaço de troca e ampliação de interpretações.



Agora, vamos entender um pouco mais da história das tertúlias filosóficas.

Apresentador

As tertúlias tem sua origem inicialmente com Marc Sautet que foi o fundador dos cafés filosóficos na França, no ano de 1992. O espírito principal que conduz os cafés filosóficos é o da tolerância, do respeito, abertura e pluralismo. Posteriormente, desenvolveram-se outros modelos, tais como o atelier-phillo e o cine-phillo, que também podem assumir a designação de tertúlias filosóficas. Trata-se de um instrumento para recolocar a filosofia no centro da sociedade contemporânea, através do debate livre de ideias, promovendo uma cidadania responsável.

Os cafés filosóficos foram alvo de críticas, pois alguns filósofos e intelectuais manifestaram-se contra o caráter espontâneo e popular do debate. Entretanto outros, como Edgar Morin, preferiram salientar que na Agora que era um espaço ateniense onde as pessoas podiam participar, independentemente da sua formação filosófica. Na atualidade quais são as contribuições da tertúlia filosófica no espaço escolar?



Comentário - Professora

O objetivo das tertúlias filosóficas no espaço escolar, é promover a participação dos estudantes ao debate livre e democrático, desenvolvendo a consciência da cidadania e discutindo assuntos filosóficos de interesse geral.

No Brasil as tertúlias dialógicas foram inseridas como uma metodologia de êxito no início dos anos 2000 através do projeto Comunidades de Aprendizagem. No ano de 2014, o Instituto Natura consolidou o projeto Comunidade de Aprendizagem na Escola, atualmente presente em mais de 300 escolas no Brasil e 37 em outros três países da América Latina. O projeto que visa uma educação de êxito para todas as crianças e jovens buscando, ao mesmo tempo, eficácia, equidade e coesão social.

Na sociedade atual, a aprendizagem depende cada vez mais da correlação das interações que os estudantes estabelecem na escola com todas as pessoas de seu entorno, bem como na vivência em múltiplos espaços a que têm acesso. Desta forma promover espaços de troca de conhecimento tendo como base obras clássicas é de grande significatividade para a formação intelectual e cultural do estudante.



Aluno

O encanto por essa metodologia é perceber que a voz literalmente é do "aluno" pois existe a abertura para pontos de vistas diferentes promovendo a flexibilização do discurso autoritário muitas vezes enrijecido na escola, o que permite ao aluno ter mais confiança no seu conhecimento dando abertura ao diálogo.

Aluno

A tertúlia filosófica é um espaço significativo, pois envolve o aprendizado e o conhecimento através da leitura, dando suporte teórico crítico às angústias do estudante, e pelo viés igualitário e dialógico o aluno sente-se livre para expressar seus pensamentos, pois a leitura e o espaço para expor sua fala lhe proporciona isso.



Essa metodologia é bem interessante. Quais são os passos para que outros professores possam também aplicar as tertúlias filosóficas em suas aulas?

Sobre a estrutura da tertúlia, uma figura central e de grande relevância é o moderador. O papel do moderador é de organizar e mediar a leitura. Organizando o turno da palavra promovendo a essência da tertúlia filosófica. Diálogo igualitário, livre de julgamentos. Durante o turno da palavra são colocadas diferentes opiniões sobre os diversos trechos destacados. Com a motivação do mediador, cada estudante se empenha em levantar argumentos, ideias que fundamentem seu ponto de vista. A opinião de todos é muito importante e, o melhor, é que não há certo ou errado e que esse espaço pode ser usado para trazer, inclusive, dúvidas.

• A estrutura da tertúlia filosófica é a seguinte:

- 1 Passo - Papel do moderador: O primeiro passo é o moderador ter clareza do seu papel: organizar a conversa e favorecer a participação de todos. O moderador não explica, não apresenta, nem contextualiza a obra. A forma como o moderador organiza a conversa garante a predominância do diálogo igualitário. Por isso, é importante que ele não proponha nenhuma análise da obra que lhe pareça mais crítica e profunda, evitando assim estabelecer uma interação de poder com os participantes.

- 2 Passo - Escolha do livro: O livro de literatura clássica universal é previamente escolhido tendo como base o grupo que irá participar da tertúlia, assim como as páginas que serão debatidas no dia do encontro.

- 3 Passo - Leitura do livro: Os participantes leem as páginas selecionadas para a Tertúlia e cada um escolhe um trecho para compartilhar e explicar por que gostou ou não e o que chamou sua atenção.

- 4 passo - Turno da palavra: O moderador abre o turno da palavra perguntando quem gostaria de compartilhar o trecho escolhido. Anota a ordem das pessoas que querem falar e dá a palavra ao primeiro da lista. Ao favorecer que todos coloquem seus argumentos e opiniões, o moderador garante o respeito, a diversidade de pontos de vista e a participação igualitária. Assim, todas as pessoas podem se expressar livremente e sem restrições, independentemente de seus conhecimentos acadêmicos ou bagagem cultural.

- 5 passo - Leitura e argumentação: A primeira pessoa indica a página onde está o trecho escolhido, lê em voz alta e argumenta por que o escolheu. Nesse exercício de leitura e explanação, os estudantes aprendem a argumentar e compartilhar as experiências e reflexões motivadas pela leitura, reforçando sua compreensão leitora e expressão oral, além de uma postura crítica e reflexiva.

- 6 passo - Comentários: Os participantes tem a oportunidade de fazer comentários sobre o que foi lido e debatido. Quando se dá aos participantes a oportunidade de comentar o trecho lido e ouvir os comentários dos demais, a compreensão leitora aumenta, favorecendo tanto a ampliação da interpretação inicial do texto e das reflexões desencadeadas por ele, quanto a transformação da própria pessoa. Essa interação também reforça a aprendizagem instrumental, sobretudo a leitura, uma vez que o objetivo das tertúlias é estimular nos alunos essa competência.

- 7 passo- Ciclo da tertúlia - Depois que todos os comentários sobre o primeiro trecho lido foram feitos, o moderador dá a palavra ao próximo nome da lista de inscritos. Após a leitura e argumentação, o moderador abre um novo turno de palavra para comentários críticos e reflexões dos demais participantes sobre o segundo trecho lido. Segue esse procedimento de respeitar a ordem do primeiro turno e abrir novos turnos, até que todos tenham sua palavra garantida. Para finalizar, o grupo escolhe o trecho a ser lido para a próxima tertúlia.

Importante: Para criar um ambiente de confiança, é importante que as tertúlias tenham uma regularidade, ou seja, que aconteçam sempre no mesmo local, horário e frequência.

Então de modo resumido podemos organizar a tertúlla filosófica dessa forma?

Antes

- Escolha do moderador e do livro a ser lido.
- Leitura das páginas selecionadas e escolha do trecho para compartilhar.

Depois

- Leitura das páginas selecionadas para a próxima tertúlla e escolha do trecho a compartilhar.

Durante

- O moderador abre o primeiro turno de palavra e respeita sua ordem até o final.
- A cada trecho lido, o moderador abre novo turno para comentários.

Ao final, o grupo de participantes combina qual trecho será lido para a próxima tertúlla.



Neste segmento, gostaríamos de refletir sobre algumas questões em aberto relacionadas ao tema.

Como professora e aplicadora da tertúlla quais foram os desafios e fortalezas ao aplicar essa metodologia?

Comentários e análises sobre essas questões em aberto

Carmenylla - Professora

Podemos destacar como desafio que a metodologia das tertúllas filosóficas consiste na leitura de clássicos da Filosofia. Porém podemos encontrar grande resistência por parte dos estudantes à leitura dos clássicos. Alegam que são textos complicados, distantes de suas realidades, que apresentam um vocabulário difícil e que acabam por se desinteressar da leitura, considerando-a uma atividade enfadonha.

E sobre um ponto forte da tertúllas podemos destacar que as práticas da tertúlla filosófica podem aumentar o vocabulário dos estudantes, melhoram a expressão oral e escrita, ampliam a compreensão leitora, o pensamento crítico e a capacidade de argumentação em todos os envolvidos, produzindo importantes transformações na superação de desigualdades.

A tertúlla possibilita o pensar filosófico que pode ser relacionado com as problemáticas do cotidiano. A metodologia da tertúlla filosófica funciona como viés de ligação entre filosofia, o aluno e a sua realidade. Através do incentivo à leitura de obras clássicas e do diálogo democrático o aluno poderá alcançar sua autonomia.

Aprentador

E vocês como alunos, como foi participar das tertúllas filosóficas?

Aluna - Aluno

Fala livre

leilla - Aluna

Fala livre



Se você se interessou por este tema? Recomendamos algumas leituras para aprofundar seu conhecimento.

Podem acessar o site https://www.comunidadeaprendizagem.com/uploads/materials_acessado/27/08/2022

CERLETTI, A. O ensino de filosofia como problema filosófico. Tradução de Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

ENSINO E APRENDIZAGEM. Saída do Conhecimento, [S. l.], v. 5, n. 5, 2019. Disponível em:

<https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaoconhecimento>

<https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaoconhecimento>

FRANCESCONI, L. O PROTAGONISMO COMO ELEMENTO NORTEADOR NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM. Saída do Conhecimento, [S. l.], v. 5, n. 5, 2019. Disponível em:

<https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaoconhecimento>

FREIRE, Paulo. A importância do ato de Ler. 29. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

FRANCESCONI, L. O PROTAGONISMO COMO ELEMENTO NORTEADOR NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM. Saída do Conhecimento, [S. l.], v. 5, n. 5, 2019. Disponível em:

<https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaoconhecimento>

<https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaoconhecimento>

Referências das obras utilizadas na tertúlia filosófica

NIETZSCHE Friedrich Wilhelm. Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PLATÃO. Apologia de Sócrates. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. O Pequeno Príncipe. Tradução de Dom Marcos Barbosa. Rio de Janeiro: Agir, 2001.

SILVANA, Menezes. Só sei que nada sei. 2 Ed., editora Cortez, 2011.

Encerramento

Apresentador

Com esse mar de conhecimento encerramos nosso episódio de hoje do **FILLOCAST**. Agradeço a [Nome dos Convidados] por suas valiosas contribuições.

Lembre-se de se inscrever no nosso podcast e deixar uma avaliação se gostou do episódio.

Até a próxima vez, continue explorando o mundo da filosofia e pensamento crítico. Adeus!





DISPONÍVEL
GRATUITAMENTE
NAS SEGUINTE
PLATAFORMAS



Spotify

<https://open.spotify.com/episode/7x52v8Pwrrd...>
2. <https://open.spotify.com/episode/7x52v8Pwrrd...>



Youtube

<https://www.youtube.com/watch?v=011G0H5Tg...>
2. <https://www.youtube.com/watch?v=011G0H5Tg...>



ANEXOS

ANEXO A - Modelo de solicitação de autorização para pesquisa.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS -CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA - PROF-FILO



SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA.

Eu, Carmemylla Batista Vieira , Matrícula/UFMA N°2022101326 , responsável principal pelo Projeto de Pesquisa e Intervenção para dissertação de Mestrado em Filosofia do PROF-FILO da Universidade Federal do Maranhão-UFMA, venho solicitar autorização do Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IEMA pleno Bacabeira , para realizar a pesquisa sobre metodologia de ensino de filosofia com os(as) alunos dos dessa escola, conforme apresentado no Projeto de Pesquisa intitulado: A TERTÚLIA FILOSÓFICA NO ENSINO DE FILOSOFIA: Uma

experiência prática de ensino no Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IEMA Pleno Bacabeira, que tem por objetivo primário: propor a análise da Tertúlia filosófica como uma metodologia de ensino de filosofia no Ensino Médio, durante a disciplina eletiva de Filosofia no Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IEMA pleno Bacabeira . Esta pesquisa está sendo orientada pelo Professor Dr. Helder Machado Passos.

Contando com a autorização desta instituição, coloco-me à disposição para qualquer esclarecimento.

Carmemylla Batista Vieira
 Pesquisador Responsável PROF-FILO – UFMA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS -CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA - PROF-FILO



SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA.

Eu, Carmemylla Batista Vieira, Matrícula/UFMA N°2022101326, responsável principal pelo Projeto de Pesquisa e Intervenção para dissertação de Mestrado em Filosofia do PROF-FILO da Universidade Federal do Maranhão-UFMA, venho solicitar autorização do Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IEMA Pleno Bacabeira, localizado na avenida Humberto de Campos, nº 407, bairro centro, CEP 65143-000 na cidade de Bacabeira -MA.

Tenho ciência de que a pesquisa tem como proposta realizar investigações qualitativas e/ ou quantitativas (do tipo entrevistas, observação participantes, etc.) com alunos, visando, por parte do referido aluno a realização de um trabalho de conclusão de curso intitulado: A TERTÚLIA FILOSÓFICA NO ENSINO DE FILOSOFIA: Uma

experiência prática de ensino no Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IEMA Pleno Bacabeira.

Entendo que essa pesquisa tem finalidade de investigação acadêmica, que os dados obtidos poderão ser divulgados em meios científicos, preservando o anonimato dos (as) participantes e assegurando assim sua privacidade. Portanto, requeremos a permissão da gestora geral do Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IEMA Pleno Bacabeira para realização do trabalho para conclusão do mestrado da aluna Carmemylla Batista Vieira.

Assinatura da gestão geral

Bacabeira - MA, ___ de _____ de 2023.

ANEXO B - Modelo do termo de esclarecimento e consentimento livre e esclarecido (para o estudante menor de idade)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS -CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA - PROF-FILO



TERMO DE ESCLARECIMENTO E CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Para estudante menor de idade)

Concordo que participe, como voluntário (a), do estudo quem tem como responsável o estudante de pós-graduação Carmemylla Batista Vieira aluna regularmente matriculada no Mestrado Profissional em Filosofia (PROF FILO) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), que pode ser contactado pelo e-mail carmemylla.vieira@prof.edu.ma.gov.br e pelo telefone (98) 988966315. Esta pesquisa encontra-se sobre a orientação do Profº Drº Helder Machado Passos.

Tendo ciência de que a pesquisa tem como proposta realizar investigações qualitativas e/ ou quantitativas (do tipo entrevistas, observação participantes, etc.) com alunos, vinculados ao Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão

– IEMA Pleno Bacabeira, visando, por parte, do referido (a) aluno (a) a realização de um trabalho de curso intitulado A TERTÚLIA FILOSÓFICA NO ENSINO DE FILOSOFIA: Uma experiência prática de ensino no Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IEMA Pleno Bacabeira.

A participação do meu (minha) filho (a) consistirá em conceder entrevista, responder questionários, interagir em grupo de estudo filosófico, debates e participar da elaboração de um podcast. Entendo que essa pesquisa tem finalidade de investigação acadêmica, que os dados obtidos poderão ser divulgados em meios científicos, preservando o anonimato dos (as) participantes e assegurando assim sua privacidade.

Ademais, sei que posso interromper a participação do meu (minha) filho(a) na pesquisa quando quiser e que ele (a) não receberá nenhum pagamento por esta participação.

Bacabeira MA, dia ___ de _____ de 2023.

(Assinatura do responsável)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS -CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA - PROF-FILO



**TERMO DE ESCLARECIMENTO E CONSENTIMENTO LIVRE E
 ESCLARECIDO**

(Para estudante menor de idade)

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada A TERTÚLIA FILOSÓFICA NO ENSINO DE FILOSOFIA: Uma experiência prática de ensino no Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IEMA Pleno Bacabeira, conduzida por Carmemylla Batista Vieira pesquisador responsável, e orientada pelo Professor Dr. Helder Machado Passos, ambos do Programa de Mestrado em Filosofia PROF-FILO da Universidade Federal do Maranhão. Este estudo tem por objetivo principal apresentar uma proposta metodológica de ensino de filosofia na prática do ensino da disciplina de Filosofia no Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IEMA Pleno Bacabeira.

Você foi selecionado(a) por ser estudante do Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IEMA Pleno Bacabeira e estar dentro dos critérios de participante da pesquisa. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo. A participação não será remunerada nem implicará gastos para os participantes, se surgirem eventuais despesas de participação, elas serão custeadas ou ressarcidas pela pesquisa.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em participar no preenchimento dos questionários, seminários, discussões, rodas de conversas com os outros estudantes e professores, sobre os objetivos que devem ser atingidos com o ensino de filosofia e uma

reflexão sobre a prática na escola. Contar sempre com a participação e orientação do pesquisador responsável.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação. O pesquisador responsável se compromete a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de participantes, em que o informante será identificado por um nome fictício no texto da pesquisa.

Caso você concorde em participar desta pesquisa, seu responsável legal assinará ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas para o responsável legal, e a outra, do pesquisador responsável da pesquisa. Seguem os telefones e o endereço institucional do pesquisador responsável, em que você poder tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento.

Contatos do pesquisador responsável: Carmemylla Batista Vieira; e-mail: carmemylla.vieira@prof.edu.ma.gov.br ; Fone/WhatsApp: (98) 988966315 Orientador da Pesquisa: Professor Drº Helder Machado Passos ; e-mail: helder.passos@ufma.br.

ANEXO C - Modelo do termo de autorização de uso de imagem aluno(a) menor de idade.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS -CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA - PROF-FILO



**TERMO DE ESCLARECIMENTO E CONSENTIMENTO LIVRE E
 ESCLARECIDO**

(Termo de Autorização de uso de imagem aluno(a) menor de idade.)

Eu, _____ (responsável legal), nacionalidade: _____, estado civil: _____, portador da Cédula de Identidade RG nº _____, inscrito no CPF sob nº _____, residente à Rua _____, nº _____, na cidade de _____ – MA, representante legal de aluno(a) _____, nacionalidade: _____, data de nascimento: ___/___/_____, menor de idade, aluno(a) do Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IEMA Pleno Bacabeira AUTORIZO o uso da imagem de meu filho(a), em todo e qualquer material entre fotos e documentos, para ser utilizada NO PODCAST institucional do Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IEMA Pleno Bacabeira, com sede na _____, nº _____, Bacabeira -MA, inscrita no CNPJ sob o nº _____, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral e/ou apenas para alunos da escola.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional, sob qualquer forma e meios, ou seja, em destaques: (I) texto dissertativo; (II) cartilha; folhetos em geral; (III) folder de apresentação; (IV) anúncios em revistas e jornais em geral; (V) home page; (VI) cartazes; (VII) mídia eletrônica.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito da imagem de meu filho(a), sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à sua imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 (duas) vias de igual teor e forma.

Bacabeira – MA, ___/___/___

Responsável Legal

Nome do aluno: Telefone p/ contato:

ANEXO D - Modelo do termo de assentimento livre e esclarecido (tale)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS -CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA - PROF-FILO



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO (1ª via)

Eu, _____, abaixo assinado, dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário (a) da pesquisa citada, sob a responsabilidade do mestrando (a) do curso de Mestrado

Profissional em Filosofia PROF-FILO da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), sob a orientação do Prof.º Dr.º Helder Machado Passos do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Assinando este Termo de Consentimento estou ciente de que:

- 1) O objetivo principal é analisar a Tertúlia filosófica como uma metodologia de ensino de filosofia, no Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão.
- 2) Essa pesquisa acontecerá em uma turma do primeiro ano, da referida escola, como grupo amostral. O pesquisador (a) usará os seguintes instrumentos: um questionário para coletar dados socioeconômico e étnico-cultural, um questionário prévio à pesquisa e um questionário pós intervenção metodológica a ser aplicado com os sujeitos da pesquisa.
- 3) Obtive todas as informações necessárias para decidir conscientemente sobre minha participação na mencionada pesquisa.
- 4) As respostas a estes instrumentos não apresentam riscos conhecidos à saúde física e mental, possivelmente não causará constrangimentos. Mas, não se exime a possibilidade de certa timidez e/ou ansiedade.
- 5) Para amenizar ou eliminar possíveis desconfortos, o pesquisador oferecerá o roteiro da entrevista impresso para que o participante conheça o conteúdo. Se essas situações continuarem, o pesquisador dialogará visando diminuí-las. Caso

haja persistência, será indagado se o (a) participante deseja interromper temporária ou definitivamente sua participação – se essa resposta for afirmativa, será encerrada a entrevista.

- 6) As informações pessoais serão mantidas em sigilo e os resultados gerais obtidos na pesquisa serão utilizados apenas para alcançar o objetivo do estudo, incluindo-se sua publicação na literatura científica especializada.
- 7) Estou livre para interromper a qualquer momento minha participação na pesquisa.
- 8) Comitê de Ética em Pesquisa poderá ser contatado para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo e-mail: cepufma@ufma.br. O orientando e a orientador podem ser procurados no seguinte endereço institucional: Av. dos Portugueses, 1966, Bacanga, CEP: 65.085-580. São Luís - MA, Secretaria do Mestrado Profissional em Filosofia - PROF-FILO - Fones: (98) 9134-6663. Poderá entrar em contato com o responsável pela pesquisa sempre que julgar necessário, pelo telefone: (98) 988966315
- 9) Este Termo de Consentimento é feito em duas vias, sendo que uma permanecerá em meu poder e a outra com a pesquisadora responsável.

Data / / 2023

Assinatura do participante: _____



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS -CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA - PROF-FILO



TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

(Elaborado de acordo com a Resolução nº 466/2012 – CNS/CONEP e da Resolução no 510/16 - CNS/CONEP)

Você está convidado (a) a participar da pesquisa intitulada _____ sob a responsabilidade do mestrando (a), Carmemylla Batista Vieira, e do (a) orientador (a), Prof.º Dr.º Helder Machado Passos, do Programa de Mestrado Profissional em Filosofia PROF-FILO da Universidade Federal do Maranhão – Campus São Luís.

Ao assinar este documento, estou ciente de que:

1. O principal objetivo da pesquisa é analisar a Tertúlia filosófica como uma metodologia de ensino de filosofia, no Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão.
2. Essa pesquisa acontecerá em uma turma do primeiro ano, da referida escola, como grupo amostral. O pesquisador (a) usará os seguintes instrumentos: um questionário para coletar dados socioeconômico e étnico-cultural, um questionário prévio à pesquisa e um questionário pós intervenção metodológica a ser aplicado com os sujeitos da pesquisa.
3. Os nomes dos participantes, assim como, todas as informações que possam identificar a participação deles, serão mantidas em sigilo absoluto, durante todo o processo e depois do término da pesquisa.
4. As informações obtidas por intermédio dos instrumentos mencionados não apresentam riscos conhecidos à saúde física e mental, possivelmente, não causará constrangimentos. Mas, não se exime a possibilidade de certa timidez e/ou ansiedade, por se tratar de sujeitos que estão em fase de construção da subjetividade e pelo desconhecimento do teor da entrevista. Para amenizar ou eliminar possíveis desconfortos, o pesquisador oferecerá o roteiro da entrevista impresso para que o participante conheça o conteúdo. Se essas situações continuarem, o pesquisador dialogará visando diminuí-las. Caso haja

persistência, será indagado se o (a) participante deseja interromper temporária ou definitivamente sua participação – se essa resposta for afirmativa, será encerrada a entrevista. Convém ressaltar, que a decisão de participação será do adolescente e a autorização será de um dos pais ou responsável.

5. Os benefícios previstos aos participantes referem-se à possibilidade de reflexões relacionadas a uma melhor aprendizagem da disciplina Filosofia, Após essas reflexões poderá ser desenvolvido melhor entendimento para toda a sociedade sobre um ensino filosófico crítico-reflexivo a partir da arte de narrar histórias.
6. Durante a pesquisa serão garantidos os seguintes direitos: a) esclarecimento (s) e resposta (s) de pergunta (s); b) liberdade para abandonar a pesquisa a qualquer momento sem prejuízo ao participante e à instituição; e c) diálogo sobre algum desconforto ou inquietação ocorrida que possa ocorrer na (s) investigação (ões) proposta (s).
7. As informações da pesquisa serão guardadas - sob a responsabilidade do (a) pesquisador (a) - em arquivo impresso e digital durante e após o término da pesquisa.
8. O Comitê de Ética em Pesquisa poderá ser contatado para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo e-mail: cepufma@ufma.br. O orientando e a orientador podem ser procurados no seguinte endereço institucional: Av. dos Portugueses, 1966, Bacanga, CEP: 65.085-580. São Luís - MA, Secretaria do Mestrado Profissional em Filosofia - PROF-FILO - Fones: (98) 9134-6663. Poderá entrar em contato com o responsável pela pesquisa sempre que julgar necessário, pelo telefone: (98) 988966315.

Assentimento Livre e Esclarecido

Eu _____ após ter recebido todos os esclarecimentos e assinado o TALE, confirmo que o (a) adolescente, _____ recebeu os esclarecimentos necessários, e concorda em participar desta pesquisa. Dessa forma, assino este termo, juntamente com o pesquisador, em duas vias de igual teor, ficando uma via sob o meu poder e outra em poder do pesquisador

Local: São Luís, _____ de _____ de 2023

Assinatura do responsável: _____

Assinatura do Pesquisador: _____